

**O morgadio e vínculo  
da Capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios  
em Vila Real**  
Luís Miguel  
Pulido Garcia Cardoso de Menezes



Cadernos Culturais  
Câmara Municipal de Vila Real







Câmara Municipal  
Presidente  
Rui Jorge Cordeiro Gonçalves dos Santos  
Vereadora da Cultura  
Eugénia Margarida Coutinho da Silva Almeida

Grémio Literário Vila-Realense  
Responsável  
António Manuel Pires Cabral

*Título: O morgadio e vínculo da Capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em Vila Real*

Autor: Luís Miguel Pulido Garcia Cardoso de Menezes

Caderno Cultural n.º 19, IV Série

Edição: Grémio Literário Vila-Realense • **Câmara Municipal de Vila Real**

gremio.cm-vilareal.pt • cm-vilareal.pt

Vila Real, Fevereiro de 2018

Tiragem: 300 exemplares

Depósito Legal: 436371/18

Composto e impresso: Minerva Transmontana, Tipografia, Lda. — Vila Real



**O morgadio e vínculo  
da Capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios  
em Vila Real**  
Luís Miguel  
Pulido Garcia Cardoso de Menezes

Cadernos Culturais  
Câmara Municipal de Vila Real





## Introdução

A capela de S.<sup>to</sup> António na freguesia de S. João Baptista de Arroios, Vila Real, região de Trás-os-Montes e Alto Douro, está classificada como Imóvel de Interesse Público, por decreto n.º 45/93 de 30-11-1993.

Foi mandada construir em dedicação a S.<sup>to</sup> António pelo seu instituidor o Padre António Álvares Coelho (1623-1699), por testamento cerrado de vínculo e Morgado de Arroios em S. João Baptista de Arroios, Vila Real a 13-6-1690, iniciando-se no 2º quartel do século XVIII (1731) e tendo o seu término no início do 4º quartel (1776).

Este monumento religioso, apresenta características barrocas da escola de Nicolau Nasoni, na zona superior da frontaria, mas também elementos de linguagem *rocaille* nas janelas e capitéis; e ainda particularidades renascentistas, com cornijas, pilastras e capitéis coríntios.

Esteve este morgadio e capela, desde a sua fundação e instituição, na família Álvares Coelho (1690-1797), passando então para os Cardosos Pereira Pinto de Menezes (1797-1806), Rebelo de Matos e Rocha (1806-1911), Cardoso de Menezes dos Conde de Margaride (1911-1998), terminando na doação à Junta de freguesia de Arroios por vários membros da família Margaride (em 1998).

O presente artigo, vem completar, ampliar, colmatar e retificar alguns elementos, que foram publicados no artigo “O vínculo de morgado de Arroios e a sua capela de S.<sup>to</sup> António: subsídios para o seu estudo” da autoria de Joaquim C. Barreira Gonçalves, na revista *Tellus: Revista de cultura trasmontana e duriense* n.º 48 em 1998, e divide-se em cinco partes distintas: na 1ª destaca-se a descrição arquitectónica: apontamentos artísticos da Capela de S.<sup>to</sup> António

de Arroios em Vila Real; na 2<sup>a</sup> a evolução histórico-familiar da Capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em Vila Real; na 3<sup>a</sup> a genealogia da família Álvares Coelho e esquema genealógico dos titulares da Capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em Vila Real; na 4<sup>a</sup> a cronologia da Capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em Vila Real; e na 5<sup>a</sup> o quadro dos administradores e proprietários do vínculo, morgadio e Capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em Vila Real.

Se as razões acima apontadas não fossem suficientes, bastaria a meu ver a sua longa recuperação (1998-2016), abertura, bênção e missa celebrada por D. Amândio José Tomás (1943- ), Bispo de Vila Real (2011- ) e presidida pelo Eng. Rui Jorge Cordeiro Gonçalves dos Santos, presidente da Câmara Municipal de Vila Real a 25-8-2013.

*Luís Miguel Pulido Garcia Cardoso de Menezes*<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> cf. Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (2005), Licenciatura em História pela Universidade Autónoma de Lisboa “Luís de Camões” (1990), Curso de Especialização em Ciências Documentais, na opção de Documentação e Biblioteca pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1998-2000), Sócio do Instituto Português de Heráldica e da Associação Portuguesa de Genealogia; documentalista e bibliotecário do sector audiovisual.

## **Descrição arquitectónica: apontamentos artísticos da Capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em Vila Real**



Retábulo com S.<sup>to</sup> António com o Menino Jesus no lado superior esquerdo,  
N. S.<sup>ra</sup> das Dores na parte central e de S. João Baptista no lado superior direito  
da Capela de S.<sup>to</sup> António em S. João Baptista de Arroios em Vila Real (coleção do autor)



Retábulo (fotografia do autor) e grande plano de N. S.<sup>ra</sup> das Dores na parte central da Capela de S.<sup>to</sup> António em S. João Baptista de Arroios em Vila Real (Associação de Municípios Douro Alliance - Rui Martins)

A Capela de S.<sup>to</sup> António em S. João Baptista de Arroios, Vila Real em invocação a S.<sup>to</sup> António (e não dedicada a N. S.<sup>ra</sup> das Dores, como frequente e recentemente é denominada), está classificada como IIP - Imóvel de Interesse Público, por decreto n.º 45/93 de 30-11-1993, e foi mandada edificar em 1731, terminado as obras da mesma em 1776.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> cf. A denominação correcta é sempre Capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios, como se poderá verificar no assento de casamento de Manuel Álvares Coelho de Faria com D. Josefa Felizarda Joaquina de Menezes e Silva com dispensa de banhos e por procuração de Manuel António de Carvalho e Mello, do lugar de Gouvinhas na Capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em S. João Baptista, Vila Real em 15-1-1784 «*Foram recebidos na sua Capella de Santo Antonio em Arroyos, com licença que obteve do mesmo Real Senhor [D. João, Príncipe Regente] [e] pormim Jeronimo de Carvalho Homem, Parocho desta freguesia de Sam Joam de Arroyos (...)»*, in Arquivo Distrital de Vila Real, Arroios, Casamentos 15 (1767-1801), 1784, TIF. 21 e 23 e óbito de Manuel Álvares Coelho de Faria a 4-7-1797 «*foi sepultado na sua Capella de Santo Antonio no mesmo lugar de Arroyos pello assim determinar no seu testamento com*

Este monumento religioso, segundo Barreira Gonçalves e Rosário Carvalho, é uma construção barroca da escola de Nicolau Nasoni, nomeadamente na frontaria / fachada, com uma decoração mais intensa, pesada, robusta e vigorosa na zona superior.



Capela de S.<sup>to</sup> António em S. João Baptista de Arroios em Vila Real (coleção do autor)

Os elementos da janela e dos capitéis revelam uma linguagem *rocaille*.

Apresenta ainda diversas características renascentistas, com cornijas, pilastras e capitéis de armação coríntia, mas completa a sua estruturação artística e figurativa com acabamentos barrocos, exibindo bastantes aspectos decorativos semelhantes com a Capela Nova em Vila Real.<sup>3</sup>

---

*que falleceo e foi sepultado no dia sinco do perdido mês» e de D. Josefa Felizarda Joaquina de Menezes e Silva a 5-3-1799 «foi absolvida sub condifione, não fez testamento e foi sepultada na sua Capella de Santo António (...)).*

<sup>3</sup> cf. Joaquim C. Barreira Gonçalves - O vínculo de morgado de Arroios e a sua capela de S.<sup>to</sup> António: subsídios para o seu estudo, in revista Tellus: Revista de cultura trasmontana e



Capela Nova (ou de S. Paulo) em Vila Real (coleção do autor)

A Capela de Arroios, para Rosário Carvalho, destaca-se pela fachada de forte sentido de verticalidade, que manifesta-se através de pilastras molduradas e com capitéis coríntios que rodeiam o portal no primeiro registo, e que são prolongados em altura através de molduras no frontão, e de pináculos trabalhados sobre plintos, que rematam o registo superior da fachada.

Os motivos decorativos circunscrevem-se à janela quadriculada por gradeados e às zonas enquadradas pelas pilastras.<sup>4</sup>

---

duriense, n.º 48, Vila Real: Grémio Literário Vila-Realense / Câmara Municipal de Vila Real, 2008, pp. 50-53, 66 e Rosário Carvalho - Capela de Arroios, in Património Cultural - Direção Geral do Património Cultural, site: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74847/>

<sup>4</sup> cf. Rosário Carvalho - Capela de Arroios, in Património Cultural - Direção Geral do Património Cultural, site: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74847/>



O eixo central é formado pelo portal de moldura de linhas rectas e pela janela curvilínea, inserindo-se no tímpano do frontão o brasão de armas da família (escudo de armas esquartelado: 1º de Coelho; 2º de Cunha; 3º de Faria; e 4º Correia; timbre: Coelho). O frontão contracurvado é rematado ao centro por uma cruz latina.



Fachada lateral da Capela de S.<sup>to</sup> António em S. João Baptista de Arroios em Vila Real

As fachadas laterais, segundo Rosário Carvalho, apresentam uma grande unidade arquitectónica, sendo percorridas pelo mesmo entablamento da fachada principal e os cunhais, são marcados por pilastras molduradas, que não apresentam capitel nos cunhais correspondentes à capela-mor e são prolongados por pináculos sobre plintos. Na empena, encontra-se uma cruz mais baixa que a da fachada.<sup>5</sup>

<sup>5</sup> cf. Rosário Carvalho - Capela de Arroios, in Património Cultural - Direção Geral do Património Cultural, site: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74847/>



Retábulo da Capela de S.<sup>to</sup> António em S. João Baptista de Arroios em Vila Real (Associação de Municípios Douro Alliance - Rui Martins) e 2.<sup>a</sup> fotografia colecção do autor

O interior da Capela de Arroios, para Barreira Gonçalves e Rosário Carvalho, é enriquecido pela talha policromada, que se desenvolve, num retábulo em aparente ascensão, desde o altar-mor de talha barroca policromada em tons branco e dourado, que se encontra num plano superior em relação à capela-mor, com vários sucedâneos até ao fulcro cimeiro em abraços de colunas e pilastras intermediadas por dourados estilizados com exemplares de carácter exclusivamente vegetalista, cujo acesso é efectuado através de três degraus de planta semicircular.<sup>6</sup> O retábulo da Capela apresenta-se com S.<sup>to</sup> António com o Menino Jesus no lado superior esquerdo, N. S.<sup>ra</sup> das Dores na parte central e de S. João Baptista no lado superior direito.

<sup>6</sup> cf. Joaquim C. Barreira Gonçalves - O vínculo de morgado de Arroios e a sua capela de S.<sup>to</sup> António: subsídios para o seu estudo, in revista Tellus: Revista de cultura trasmontana e duriense, n.º 48, Vila Real: Grémio Literário Vila-Realense / Câmara Municipal de Vila Real, 2008, pp. 52-53, 66 e Rosário Carvalho - Capela de Arroios, in Património Cultural - Direção Geral do Património Cultural, site: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74847/>



Coro alto e púlpito da Capela de S.º António em S. João Baptista de Arroios  
em Vila Real (Associação de Municípios Douro Alliance - Rui Martins)

O coro alto, apresenta uma balaustrada e gradeamento vazado, vedando o varandim também de talha branca que se sobrepõem ao arco abatido sobre a entrada principal, tal como o púlpito, que se sobressai de uma mísula de força saliente na parede em forma de transição para o coro, que partilham uma escadaria de acesso, situada entre a nave a sacristia.



Sacrário e pia de água benta da Capela de S.º António em S. João Baptista de Arroios  
em Vila Real (Associação de Municípios Douro Alliance - Rui Martins)

## A evolução histórico-familiar da Capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em Vila Real

A Capela de Arroios, foi mandada erigir em invocação de S.<sup>to</sup> António, provavelmente devido ao nome do seu instituidor o Padre António Álvares Coelho (1623-1699), Reitor e encomendado na freguesia de Vale de Nogueiras em Vila Real, ou dada a devoção do mesmo prelado ao Santo Português.

Este monumento religioso, encontra-se localizado no vale da Gregosa, no caminho municipal 1238, hoje designado por Rua do Fundo do Povo e junto da Estrada Nacional 322, na freguesia de S. João Baptista de Arroios em Vila Real.<sup>7</sup>

A origem da Capela de S.<sup>to</sup> António em S. João Baptista de Arroios, Vila Real, está ligada a uma relevante instituição do passado jurídico e social do país - a dos morgados. Segundo afirma José Tavares Afonso e Cunha, na sua monografia “Notas Marinhoas”: *«diziam-se vinculados os bens que alguém sujeitava a uma especial e perpétua forma de sucessão, sem nunca poderem ser divididos nem alienados. A pessoa que os sujeitava a essa forma de transmissão chama-se instituidor e o encarregado de cumprir a vontade do instituidor, a pessoa que detinha e fruía os bens em sua vida, era o administrador. Se a instituição, se destinava a conservar o lustre e a nobreza da família, tinha o nome de morgado; se realizava a piedade do instituidor e tinha por fim sufrágios de alma, titulava-se de capela».*

Nem sempre esta distinção se apresentou claramente vincada, pois por via de regra, o morgado era acompanhado de encargos pios, missas e ofícios pelas almas do instituidor e dos

---

<sup>7</sup> cf. Joaquim C. Barreira Gonçalves, op. cit., p. 53.

seus familiares mais próximos e às capelas, andavam agregados rendimentos e benesses para os administradores mais vultuosos, que os directamente aplicados aos fins de piedade. Com o decorrer dos tempos, as capelas passaram a confundir-se com os morgados e a ser também designadas por este nome. Os morgadios, podiam ser de livre nomeação, quando ao administrador se deixava a escolha de quem lhe havia de suceder, e familiar ou de geração, quando devia verificar-se em membros de determinada família ou por laços de parentesco, normalmente com o instituidor. Dizia-se regular, quando seguia as normas estabelecidas para a sucessão legítima, e irregular, quando se operava em oposição ou divergência da ordem legal.<sup>8</sup>

A lei de 9-9-1769, aboliu e interditou as sucessões de administrador eclesiástico e a lei de 3-8-1770, reduzia os morgados irregulares, à natureza de regulares nas pessoas que os administrassem. A partir daqui, a sucessão deverá verificar-se na linha dos descendentes, quando transmitidos por ascendentes, e entre irmãos e filhos de irmãos, quando transmitidos por linha transversal. Assim, a sucessão dos vínculos, impedia os mesmos de poder andar em clérigo, e retirou-se aos seus administradores, a faculdade de nomearem os respectivos sucessores por modo oposto às regras legais estabelecidas.

A lei de 19-5-1863, aboliu o regime vincular e assim os bens que compunham os morgados e as capelas passaram a ser propriedade livre e alodial, dos que nessa data eram seus administradores.<sup>9</sup>

Este morgadio regular familiar ou de geração, desde cedo não cumpriu com as normas legais e disposições testamentárias dos seus instituidores, nomeadamente: 1º por andar em clérigos ou

---

<sup>8</sup> cf. José Tavares Afonso e Cunha - Notas Marinhoas: Notícias Históricas do concelho da Murtosa e das duas freguesias marinhoas do concelho de Estarreja, vol. 1, Murtosa: Livraria Ramos, 1965, p. 110.

<sup>9</sup> cf. José Tavares Afonso e Cunha, op. cit., p. 36.

religiosos (António José Álvares Coelho de Faria ( -1740); 2º por andar constantemente em linha feminina nas cônjuges (D. Brites de Barros e Faria ( - c. 1708) e D. Josefa Felizarda Joaquina de Menezes e Silva (1760-1799), irmãs e filhas (D. Helena Álvares Coelho (1634-1712), D. Brites de Barros ( -1752) e D. Mariana Joaquina de Barros de Faria (1718-1798), D. Ana Júlia Rebelo Cardoso de Menezes (1838-1911); 3º por sucederem filhos naturais ou perfilhados (Manuel Álvares Coelho de Faria (1715-1797); 4º por não colocarem no frontão / fachada da Capela de S.<sup>to</sup> António em S. João Baptista de Arroios, as armas dos Álvares e usado os apelidos Álvares Coelho, como estipulado pelos testamentários.

Tornou-se assim num morgadio irregular, que não cumpria com a legalidade vigente ou em divergência da ordem legal, e daí as múltiplas contendias jurídicas ao longo dos tempos, nomeadamente com a Casa de Mateus.

O vínculo primitivo da Capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios, em Vila Real foi instituído pelo Padre António Álvares Coelho (1623-1699), Reitor de Vale de Nogueiras e por seu irmão, Cristóvão Álvares Coelho (1629-1692), Desembargador, filhos de Domingos Esteves de Carvalho (c. 1573- ), Senhor da Casa de Arroios e de sua mulher D. Cecília Alvares Coelho (1589- ), que aparece a administrar em Arroios em 1643. Ambos os irmãos registam os seus testamentos no cartório do tabelião, João Pereira de Carvalho em Vila Real, com normas bastante rígidas para serem cumpridas pelos seus sucessores.<sup>10</sup>

O primeiro a averbar o seu testamento cerrado de vínculo do Morgado de Arroios em S. João Baptista de Arroios, foi o Padre **António Álvares Coelho**, Reitor e encomendado em Vale de Nogueiras (por vezes designada Valnogueiras) em Vila Real a 13-6-1690, que foi baptizado em S. João Baptista de Arroios, Vila Real a

---

<sup>10</sup> cf. Joaquim C. Barreira Gonçalves, op. cit., p. 53.



22-8-1623, e morreu a 9-4-1699.<sup>11</sup> Neste documento testamentário, deixava por testamenteiro seu irmão Cristóvão Álvares Coelho «e em sua ausencia ao Senhor António de Mattos de Carvalho (casado com sua irmã Helena) e ao Senhor Mathias Alvares Mourão meo sobrinho para que cada hum delles me faça cumprir meo testamento e lhe peço o queiram ser»; determinava que ficaria como seu herdeiro universal o dito irmão Cristóvão e deixava os seus bens vinculados num morgadio regular «Deixo por meo universal herdeiro a meo hirmão Dr. Christovão Alvares Coelho Deputado da Meza da Consciência e em caso que este seja falecido antes de mim instituo por meo herdeiro a seo filho Antonio Alvares Coelho meo sobrinho e na falta deste a seo filho Manuel (...) e quero que todos os meos bens andem sempre reunidos juntos e vinculados em Morgado»; depois indicava as cláusulas que ficavam vinculadas ao morgadio «vinculo estes meos bens para que andem no filho mais velho dos últimos possuidores prosedendo os machos às fêmeas do mesmo grau e so as fêmeas entram là coando faltar macho do mesmo grau e do mais próximo com declaração que não susederá neste Vinculo pessoa que tenha Raça e Nação hebreá, de Mouro, Mulato, ou de outra qualquer Nação Infecta, nem filho bastardo ou que desenda de algũa bastardia ainda que legitimo seja, e só então poderá ser Bastardo no cazo que faça em cada hũa das quatro linhas nomeadas descendente legitimo o que Deos não permita»; impunha ainda que o possuidor deste vínculo, tomasse e usasse os apelidos Álvares Coelho «todo o possuidor que ouver de entrar tome apelido de Alvares Coelhos se athe ahi não tiver por ser a minha

---

<sup>11</sup> cf. Arquivo Distrital de Vila Real, Arroios, Batismos 1 (1574-1670), TIF. 50, fl. 60 v.º; J.A. Teixeira - Fidalgos e Morgados de Vila Real e Seu Termo, Vila Real: Imprensa Artística, vol. I, 1946, Coelhos de Freitas - Morgado de Arroios - Senhores da Casa do Paço de Abambres, n.º 2, pp. 596 e 600-601; José Viriato Capela, coord.; Rogério Borralheiro, Henrique Matos - As freguesias do Distrito de Vila Real nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património, Braga: Barbosa & Xavier, Lda. - Artes Gráficas, 2006, p. 111; e Joaquim C. Barreira Gonçalves, op. cit., p. 55.

*vontade que eles se conservem para sempre na minha família, e sobre tais apelidos não haverá outros alguns por mais ilustres que sejam, e por que não servir tempo de fazer Rol dos Bens que são de Prazo, e dos Livres que a todo o sempre constar quais sejam vinculados (...)».* Pedia ainda para ser sepultado na igreja de S. João Baptista de Arroios, conforme sua última vontade.<sup>12</sup>

Segue-se o testamento cerrado de seu irmão mais novo **Cristóvão Álvares Coelho**, Moço Fidalgo da Casa Real, do Conselho de Sua Majestade Fidelíssima, Bacharel em Cânones pela Universidade de Coimbra, Colegial de S. Pedro de Coimbra (1660), Chanceler e Desembargador da Relação do Porto, Desembargador da Suplicação e Mesa de Consciência e Ordens de Lisboa (a 28-8-1675)<sup>13</sup>, baptizado em S. João Baptista de Arroios, Vila Real a 16-5-1629, e morreu a 30-1-1692, que vem a fortalecer e a beneficiar o morgadio de Arroios, com a obrigação de construção duma capela a 23-9-1691. Assim primeiramente instituíu no testamento como herdeiros os seus cinco filhos: *«instituo pro meus erdeiros a sinco filhos legitimos que tenho universalmente em que as suas legitimas que lhes cabem a saber: Donna Maria Coelho casada com Mathias Alvares Mourão de Mateus, António Alvarez Coelho, Luís de Freitas de Barros, Manoel Coelho de Freitas, e Donna Brites de Barros»*; deixava o 1/3 dos seus bens em vínculo de morgadio a seu filho mais velho António Álvares Coelho (1715-1797) *«e deixo o meu terço a meu filho António em Vincullo de Morgado com a sua legitima como adiante declara rei»*; de seguida nomeava os seus testamenteiros e obrigações do

<sup>12</sup> cf. J.A. Teixeira, op. cit., vol. I, 1946, Coelhos de Freitas - Morgado de Arroios - Senhores da Casa do Paço de Abambres, n.º 2, pp. 596 e 600-601 e Joaquim C. Barreira Gonçalves, pp. 55-58.

<sup>13</sup> cf. Arquivo Distrital de Vila Real, Arroios, Batismos 1 (1574-1670), TIF. 59, fl. 68 v.º; J.A. Teixeira, op. cit., vol. I, 1946, Coelhos de Freitas - Morgado de Arroios - Senhores da Casa do Paço de Abambres, n.º 2, pp. 596 e 602-603; Joaquim C. Barreira Gonçalves, op. cit., p. 54 e ANTT, Registo Geral de Mercês, Chancelaria de D. Afonso VI, Livro 28, fl. 45.



vínculo do morgado regular «*Item deixo por meus testamenteiros aos ditos meu irmão o Padre António Alvarez Coelho e António de Mattos de Carvalho...; Item por considerar que as famílias se con servam em melhor nobresa e tratamento se nellas há vinculo de morgado, quero que a legitima e tersso que deixo a meu filho António Alvarez Coelho ande sempre em Vincullo de morgado regular ... com clausulla de andar sempre unido no filho mais velho; debaixo das regras da representação assim na linha dos descendentes como na dos transverssais, neste porem declaro que se o meu transverssal que morrer sem filhos nem descendentes legítimos vier irmão e sobrinho de irmão digo e sobrinho de outro irmão mais velho vá a susseção ao sobrinho no caso somente que elle transverssal deixar unido a este morgado bens que rendão cem mil reis; e não os unido vá a sussesão ao irmão mais que se achar ...digo por se achar mais chegado em grão; Item ordeno que nessa susseção, não entre pessoa que tenha raça de judeo, mulato, ou de outra qualquer infecta nação, nem clérigo, nem relligiozo, porem se entrar na admenistração, antes de ser claerigo ou reliiegiozo poderá em sua vida admenistrar (...)»»; ordenava que os administradores do vínculo adoptassem os apelidos Álvares e Coelho; construíssem uma capela com as armas dos mesmos; e não pudessem alienar esses bens «*que os admenistradores logo que chegarem a entrar na admenistração deste Vincullo tomarão os apellidos de Alvarez Coelhos logo ao dipois do nome da pia, se já de antes o não **tiverem e se fará huma Cappella na Igreja ou em outra qualquer parte, e nella se porão as armas destes appellidos**, e uzarao delas nos seus sinetes (...); Item ordeno que nenhum dos admenistradores possa vender, trocar, nem por modo algum alhear os bens deste Vincullo (...)»*.<sup>14</sup>*

---

<sup>14</sup> cf. Joaquim C. Barreira Gonçalves, op. cit., pp. 58-60.



Brasão da Capela de Arroios na fachada da Capela de S.to António de Arroios em Vila Real e desenho que está na obra Fidalgos e Morgados de Vila Real e Seu Termo (página 595)

A pedra de armas de granito existente na fachada da Capela de S.<sup>to</sup> António em S. João Baptista de Arroios, Vila Real é constituída por um escudo de armas esquartelado: 1<sup>o</sup> Coelho: erradamente com cinco coelhos em sautor; 2<sup>o</sup> Cunha: nove cunhas, postas em 3, 3, 3; 3<sup>o</sup> Faria: torre acompanhada de cinco flores-de-lis, três em chefe e uma em cada flanco; e 4<sup>o</sup> Correia: fretado de seis peças; timbre: leão em sainte com um coelho nas garras.<sup>15</sup> Este brasão de armas encontra-se ainda representado na Casa do Paço em Abambres e na Casa de Valnogueiras em Vila Real.<sup>16</sup> As armas Coelho, provêm

<sup>15</sup> cf. As armas heráldicas dos Coelhos, são de ouro, leão de púrpura, armado e lampassado de vermelho e carregado de três faixas xadrezadas de azul e de ouro; bordadura de azul, carregada de cinco coelhos de prata manchados de negro; as dos Cunhas, de ouro, com nove cunhas de azul, postas 3, 3, 3; as dos Farias, de vermelho, com uma torre de prata, aberta e iluminada de negro, acompanhada de cinco flores-de-lis de prata, três em chefe e uma em cada flanco; e as dos Correias, de ouro, fretado de vermelho, de seis peças, in Afonso E.M. Zuquete - Armorial Lusitano, Lisboa: Editorial Enciclopédia, Lda. 1961, pp. 167-168 (Coelho), 176-178 (Correia), 187-188 (Cunha), Faria (206-208).

<sup>16</sup> cf. J.A. Teixeira, op. cit., vol. I, 1946, Coelhos de Freitas - Morgado de Arroios - Senhores da Casa do Paço de Abambres, n.º 3, pp. 597.

de Cristóvão Álvares Coelho (1629-1692) e as de Faria, de Brites de Barros de Faria ( - c. 1708), desconhecendo a origem das armas dos Cunha e Correia.

Pouco tempo administrou **Cristóvão Álvares Coelho** este vínculo, pois faleceu a 30-1-1692. Sucedeu-lhe no mesmo sua mulher **D. Brites Barros de Faria** ( - c. 1708), como 2<sup>a</sup> Administradora do morgado de Arroios em S. João Baptista de Arroios, Vila Real, pelo menos desde 1698 até 14-6-1708, provavelmente por seus filhos serem menores ou estarem ocupados com a educação clerical, sendo filha de **Miguel de Freitas de Barros**, Senhor da Casa de Arroios em Vila Real, morador na rua de S.<sup>ta</sup> Maria ou do Gado em Guimarães, natural de Guimarães e de **Margarida Borges Monteiro**, natural de S. Martinho de Val do Bouro, Celorico de Basto, Braga.

Do casal **Domingos Esteves de Carvalho** (c. 1573- ) e de sua mulher **D. Cecília Álvares Coelho** (1589- ), além dos dois filhos citados (António e Cristóvão Álvares Coelho) houve ainda: **João**, baptizado em S. João Baptista de Arroios, Vila Real a 22-11-1618<sup>17</sup>; **D. Paula de Figueiredo**, baptizada em S. João Baptista de Arroios, Vila Real a 19-8-1621<sup>18</sup>, casada com **António Teixeira de Araújo de Magalhães**, o Cego, Senhor da Casa da Calçada em Vila Real, nasceu cerca de 1620; com geração; **D. Helena Álvares Coelho**, baptizada em S. João Baptista de Arroios, Vila Real a 17-9-1634<sup>19</sup>, casada com **António de Matos de Carvalho**, abaixo citada; e **D. Rosa de Jesus**, freira no Convento de S.<sup>ta</sup> Clara de Vila Real.

---

<sup>17</sup> cf. Arquivo Distrital de Vila Real, Arroios, Batismos 1 (1574-1670), TIF. 43, fl. 33 v.º

<sup>18</sup> cf. Arquivo Distrital de Vila Real, Arroios, Batismos 1 (1574-1670), TIF. 47, fl. 28; J.A. Teixeira, op. cit., vol. I, 1946, Coelhos de Freitas - Morgado de Arroios - Senhores da Casa do Paço de Abambres, n.º 3, pp. 597.

<sup>19</sup> cf. Arquivo Distrital de Vila Real, Arroios, Batismos 1 (1574-1670), TIF. 72, fl. 72; e J.A. Teixeira, op. cit., vol. I, 1946, Coelhos de Freitas - Morgado de Arroios - Senhores da Casa do Paço de Abambres, n.º 2, p. 596.

Sucedeu a sua cunhada D. Brites de Barros e Faria, **D. Helena Álvares Coelho** (1634-1712), como 3<sup>a</sup> Administradora do morgado de Arroios em S. João Baptista de Arroios, Vila Real, casada com **António de Matos de Carvalho**, Senhor da Casa e Couto de Arroios, com geração; fez testamento realizado e aprovado pelo escrivão dos Resíduos de Vila Real, José Teixeira Botelho e Macedo em 15-11-1702, deixando por herdeiro seu sobrinho **António José Álvares Coelho de Faria** ( -1740) e na falta deste seus irmãos, **Manuel Coelho de Faria** (1682-1740) e **Luís de Freitas e Barros** (1681-1715) e seus testamenteiros seus sobrinhos por afinidade **Matias Álvares Mourão** (1669-c. 1730) e **Luís Pereira Pinto de Menezes** (c. 1650- ), conforme referido na sua certidão de óbito: «*Deixou por seu erdeiro, o seu sobrinho Antonio [José] Alz [Álvares] Coelho e por testamenteiros a Mathias Alvares Mourão, de Mateus e a Luis Pereira Pinto de Menezes, de Villa Real seos sobrinhos*»<sup>20</sup>; pedia ainda no testamento, que o seu corpo fosse envolto com o hábito de S. Francisco e escapulário de S. Domingos e que fosse sepultada na igreja de S. João Baptista de Arroios.

Segue a sua tia como 4<sup>o</sup> Administrador do vínculo e Morgado de Arroios, **António José Álvares Coelho de Faria**, 1<sup>o</sup> Senhor da Capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em Vila Real, que fez *inquirição de genere* juntamente com seus irmãos **Luís de Freitas e Barros** (1681-1715) e **Manuel Coelho de Faria** (1682- ) na Mitra Arquiepiscopal de Braga a 25-2-1689<sup>21</sup>, que morreu a 30-12-1740,

<sup>20</sup> cf. Arquivo Distrital de Vila Real, Arroios, Óbitos 22 (1712-1808), TIF. 5 e 6; Arquivo da Casa de Mateus, [Requerimento] e certificado de D. José Luís de Sousa Botelho Mourão e Vasconcelos 1770/06/29, SICM / SSC: 06.01 / SR / GAVETA 7 / SSR / ARROIOS INSTITUIÇÕES / SSSR/ MÇ 1 e [Requerimento] e [certificado] de D. Luís António de Sousa Botelho Mourão. 1770/07/04, SICM / SSC: 06.01 / SR / GAVETA / SSR / ARROIOS INSTITUIÇÕES / SSSR/ MÇ 3; e J.A. Teixeira, op. cit., vol. I, 1946, *Coelhos de Freitas - Morgado de Arroios - Senhores da Casa do Paço de Abambres*, n.º 2, p. 596.

<sup>21</sup> cf. Manuel José da Costa Felgueiras Gayo - *Nobiliário de Famílias de Portugal*, 3<sup>a</sup> edição, Braga: Edições de Carvalhos de Basto, 1992, II Volume (tomo IV, VI e VI), Tomo VI, Barros, § 66, n.º 11, p. 573; J.A. Teixeira, op. cit., vol. I, 1946, *Coelhos de Freitas - Morgado de Arroios - Senhores da Casa do Paço de Abambres*, n.º 3, p. 597; Joaquim C. Barreira Gonçalves,

filho primogénito de **Cristóvão Álvares Coelho** e de **D. Brites de Barros e Faria**, que entre as suas primeiras decisões deu início à construção duma capela como determinava o testamento de seu pai. Como tal a 19-7-1731, apresentava a D. José de Bragança (1716-1789), Arcebispo Primaz de Braga (1758-1789), os papéis para a fábrica da capela «*que de novo quer eregir António Alvares Coelho de Faria morador na sua quinta de Arroios, freguesia de S. João termo de Vila Real (...)*» do qual obteve provisão no dia seguinte a 20-7.<sup>22</sup>

Ao falecer em 30-12-1740, foi sepultado na igreja de S. João Batista de Arroios, acompanhado de 30 clérigos, deixando por sufrágio de sua alma 2000 missas e a seus filhos (“familiares”) Manuel e Mariana, deixou a quantia de 100.000 réis «*faleceo da vida prezente com todos os sacramentos e esta sepultado dentro da igreja de Sam Joam de Arroyos. Deixou que fosse acompanhado com trinta clérigos e deixou mais tres officios com os mesmos trinta clérigos (...), deixou duas mil missas por sua alma (...); deixou a Manuel de Faria cem mil reis e outros cem mil reis a Mariana familiares do mesmo (...)*».<sup>23</sup>

Após o seu falecimento, sucedeu-lhe sua irmã **D. Brites de Barros** ( -1752), como 5<sup>a</sup> Administradora do morgado de Arroios e 2<sup>a</sup> da Capela de S.<sup>to</sup> António em S. João Baptista de Arroios, Vila Real, que fez testamento escrito por António Pinto do Canto e aprovado pelo tabelião José [Meneres] Sequeira em 18-3-1752,

---

op. cit., pp. 63-64; ADB / Arquivo Distrital de Braga, Inquirição de genere de António José Alvares Coelho de Faria ( -1740) e de seus irmãos Luís de Freitas e Barros (1681-1715) e Manuel Coelho de Faria (1682- ), DIO/MAB Mitra Arquiepiscopal de Braga, Inquirições de Genere (1616-1911), 1689.

<sup>22</sup> cf. Joaquim C. Barreira Gonçalves, op. cit., p. 61.

<sup>23</sup> cf. Arquivo Distrital de Vila Real, Arroios, Óbitos 3 (1712-1911), TIF. 36, fl. 34 v.º; Manuel José da Costa Felgueiras Gayo, op. cit., II Volume (tomo IV, VI e VI), Tomo VI, Barros, § 66, n.º 11, p. 573; J.A. Teixeira, op. cit., vol. I, 1946, Coelhos de Freitas - Morgado de Arroios - Senhores da Casa do Paço de Abambres, n.º 3, p. 597; Joaquim C. Barreira Gonçalves, op. cit., pp. 63-64.

morrendo pouco tempo depois a 15-4-1752; segundo a sua certidão de óbito e testamento, deixou como herdeiros seus sobrinhos: **Manuel Álvares Coelho de Faria** (1715-1797), Padre **João Botelho Mourão** ( -1773), Arcediago de Labruge e **D. Mariana Joaquina de Barros de Faria** (1718-1798): *«fes testamento por escripto e deixou por seus erdeiros seus sobrinhos Manoel Álvares Coelho de Faria e a Joam Botelho Mouram, Arcediago e a Dona Mariana Joacina de Barros»*; no seu testamento pedia ainda que o seu corpo fosse envolto com o hábito de S. Francisco e escapulário de S. Domingos e que fosse sepultada na igreja de S. João Baptista de Arroios; deixava vários legados a seus sobrinhos, nomeadamente a D. Luís António de Sousa Botelho Mourão, a quantia de 500.000 réis; e requeria ainda licença a Sua Majestade para poder nomear na sua Capela sua sobrinha D. Mariana Joaquina de Barros e Faria. No entanto após a sua morte, acabou por tomar posse da administração do vínculo de Arroios, o sobrinho **Manuel Álvares Coelho de Faria** (1715-1797), filho natural e perfilhado de **António Álvares Coelho de Faria** ( -1740) e de **Maria José [da Silva]** ( -1753) e deste modo, **D. Luís António de Souza Botelho Mourão** (1722-1798), 4º Morgado de Mateus, apenas tomou posse de alguns bens de Arroios em sucessão a seu tio paterno, o Padre **João Botelho Mourão** ( -1773), Arcediago de Labruge em 16-4-1752.<sup>24</sup>

Sucedeu em parte do morgadio de Arroios em sucessão a sua tia D. Brites de Barros, seu sobrinho e herdeiro, **Manuel Álvares Coelho de Faria**, que nasceu em S. João Baptista de Arroios, Vila Real a 11-9-1715, e morreu em S. João Baptista de Arroios, Vila Real a 4-7-1797, filho perfilhado e natural de **António José Álvares Coelho de Faria** ( -1740), 4º Administrador do vínculo e Morgado de Arroios e 1º Senhor da Capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em Vila

---

<sup>24</sup> cf. Arquivo Distrital de Vila Real, Arroios, Óbitos 22 (1712-1808), TIF. 46; Arquivo da Casa de Mateus, [Certificado] de Testamento e inventário de Manuel Álvares Coelho de Faria, 1798, SICM / SSC: 06.01 / SR / GAVETA 7 / SSR / ARROIOS INSTITUIÇÕES / SSSR/ MÇ 8.

Real, duma ligação com **Maria José** ou **Josefa da Silva** ( -1753), tornando-se assim 6º Administrador do Morgado de Arroios e 3º Senhor da Capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em Vila Real, Senhor da Casa de Vale Nogueiras e da Casa do Paço de Abambres em Vila Real. Em 25-8-1750, requereu de novo a D. José de Bragança (1716-1789), Arcebispo Primaz de Braga (1758-1789), registo de provisão de licença para continuar na feitura da Capela de S.<sup>to</sup> António em S. João Baptista de Arroios, Vila Real, que tinha principiado seu pai. A 5-2-1767, solicitou provisão para se poder benzer a Capela de S.<sup>to</sup> António em Arroios, dando-se por concluída a obra, a qual foi concedida a 13-2. A 9-8-1770, pediu autorização a D. José de Bragança (1716-1789), Arcebispo Primaz de Braga (1758-1789), para se poder colocar um confessionário na capela. A 1-6-1776, pedia autorização e registo de provisão de licença para se usar o altar da Capela de S.<sup>to</sup> António.<sup>25</sup>

Em 21-5-1783, realizou-se uma escritura de dote de casamento entre o pai da noiva Manuel Cardoso Pereira Pinto de Menezes (1740-1811), Fidalgo da Casa de Sua Majestade Fidelíssima, morador na sua quinta do Bairro em S. Martinho de Mouros e o futuro noivo Manuel Álvares Coelho de Faria (1715-1797), Fidalgo da Casa de Sua Majestade e Morgado de Arroios, termo de Vila Real, realizado pelo tabelião António Lopes na vila de Galegos, na qual se estipulavam as seguintes cláusulas: 1º o pai da noiva dotava sua filha D. Josefa Felizarda Joaquina de Menezes e Silva (1760-1799) com 4.000 cruzados; 2º o futuro marido dotava sua *“futura esposa”* D. Josefa, com quem estava contratado para casar *«com todos os seus bens patrimoniais, prazos e vinculos de sua caza de que atualmente se acha sendo Senhor (...);* 3º a futura mulher poderia dispor em vida e morte livremente desses bens; 4º o futuro marido em caso de morte sem sucessão, outorgaria a sua futura mulher

---

<sup>25</sup> cf. Joaquim C. Barreira Gonçalves, op. cit., pp. 62-66.



10.000 cruzados de arras para sua sustentação; 5º a esposa foi representada nesta escritura de dote por seu irmão Luís Cardoso Pereira Pinto de Menezes (1763-1837), Moço Fidalgo da Casa Real por sucessão (1777), Capitão-mor de S. Martinho de Mouros.<sup>26</sup>

A 15-1-1784, casa-se com dispensa de banhos e por procuração de Manuel António de Carvalho e Mello, do lugar de Gouvinhas, na Capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em S. João Baptista, Vila Real com **D. Josefa Felizarda Joaquina de Menezes e Silva** (1760-1799) «*Manuel Alves [Álvares] Coelho de Faria, filho natural de Maria Jose da Silva e porfilhado por António Alves [Álvares] Coelho, ambos do lugar de Arroyos, recebeu por procuração que apresentou Manuel Antonio de Carvalho e Mello, do lugar de Gouvinhas, por sua legitima mulher D. Joaquina Felizarda Joaquina de Menezes e Silva, filha legitima de Manuel Cardoso Pereira Pinto de Menezes e de D. Maria Agostinha de Azevedo Coutinho, da freguesia e lugar de Sam Joam de Fontoura, Bispado de Vizeu e se recebeu hum ao outro por Marido e Mulher, sem impedimento algum com dispensa a banhos que alcançou de sua Alteza Real [D. João, futuro D. João VI]. Foram recebidos na sua Capella de Santo Antonio em Arroyos, com licença que obteve do mesmo Real Senhor [e] pormim Jeronimo de Carvalho Homem, Parocho desta freguesia de Sam Joam de Arroyos (...)*».<sup>27</sup>

Porém, passados mais de 20 anos após a conclusão da obra da capela (1770), o casamento de Manuel Álvares Coelho de

<sup>26</sup> cf. Arquivo da Casa de Mateus, Escritura de dote de casamento entre Manuel Cardoso Pereira Pinto de Menezes, Fidalgo da Casa de Sua Majestade Fidelíssima, morador na sua quinta do Bairro em S. Martinho de Mouros a sua filha D. Josefa Felizarda Joaquina de Menezes e Silva, para se casar com Manuel Álvares Coelho de Faria, Fidalgo da Casa de Sua Majestade e Morgado de Arroios, termo de Vila Real feito pelo tabelião António Lopes na vila de Galegos a 21-5-1783.

<sup>27</sup> cf. Arquivo Distrital de Vila Real, Arroios, Batismos 3 (1707-1727), TIF. 21 e Casamentos 15 (1767-1801), TIF. 23; J.A. Teixeira, op. cit., vol. III, p. 424; Manuel José da Costa Felgueiras Gayo, op. cit., II Volume (tomo IV, VI e VI), Tomo VI, Barros, § 66, n.º 10, p. 573; e Joaquim C. Barreira Gonçalves, op. cit., pp. 63-64.



Faria, 6º Senhor do Morgado de Arroios e 3º Senhor da Capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em Vila Real com D. Josefa Joaquina de Menezes e Silva, vem a findar com a morte de ambos os cônjuges no espaço de 2 anos (1797 e 1799), sem descendência, o que vem a alterar a sucessão no referido morgadio e capela de Arroios. Em primeiro lugar, faleceu Manuel Álvares Coelho de Faria em S. João Baptista de Arroios, Vila Real a 4-7-1797: «*Aos quatro de Julho de mil e setecentos e noventa e sette falleceo da vida presente Manoel Alvares Coelho de Faria, Morgado Arroyos desta freguesia de Sam João de Arroyos com todos os sacramentos e foi sepultado na sua Capella de Santo António no mesmo lugar de Arroyos pello assim determinar no seu testamento com que falleceo e foi sepultado no dia sinco do perdito mês*». Dois dias antes de falecer a 2-7-1797, fez a seu pedido testamento, deixando como herdeira universal sua mulher e testamenteiro seu cunhado, escrito pelo padre Manuel Fernandes Torres e aprovado pelo tabelião Francisco Teixeira de Carvalho de Vila Real nesse próprio dia, e assinado pelo pároco de S. João Baptista de Arroios, Jerónimo de Carvalho Mourão a 30-10-1797: «*dise que por não ter erdeiros necesarios Instituiu por sua universal herdeira de todos os seos bens livres e prazos de livre nomeação D. Josefa Joaquina de Menezes e Silva, com quem está casado, e por seu testamenteiro, Luiz Cardoso Per.<sup>ra</sup> P.<sup>to</sup> de Menezes, irmão da mesma da v.<sup>a</sup> de Vouzella (...)*»; pedia ainda «*que seu corpo fose sepultado dentro da sua Capella, que tem junto a suas cazas, emvolto em hu habito de S. Fran.<sup>co</sup> (...)*».<sup>28</sup>

Parece que numa primeira fase a irmã deste, **D. Mariana Joaquina de Barros de Faria** (1718-1798), tomou posse extrajudicial dos bens de seu irmão **Manuel Álvares Coelho de**

---

<sup>28</sup> cf. Arquivo da Casa de Mateus, Testamento de Manuel Álvares Coelho de Faria, feito a rogo do testador pelo padre Manuel Fernandes Torres a 2-6-1797 e assinado pelo próprio, sendo aprovado pelo tabelião Francisco Teixeira de Carvalho de Vila Real a 2-7-1797 e por ser verdade assinado pelo pároco de S. João Baptista de Arroios, Jerónimo de Carvalho Mourão a 30-10-1797.

**Faria**, tanto de vínculo, como de prazo e livres por volta de 30-10-1797, tornando-se assim 7<sup>a</sup> Administradora do Morgado de Arroios e 4<sup>a</sup> Senhora da Capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em S. João Baptista de Arroios (1797-1799); por volta de Outubro-Novembro de 1797, requeria ao Juiz de Fora, nulidade do testamento de seu irmão Manuel Álvares Coelho de Faria de 2-7-1797, com base nos seguintes argumentos: que o testamento seria falso e forjado «*hum Testam.<sup>to</sup> o cual dizem varias pessoas q he falso e fingido (...)*»; que as testemunhas desse documento eram os caseiros e compadres de sua cunhada; e que o testador já não estaria no seu perfeito juízo; esta senhora casou na igreja de S. João Baptista de Arroios, Vila Real em 6-8-1756 com **António da Cunha de Amaral** (c. 1710-1767), com geração extinta; passou após a morte do marido a residir na Casa de Mateus em casa de seu parente, **D. Luís António de Souza Botelho Mourão** (1722-1798), fazendo-lhe doação de seus bens.<sup>29</sup>

Sucede em simultâneo no vínculo **D. Josefa Felizarda Joaquina de Menezes e Silva**, como 8<sup>a</sup> Administradora do Morgado de Arroios e 5<sup>a</sup> Senhora da Capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em S. João Baptista de Arroios, visto ser herdeira de seu marido e em conformidade com o estipulado no testamento do mesmo (de 2-7-1797), baptizada em S. João de Fontoura, Resende, Viseu a 7-7-1760, e morreu em S. João Baptista de Arroios, Vila Real a 5-3-1799. Esta senhora pouco usufrui do morgadio e Capela de Arroios, pois falece dois anos após o seu marido a 5-3-1799, com apenas 39 anos «*Aos cinco dias de Março de mil setesentos e noventa e nove faleceu da vida presente Dona Josefa de Meneses e Silva, viúva que ficou de Manoel Alves Coelho de Faria, Morgado*

---

<sup>29</sup> cf. Arquivo da Casa de Mateus, [Declaração] de posse e requerimento de nulidade de testamento de seu irmão Manuel de 2-6-1797 de D. Maria Joaquina de Barros e Faria viúva, do lugar de Arroios ao Juiz de Fora por volta de 30-10-1797, ver: SICM / SSC: 06.01 / SR / GAVETA 7 / SSR / ARROIOS INSTITUIÇÕES / SSSR/ MÇ 9.

*de Arroyos, só com os sacramentos da extrema unção por se não poder comfeçar, por morrer de repente, estando de pé lhe rebentou hum póstumo de sangue pella boca que não deu mais nem fala e foi absolvida sub condifione, não fez testamento e foi sepultada na sua Capella de Santo António (...)».* Segundo documentação da Casa de Mateus, consta que Manuel Álvares Coelho de Faria (1715-1797), não teria realizado testamento e que o certificado que existia seria falso e em consequência, nunca se conseguiu provar se sua mulher, D. Josefa Felizarda Joaquina de Menezes e Silva (1740-1799), seria ou não verdadeiramente sua herdeira.<sup>30</sup>

Foi herdeiro de sua filha, **Manuel Cardoso Pereira Pinto de Menezes** (1740-1811), Moço Fidalgo da Casa Real por sucessão, 6º Senhor do Morgado de Paredes em Resende, 9º Senhor do Morgado de Arroios e 6º Senhor da Capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em Vila Real a 5-3-1799, que provavelmente devido ao desgosto paternal, desfez-se dos bens vinculares que possuía em Arroios (quinta, casa e capela) e mais bens de raiz que tinha no lugar de Gouvinhas, Vila Real, vendendo-os por escritura de compra de 28-5-1806, ao Dr. António Rebelo de Matos Rocha e a seus irmãos *«avia vendido desde ontem para sempre ao Doutor António Rebelo de Mattos Rocha e a seus irmãos o Doutor José Rebelo de Mattos, Joam Rebelo de Mattos Rocha, Maria Eufrásia Rebelo e Anna Margarida Rebelo, desta Villa Real a sua quinta casa, capella e todos os mais bens de rais que tinha no lugar de Arroios, bem como a quinta casa capella e mais bens de rais que tinha no lugar de Gouvinhas, e todos os mais bens de rais terras, foros, prazos, e tudo o mais que tinha e podia dispor...a que elle houve de sua filha Donna Josefa Joaquina de Meneses»*.<sup>31</sup>

Sucederam-se então várias contendas jurídicas com a Casa de Mateus, sobre a posse e propriedade deste morgadio, vínculo

<sup>30</sup> cf. Joaquim C. Barreira Gonçalves, op. cit., pp. 67-68.

<sup>31</sup> cf. Joaquim C. Barreira Gonçalves, op. cit., pp. 67-69.

e Capela de Arroios, pois entendia que deveria ser anexado ao morgadio de Mateus.

Contudo, os novos proprietários desta capela foram os irmãos Rebelo de Matos Rocha a partir de 28-5-1806. Destes o único irmão que teve geração foi **João Rebelo de Matos e Rocha**, Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo (decreto de 13-5-1814), 7º Senhor da Capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em Vila Real (em co-propriedade juntamente com seus irmãos a 28-5-1806), 1º Administrador da Capela do Bom Jesus do Calvário em Vila Real (por provisão de El-Rei D. João VI de 18-6-1825), Alferes de Cavalaria n.º 2 e Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Vila Real (1833-1834), que nasceu em S. Pedro de Vila Real a 4-9-1767, que deixou um filho natural chamado **Bernardino**, da sua ligação com **D. Francisca Leocádia de Meireles**.<sup>32</sup>

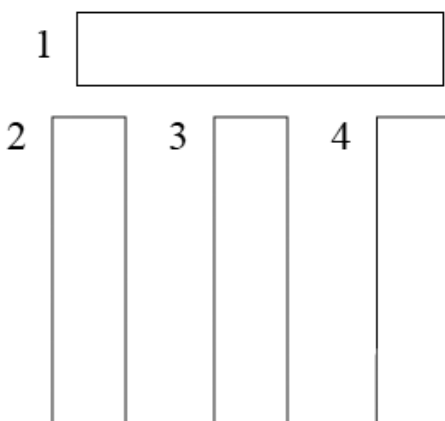
Foi **Bernardino Felizardo Rebelo de Carvalho**, Alferes de Cavalaria Reformado (Dragões de Chaves), Vereador da Câmara Municipal de Vila Real (a 9-5-1841), legitimado por alvará régio de 5-11-1831, sendo após a morte de seu pai, 8º Senhor da Capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em S. João Baptista de Arroios, Vila Real; em 1842-1843, fez parte da Comissão Administrativa da Santa Casa da Misericórdia de Vila Real com outros indivíduos, nasceu em 1800 e morreu em Vila Real, Rua Direita a 2-8-1870 (jaz sepultado na capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em Vila Real). Casou na igreja de S. Pedro, Vila Real a 16-10-1831 com **D. Matilde Carolina Cardoso de Menezes Girão**, herdeira da casa e morgadios de seus pais e irmãos, que nasceu na Casa da Praça, Vouzela, Viseu a 10-2-1803, e morreu em Braga a 21-1-1880 (jaz sepultada na capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em Vila Real), descendente directa e 4ª neta de **Paula de Figueiredo** (1621- ), irmã de **António e Cristóvão Álvares Coelho**, instituidores do Morgado de Arroios

---

<sup>32</sup> cf. Joaquim C. Barreira Gonçalves, op. cit., pp. 69-70.

em Vila Real em 13-6-1690 e 23-9-1691, voltando assim a capela às origens familiares.<sup>33</sup>

Estão sepultadas na Capela de Arroios as seguintes pessoas: Manuel Alves Coelho de Faria (1715-1797); D. Josefa Felizarda Joaquina de Menezes e Silva (1760-1799); Bernardino Felizardo Rebelo de Carvalho (1800-1870); D. Matilde Carolina Cardoso de Menezes Girão (1803-1880); 3 - D. João Rebelo Cardoso de Menezes (1832-1890), Bispo de Lamego.



Altar-mor - disposição dos sarcófagos (in Barreira Gonçalves, p. 83)

Deste casamento nasceram entre outros: **D. João Rebelo Cardoso de Menezes**, Bispo-Coadjutor de Lamego (1887-1890), Arcebispo titular de Mitilene (1884-1887) e Arcebispo titular de Larissa (1887-1890), Monsenhor Capelão Honorário “*extra urbem*” do Papa Leão XIII (1879), Protonotário Apostólico e Prelado Doméstico de Sua Santidade (1881), Doutor em Teologia (1884), Provisor e Vigário Geral do Patriarcado (1884), Desembargador Honorário da Relação Geral do Patriarcado (1884), Desembargador Honorário da Relação Eclesiástica de Braga (1880), Examinador

<sup>33</sup> cf. J.A. Teixeira, op. cit., vol. III, 1951, Genealogia dos Cardosos Pintos de Menezes - Morgado de Paredes, n.º 7, p. 425; Joaquim C. Barreira Gonçalves, op. cit., pp. 70-71.

Prosinodal e Director do Jornal Semana Religiosa Bracarense (1875-1884), etc., etc., que desde cedo renuncia à herança paterna, que nasceu na rua Direita em Vila Real, Trás-os-Montes a 29-10-1832, sendo baptizado na freguesia de S. Pedro a 4-11-1832, e morreu em Lamego a 5-6-1890 (sendo o seu corpo trasladado de Lamego para a capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em Vila Real)<sup>34</sup>; e **D. Ana Júlia Rebelo Cardoso de Menezes**, 9<sup>a</sup> Senhora da Capela de S.<sup>to</sup> António em S. João Baptista de Arroios, Vila Real (por renúncia de seu irmão D. João e partilhas legais)<sup>35</sup>, que nasceu em S. Pedro de Vila Real a 3-8-1838, e morreu na Casa do Carmo, S.<sup>ta</sup> Maria de Oliveira do Castelo, Guimarães a 31-12-1911, que casou na capela da Casa da Portela, S. Jorge de Selho, Guimarães a 5-7-1866 com **Luís Cardoso Martins da Costa Macedo**, 1<sup>o</sup> Conde de Margaride (decreto de 3-3-1877), que nasceu na Casa da Veiga, S. Pedro de Azurém, Guimarães a 8-1-1836, e morreu em Guimarães, Casa do Carmo, S.<sup>ta</sup> Maria de Oliveira do Castelo a 30-7-1919, em cujos filhos e netos continuou a posse da Capela de S.<sup>to</sup> António em S. João Baptista de Arroios, Vila Real.

Poucos meses após a morte de D. Ana Júlia Rebelo Cardoso de Menezes, Condessa de Margaride, foi realizada escritura de venda dos bens e capela de S.<sup>to</sup> António a seu filho primogénito **Henrique Cardoso de Macedo Martins de Menezes**, 2<sup>o</sup> Conde de Margaride por seus cinco irmãos (Luísa, João, Luís, José e Alberto) a 1-5-1912, ficando na sua posse exclusiva até à morte do mesmo, ocorrida em 17-4-1933.

34 cf. Luís Miguel Pulido Garcia Cardoso de Menezes - «D. João Rebelo Cardoso de Menezes (1832-1890), Bispo-Coadjutor de Lamego (1887-1890), Arcebispo titular de Mitilene (1884) e de Larissa (1887)», in Cadernos Barão de Arêde - Revista do Centro de Estudos de Genealogia e Heráldica Barão de Arêde Coelho, N.º 4 (Abril-Junho 2015), [Albufeira]: Arandis Editora, 2015, pp. 4-30.

35 cf. J.A. Teixeira, op. cit., vol. I, 1946, Cardoso de Menezes, n.º 5, p. 38 e vol. III, 1951, Genealogia dos Cardosos Pintos de Menezes - Morgado de Paredes, n.º 8, p. 425 e Cardosos Pintos de Menezes - Senhores da Quinta das Hortas em Vila Real - Condes de Margaride, p. 430.

Em 27-11-1993, a Capela de S.<sup>to</sup> António em S. João Baptista de Arroios, Vila Real é classificada como IIP - Imóvel de Interesse Público, por decreto n.º 45/93, do Diário da República, I<sup>a</sup> Série-B, n.º 280 de 30-11-1993.

A 9-3-1998, foi feita a doação da Capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios, Vila Real por diversos membros da família Margaride à junta de freguesia de Arroios, com a obrigação de zelar pela protecção e recuperação da capela; mantê-la como local de culto; e guarda dos túmulos dos ascendentes lá sepultados.

A 25-8-2013, após longos anos de recuperação da Capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios, deu-se a sua abertura, bênção e missa celebrada por D. Amândio José Tomás (1943- ), Bispo de Vila Real (2011- ), e presidida pelo Eng. Rui Jorge Cordeiro Gonçalves dos Santos, presidente da Câmara Municipal de Vila Real a 25-8-2016. A capela de Arroios, tem sido dinamizada uma vez por mês, desde 17-9-2016, através do projecto Capella, que tem como cúmplice uma capela barroca do século XVIII, classificada como imóvel de interesse municipal. A festa decorre em dois momentos: no 1º com o espectáculo ou performance que conta com a participação da população local; e um 2º momento, com um mercado de produtos de pequenos agricultores da terra, ao qual se junta artesanato, vinho do Douro, doçaria e projetos criativos.

## Genealogia da família Álvares Coelho

I - **DOMINGOS ESTEVES** (ou **ESTEVIÃO**) de **CARVALHO**, Senhor da Casa de Arroios em S. João Baptista de Arroios, Vila Real, filho de **Vicente Esteves [de Carvalho]** e de **Cecília Francisca**<sup>36</sup>

Δ em S. João Baptista de Arroios, Vila Real cerca de 1573

= antes de 1615 com **Cecília Álvares Coelho**<sup>37</sup>, que aparece a administrar o morgado de Arroios em S. João Baptista de Arroios, Vila Real em 1643, Δ em S. João Baptista de Arroios, Vila Real a 2-3-1589, irmã de **António Álvares Coelho**, instituidor do Morgado de Mateus em Vila Real em 5-12-1641 e filha de **Cristóvão Álvares Coelho**, Desembargador, que viveu e morreu na primitiva Casa de

<sup>36</sup> cf. Nos assentos de baptismo de seus filhos vem apenas com o nome de Domingos Esteves e com o nome de Estevão de Carvalho em Manuel José da Costa Felgueiras Gayo, op. cit., II Volume (tomo IV, VI e VI), Tomo VI, Barros, § 66, n.º 10, p. 573; J.A. Teixeira - Fidalgos e Morgados de Vila Real e Seu Termo, Vila Real: Imprensa Artística, 1946, vol. I, Coelhos de Freitas - Morgado de Arroios - Senhores da Casa do Paço de Abambres, n.º 1, p. 596 e vol. II, 1949, pp. 48-49; Joaquim C. Barreira Gonçalves - O vínculo de morgado de Arroios e a sua capela de S.<sup>to</sup> António: subsídios para o seu estudo, in revista Tellus: Revista de cultura trasmontana e duriense, n.º 48, Vila Real: Grémio Literário Vila-Realense / Câmara Municipal de Vila Real, 2008, p. 54. Teve pelo menos as seguintes irmãs: Catarina, Δ em S. João Baptista de Arroios, Vila Real a 4-9-1579 e Maria, Δ em S. João Baptista de Arroios, Vila Real a 1-4-1589, in Arquivo Distrital de Vila Real, Arroios, Batismos 1 (1574-1670), TIF. 7 e 14.

<sup>37</sup> cf. Arquivo da Casa de Mateus, [Declaração] de venda de Cecília Álvares Coelho, 1643/11/22, SICM / SSC: 06.01 / SR / GAVETA 7 / SSR / ARROIOS / SSSR / MÇ 2; Luiz de Bivar Guerra - O Brasão dos Morgados de Mateus-sua interpretação, in Armas e Troféus: Revista de História, Heráldica, Genealogia e de Arte, IIª Série, Tomo IV, 1963, pp. 66-67; Manuel José da Costa Felgueiras Gayo, op. cit., vol. II, p. 573 (Barros) e Joaquim C. Barreira Gonçalves, op. cit., pp. 55-56. A Cecília Álvares Coelho era irmã de Ana, Δ em S. João Baptista de Arroios, Vila Real a 12-3-1583; Sofia, Δ em S. João Baptista de Arroios, Vila Real a 15-6-1586; António Álvares Coelho, instituidor do Morgado de Mateus em Vila Real em 5-12-1641, Δ em S. João Baptista de Arroios, Vila Real a 6-1-1594, † a 28-7-1647, casado com Helena Álvares Mourão, \* em S.<sup>ta</sup> Marta de Penaguião, Cumieira a 17-5-1587, filha de Diogo Álvares Mourão e de Maria Martins de Azevedo, com geração; e de Paula Álvares de Figueiredo, Δ em S. João Baptista de Arroios, Vila Real a 30-6-1597, † depois de 28-5-1659, casada com António Botelho Ribeiro, Senhor do Morgado de Sabrosa, \* Vila Real, † depois de 1-4-1634, filho de Pedro Botelho Ribeiro e de D. Maria Pereira de Sousa, com geração.



Mateus em Vila Real, que tinha uma capela incorporada, \* cerca de 1550, † 1619 e de **Maria da Veiga Álvares de Figueiredo** ou **Maria da Veiga Mourão** ou **Maria Gonçalves** (com quem casou em S. Pedro, Vila Real em 2-6-1577), \* em S. Pedro, Vila Real, † cerca de 1625; neta paterna de **Álvaro Coelho**, foi o 1º que teve casa em Mateus, \* em Mateus, Vila Real e de **Maria Álvares**, irmã de **Diogo Álvares Mourão**, instituidor do Morgado da Cumieira em N. S.<sup>ta</sup> Marta de Penaguião, Vila Real, vinculada à capela de N. S.<sup>ra</sup> da Esperança em 1624, † cerca 1630/1631 (filhos de **Diogo Mourão** e de **Helena Álvares**, filha de **Diogo Álvares**); neta materna de **Pedro Gonçalves Chavelha** e de **Maria da Veiga**. Filhos:

1 (II) **Tomé**<sup>38</sup>

Δ em S. João Baptista de Arroios, Vila Real a 29-12-1616

2 (II) **João**<sup>39</sup>

Δ em S. João Baptista de Arroios, Vila Real a 22-11-1618

3 (II) **D. Paula de Figueiredo**, que segue § 2

4 (II) Padre **António Álvares Coelho**, Reitor e encomendado na freguesia de Vale de Nogueiras (por vezes designada Valnogueiras) em Vila Real, fez escritura de testamento cerrado de vínculo do Morgado de Arroios em S. João Baptista de Arroios, Vila Real a 13-6-1690<sup>40</sup>

<sup>38</sup> cf. Arquivo Distrital de Vila Real, Arroios, Batismos 1 (1574-1670), TIF. 41, fl. 51 v.º

<sup>39</sup> cf. Arquivo Distrital de Vila Real, Arroios, Batismos 1 (1574-1670), TIF. 43, fl. 53 v.º

<sup>40</sup> cf. Arquivo Distrital de Vila Real, Arroios, Batismos 1 (1574-1670), TIF. 50, fl. 60 v.º; J.A. Teixeira, op. cit., vol. I, 1946, Coelhos de Freitas - Morgado de Arroios - Senhores da Casa do Paço de Abambres, n.º 2, pp. 596 e 600-601; José Viriato Capela, coord.; Rogério Borralheiro, Henrique Matos - As freguesias do Distrito de Vila Real nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património, Braga: Barbosa & Xavier, Lda. - Artes Gráficas, 2006, p. 111; e Joaquim C. Barreira Gonçalves, op. cit., p. 55.

Δ em S. João Baptista de Arroios, Vila Real a 22-8-1623, † a 9-4-1699

5 (II) **Cristóvão Álvares Coelho** (ou **Cristóvão Álvares de Figueiredo**), que segue § 1

6 (II) **D. Helena Álvares Coelho**, sucedeu a sua cunhada D. Brites de Barros e Faria, como 3<sup>a</sup> Administradora do morgado de Arroios em S. João Baptista de Arroios, Vila Real; fez testamento realizado e aprovado pelo escrivão dos Resíduos de Vila Real, José Teixeira Botelho e Macedo em 15-11-1702, deixando por herdeiro seu sobrinho **António José Álvares Coelho de Faria** ( -1740) e na falta deste seus irmãos, **Manuel Coelho de Faria** (1682-1740) e **Luís de Freitas e Barros** (1681-1715) e seus testamenteiros seus sobrinhos por afinidade **Matias Álvares Mourão** (1669-c. 1730) e **Luís Pereira Pinto de Menezes** (c. 1650- ), conforme referido na sua certidão de óbito: «*Deixou por seu erdeiro, o seu sobrinho Antonio [José] Alz [Álvares] Coelho e por testamenteiros a Mathias Alvares Mourão, de Mateus e a Luis Pereira Pinto de Menezes, de Villa Real seos sobrinhos*»; pedia ainda no testamento, para que o seu corpo fosse envolto com o hábito de S. Francisco e escapulário de S. Domingos e que fosse sepultada na igreja de S. João Baptista de Arroios.<sup>41</sup>

Δ em S. João Baptista de Arroios, Vila Real a 17-9-1634, † aí a 15-1-1712

= com **António de Matos de Carvalho**, Senhor da Casa e

<sup>41</sup> cf. Arquivo Distrital de Vila Real, Arroios, Batismos 1 (1574-1670), TIF. 72, fl. 72 e Óbitos 22 (1712-1808), TIF. 5 e 6; Arquivo da Casa de Mateus, [Requerimento] e certificado de D. José Luís de Sousa Botelho Mourão e Vasconcelos 1770/06/29, SICM / SSC: 06.01 / SR / GAVETA 7 / SSR / ARROIOS INSTITUIÇÕES / SSSR/ MÇ 1 e [Requerimento] e [certificado] de D. Luís António de Sousa Botelho Mourão. 1770/07/04, SICM / SSC: 06.01 / SR / GAVETA / SSR / ARROIOS INSTITUIÇÕES / SSSR/ MÇ 3; e J.A. Teixeira, op. cit., vol. I, 1946, Coelhos de Freitas - Morgado de Arroios - Senhores da Casa do Paço de Abambres, n.º 2, p. 596.

Couto de Arroios, filho de **Sebastião de Matos e Isabel de Carvalho**, com geração.

7 (II) **D. Rosa de Jesus**, freira no Convento de S.<sup>ta</sup> Clara de Vila Real.

## § 1

5 (II) **CRISTÓVÃO ÁLVARES COELHO** (ou **Cristóvão Álvares de Figueiredo**), Moço Fidalgo da Casa Real, do Conselho de Sua Majestade Fidelíssima, Bacharel em Cânones pela Universidade de Coimbra, Colegial de S. Pedro de Coimbra (1660), Chanceler e Desembargador da Relação do Porto, Desembargador da Suplicação e Mesa de Consciência e Ordens de Lisboa (a 28-8-1675), 1º Administrador e instituidor do Morgado de Arroios em Vila Real (por testamento cerrado de 23-9-1691).<sup>42</sup>

Δ em S. João Baptista de Arroios, Vila Real a 16-5-1629, † a 30-1-1692

= com **D. Brites de Barros e Faria**, que aparece como 2ª Administradora do morgado de Arroios em S. João Baptista de Arroios, Vila Real em 1698 até 14-6-1708, Δ em S. João Baptista de Arroios, Vila Real, † cerca de 1708, filha de **Miguel de Freitas de Barros**, Senhor da Casa de Arroios em Vila Real, morador na rua de S.<sup>ta</sup> Maria ou do Gado em Guimarães, \* em Guimarães e de **Margarida Borges Monteiro**, \* em S. Martinho de Val do Bouro, Celorico de Basto, Braga.<sup>43</sup> Filhos:

<sup>42</sup> cf. Arquivo Distrital de Vila Real, Arroios, Batismos 1 (1574-1670), TIF. 59, fl. 68 v.º; J.A. Teixeira, op. cit., vol. I, 1946, Coelhos de Freitas - Morgado de Arroios - Senhores da Casa do Paço de Abambres, n.º 2, pp. 596 e 602-603; Joaquim C. Barreira Gonçalves, op. cit., p. 54 e ANTT, Registo Geral de Mercês, Chancelaria de D. Afonso VI, Livro 28, fl. 45.

<sup>43</sup> cf. Arquivo da Casa de Mateus, [Certificado] de Testamento de Cristóvão Álvares Coelho, 1708/06/14, SICM / SSC: 06.01 / SR / GAVETA / SSR / ARROIOS INSTITUIÇÃO / SSSR / MÇ 2 e [Apontamento] Genealógico de D. Luís António de Sousa Botelho Mourão, S.d, SICM / SSC: 06.01 / SR / APONTAMENTO / SSR APONTAMENTO GENEALÓGICO, Manuel José



Casa de Mateus (coleção Fundação da Casa de Mateus)

5.1 (III) **Maria Coelho de Barros e Faria**<sup>44</sup>, Δ em S. João Baptista de Arroios, Vila Real a 1-7-1674, † em S. João Baptista de Arroios, Vila Real a 17-1-1738

= com **Matias Álvares Mourão**, Fidalgo da Casa Real, Cavaleiro da Ordem de Cristo, Senhor do Morgado da Prata e 2º Senhor do Morgado e Casa de Mateus, administrador dos vínculos da Capela de N. S.<sup>ra</sup> dos Prazeres de Mateus e da Capela de N. S.<sup>ra</sup> da Esperança da Cumieira, e administrador de outros bens e prazos, nomeadamente em Sabrosa, Vila Pouca, Lago Bom e Bornes, \* em Sabrosa, Vila Real a 28-5-1669, † depois de 1730, filho de **Domingos Botelho Álvares Ribeiro** e de **D. Joana Mourão**.<sup>45</sup>

---

da Costa Felgueiras Gayo, op. cit., vol. I, p. 171 (Andrades Freires); vol. II, p. 573 (Barros) e volume III, p. 92; J.A. Teixeira, vol. III, 1951, p. 92; Anselmo Braamcamp Freire - Brasões da Sala de Sintra, 2ª edição, vol. I, Sousas, Coimbra: Impr. da Universidade, 1921-1930, p. 239; Armas e Troféus, op. cit., 1963, pp. 66-67 (-Tab.); José Viriato Capela, coord., op. cit., p. 229; e Joaquim C. Barreira Gonçalves, op. cit., p. 54.

<sup>44</sup> cf. Arquivo Distrital de Vila Real, Arroios, Batismos 2 (1675-1705), TIF. 6, fl. e Óbitos 22 (1712-1808), TIF. 32 e 33.

<sup>45</sup> cf. Manuel José da Costa Felgueiras Gayo, op. cit., II Volume (tomo IV, VI e VI), Tomo VI, Barros, § 66, n.º 10, p. 573, volume VII, Machados, p. 110; J.A. Teixeira, op. cit., vol. I, 1946,

5.2 (III) **ANTÓNIO JOSÉ ÁLVARES COELHO DE FARIA**, 4º Administrador do Morgado de Arroios (em sucessão a sua tia Helena Álvares Coelho) e 1º Senhor da Capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em Vila Real; fez *inquirição de genere* na Mitra Arquiepiscopal de Braga a 25-2-1689, juntamente com seus irmãos **Luís de Freitas e Barros** (1681-1715) e **Manuel Coelho de Faria** (1682- ), então menores de idade<sup>46</sup>; morreu em 30-12-1740, com todos os sacramentos, sendo sepultado na igreja de S. João Batista de Arroios, acompanhado de 30 clérigos, deixando por sufrágio de sua alma 2000 missas e a seus filhos (“familiares”) Manuel e Mariana, deixou a quantia de 100.000 réis *«faleceo da vida presente com todos os sacramentos e esta sepultado dentro da igreja de Sam Joam de Arroyos. Deixou que fosse acompanhado com trinta clérigos e deixou mais tres officios com os mesmos trinta clérigos (...), deixou duas mil missas por sua alma (...); deixou a Manuel de Faria cem mil reis e outros*

---

Coelhos de Freitas - Morgado de Arroios - Senhores da Casa do Paço de Abambres, n.º 3, pp. 597 e vol. III, p. 92; e Joaquim C. Barreira Gonçalves, op. cit., p. 63.

<sup>46</sup> cf. Arquivo Distrital de Braga, Inquirição de genere de António José Álvares Coelho de Faria ( -1740) e de seus irmãos Luís de Freitas e Barros (1681-1715) e Manuel Coelho de Faria (1682- ), DIO/MAB Mitra Arquiepiscopal de Braga, Inquirições de Genere (1616-1911), 1689. Segundo Manuela Alves, as Inquirições de Genere foram instituídas pelo Papa Urbano VIII, através do Breve “De puritate sanguinis”. A inquirição, pressupunha um inquérito, interrogatório, averiguação e investigação. Genere, provem do Latim genus,-eris, que significava nascimento, raça e pressupunha um “nascimento nobre”. As inquirições de genere, eram inquéritos à ascendência e tinham por finalidade provar a limpeza de sangue dos candidatos à vida clerical e que davam origem a processos organizados para prova de determinada ascendência dos interessados, com vista ao ingresso em determinado cargo. Ninguém, mesmo apresentado pelo bispo ou pelo Papa, podia tomar posse de um benefício dentro da diocese, sem se tornar previamente “habilitado”, ou seja, sem ser submetido a rigoroso inquérito cuja conclusão provasse ser cristão-velho, sem mistura de judeu ou outra raça. Este inquérito, estendia-se aos pais e avós e obedeciam a seis quesitos: Os cinco primeiros diziam respeito ao conhecimento dos indivíduos em causa e dos seus ascendentes - pais e avós paternos e maternos. No sexto, perguntava-se se eles foram sempre cristãos e limpos de sangue. Inquiria-se ainda se alguma dessas pessoas fora alguma vez penitenciada pelo Santo Ofício, se pagara finta lançada a gente hebraica, se cometera crime de heresia, se incorrera em infâmias e coisas semelhantes, in Manuela Alves - O que são as Inquirições de Genere, in Arquivo Distrital de Viseu n.º 50, 2012, in <http://genealogiafb.blogspot.pt/2015/03/o-que-sao-as-inquiricoes-de-genere.html>.

*cem mil reis a Mariana familiares do mesmo (....)».*<sup>47</sup>

† em S. João Baptista de Arroios, Vila Real a 30-12-1740

c. **Maria José** ou **Josefa da Silva**, que não fez testamento e foi sepultada dentro da igreja de S. João Baptista de Arroios; no assento de óbito, refere erradamente como viúva de Domingos Álvares, quando deveria referir solteira, † em S. João Baptista de Arroios, Vila Real a 23-12-1753. Filhos:

5.2.1 (IV) **MANUEL ÁLVARES COELHO DE FARIA**, 6º Administrador do Morgado de Arroios e 3º Senhor da Capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em S. João Baptista de Arroios, Vila Real (em parte em sucessão a sua tia D. Brites de Barros, enquanto a outra restou para o Morgado de Mateus), Senhor da Casa de Vale Nogueiras e da Casa do Paço de Abambres em Vila Real; no assento de baptismo a 11-9-1715, vem como filho de Maria Josefa, solteira; em 21-5-1783, realizou-se uma escritura de dote de casamento entre o pai da noiva Manuel Cardoso Pereira Pinto de Menezes (1740-1811), Fidalgo da Casa de Sua Majestade Fidelíssima, morador na sua quinta do Bairro em S. Martinho de Mouros e o futuro noivo Manuel Álvares Coelho de Faria (1715-1797), Fidalgo da Casa de Sua Majestade e Morgado de Arroios, termo de Vila Real, realizado pelo tabelião António Lopes na vila de Galegos, na qual se estipulavam as seguintes cláusulas: 1º o pai da noiva dotava sua filha D. Josefa Felizarda Joaquina de Menezes e Silva (1760-1799) com 4.000 cruzados; 2º o futuro marido dotava sua “*futura esposa*” D. Josefa, com quem estava contratado para casar «*com todos*

47 cf. Arquivo Distrital de Vila Real, Arroios, Óbitos 3 (1712-1911), TIF. 36, fl. 34 v.º e Óbitos 22 (1712-1808), TIF. 49; no assento de óbito vem citado erradamente o nome de Manuel em vez de António; Arquivo da Casa de Mateus, Sorte de partilhas de António Álvares Coelho. S.d., SICM / SSC: 06.01 / SR / GAVETA / SSR / ARROIOS INSTITUIÇÕES / SSSR / MÇ 6; Manuel José da Costa Felgueiras Gayo, op. cit., II Volume (tomo IV, VI e VI), Tomo VI, Barros, § 66, n.º 11, p. 573; J.A. Teixeira, op. cit., vol. I, 1946, Coelhos de Freitas - Morgado de Arroios - Senhores da Casa do Paço de Abambres, n.º 3, p. 597; Joaquim C. Barreira Gonçalves, op. cit., pp. 63-64.

*os seus bens patrimoniais, prazos e vinculos de sua caza de que atualmente se acha sendo Senhor (...)*»; 3º a futura mulher poderia dispor em vida e morte livremente desses bens; 4º o futuro marido em caso de morte sem sucessão, outorgaria a sua futura mulher 10.000 cruzados de arras para sua sustentação; 5º a esposada foi representada nesta escritura de dote por seu irmão Luís Cardoso Pereira Pinto de Menezes (1763-1837), Moço Fidalgo da Casa Real por sucessão (1777), Capitão-mor de S. Martinho de Mouros<sup>48</sup>; no assento de casamento a 15-1-1784, vem como filho porfilhado de António [José] Alves [Álvares] Coelho de Faria e de Maria José da Silva e com dispensa de banhos e licença do Príncipe Regente D. João (futuro D. João VI), para se casar na Capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios com D. Josefa Felizarda Joaquina de Menezes e Silva «*Manuel Alves [Álvares] Coelho de Faria, filho natural de Maria Jose da Silva e porfilhado por António Alves [Álvares] Coelho, ambos do lugar de Arroyos, recebeu por procuração que apresentou Manuel Antonio de Carvalho e Mello, do lugar de Gouvinhas, por sua legitima mulher D. Joaquina Felizarda Joaquina de Menezes e Silva, filha legitima de Manuel Cardoso Pereira Pinto de Menezes e de D. Maria Agostinha de Azevedo Coutinho, da freguesia e lugar de Sam Joam de Fontoura, Bispado de Vizeu e se recebeu hum ao outro por Marido e Mulher, sem impedimento algum com dispensa a banhos que alcançou de sua Alteza Real [D. João, futuro D. João VI]. Foram recebidos na sua Capella de Santo Antonio em Arroyos, com licença que obteve do mesmo Real Senhor [e] pormim Jeronimo de Carvalho Homem, Parocho desta freguesia*

---

<sup>48</sup> cf. Arquivo da Casa de Mateus, Escritura de dote de casamento entre Manuel Cardoso Pereira Pinto de Menezes, Fidalgo da Casa de Sua Majestade Fidelíssima, morador na sua quinta do Bairro em S. Martinho de Mouros a sua filha D. Josefa Felizarda Joaquina de Menezes e Silva, para se casar com Manuel Álvares Coelho de Faria, Fidalgo da Casa de Sua Majestade e Morgado de Arroios, termo de Vila Real feito pelo tabelião António Lopes na vila de Galegos a 21-5-1783.



de Sam Joam de Arroyos (....)»<sup>49</sup>; dois dias antes de falecer a 2-7-1797, realizou a seu pedido testamento, deixando como herdeira universal sua mulher e testamenteiro seu cunhado, escrito pelo padre Manuel Fernandes Torres e aprovado pelo tabelião Francisco Teixeira de Carvalho de Vila Real nesse próprio dia, e assinado pelo pároco de S. João Baptista de Arroios, Jerónimo de Carvalho Mourão a 30-10-1797: «dise que por não ter erdeiros necesarios Institua por sua universal herdeira de todos os seos bens livres e prazos de livre nomeação D. Josefa Joaquina de Menezes e Silva, com quem está casado, e por seu testamenteiro, Luiz Cardoso Per.<sup>ra</sup> P.<sup>to</sup> de Menezes, irmão da mesma da v.<sup>a</sup> de Vouzella (...)»; pedia ainda «que seu corpo fose sepultado dentro da sua Capella, que tem junto a suas cazas, emvolto em hu habito de S. Fran.<sup>co</sup> (...)».<sup>50</sup>

\* em S. João Baptista de Arroios, Vila Real a 11-9-1715, † em S. João Baptista de Arroios, Vila Real a 4-7-1797 (jaz sepultado na capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em Vila Real)

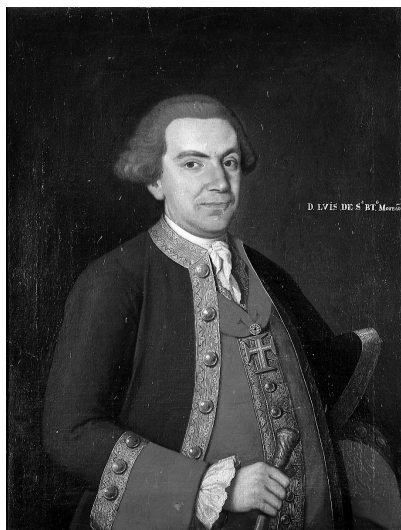
= com dispensa de banhos e por procuração de Manuel António de Carvalho e Mello, do lugar de Gouvinhas na Capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em S. João Baptista, Vila Real a 15-1-1784 com **D. Josefa Felizarda Joaquina de Menezes e Silva**, 8<sup>a</sup> Administradora do Morgado de Arroios e 5<sup>a</sup> Senhora da Capela

<sup>49</sup> cf. Arquivo Distrital de Vila Real, Arroios, Batismos 3 (1707-1727), TIF. 21 e Casamentos 15 (1767-1801), TIF. 23; Arquivo da Casa de Mateus, [Certificado] de Testamento e inventário de Manuel Álvares Coelho de Faria. 1798, SICM / SSC: 06.01 / SR / GAVETA 7 / SSR / ARROIOS INSTITUIÇÕES / SSSR/ MÇ 8; J.A. Teixeira, op. cit., vol. III, p. 424, diz erradamente que este Manuel Álvares Coelho de Faria, é filho de Miguel de Freitas de Barros e Faria, Morgado de Arroios e de sua mulher, D. Maria Joaquina de Barros; neto paterno de Manuel Álvares Coelho de Faria e de sua mulher D. Helena Álvares Coelho; neto materno de António Álvares de Barros e de sua mulher D. Isabel Joana Nunes; Manuel José da Costa Felgueiras Gayo, op. cit., II Volume (tomo IV, VI e VI), Tomo VI, Barros, § 66, n.º 10, p. 573; e Joaquim C. Barreira Gonçalves, op. cit., pp. 63-64.

<sup>50</sup> cf. Arquivo da Casa de Mateus, Testamento de Manuel Álvares Coelho de Faria, feito a rogo do testador pelo padre Manuel Fernandes Torres a 2-6-1797 e assinado pelo próprio, sendo aprovado pelo tabelião Francisco Teixeira de Carvalho de Vila Real a 2-7-1797 e por ser verdade assinado pelo pároco de S. João Baptista de Arroios, Jerónimo de Carvalho Mourão a 30-10-1797.



de S.<sup>to</sup> António de Arroios em S. João Baptista de Arroios (conforme estipulado no testamento de seu marido de 2-7-1797), Δ na Quinta do Bairro, S. João de Fontoura, Resende, Viseu a 17-7-1760, † em S. João Baptista de Arroios, Vila Real a 5-3-1799 (jaz sepultada na capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em Vila Real), filha de **Manuel Cardoso Pereira Pinto de Menezes**, Moço Fidalgo da Casa Real por sucessão, 6º Senhor do Morgado de Paredes em Resende, 9º Senhor do Morgado de Arroios e 6º Senhor da Capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em Vila Real (como herdeiro de sua filha, D. Josefa Joaquina de Menezes e Silva, viúva e herdeira do Morgado de Arroios, Manuel Álvares Coelho de Faria a 5-3-1799), \* na Quinta do Bairro em S. João de Fontoura, Resende, Viseu 1740, † em 1811 e de **D. Maria Agostinha de Azevedo Coutinho**, Senhora da Casa e do Morgado do Bairro em S. Martinho de Mouros, Lamego, Viseu, \* em S. João de Fontoura, Resende, Viseu cerca de 1740, † na Casa do Bairro, S. João de Fontoura, Resende, Viseu a 2-12-1777, sem geração, citados em baixo em **3.1.1.1.1 (VI)**



D. Luís António de Souza Botelho Mourão (1722-1798), 4º Senhor do Morgado de Mateus (coleção Fundação da Casa de Mateus)

5.2.2 (IV) **Mariana Joaquina de Barros de Faria**, tomou posse extrajudicial dos bens de seu irmão **Manuel Álvares Coelho de Faria**, tanto de vínculo, como de prazo e livres por volta de 30-10-1797, tornando-se assim 7<sup>a</sup> Administradora do Morgado de Arroios e 4<sup>a</sup> Senhora da Capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em S. João Baptista de Arroios (1797-1799); por volta de Outubro-Novembro de 1797, requeria ao Juiz de Fora, nulidade do testamento de seu irmão Manuel Álvares Coelho de Faria de 2-7-1797, com base nos seguintes argumentos: que o testamento seria falso e forjado «*hum Testam.<sup>to</sup> o cual dizem varias pessoas q he falso e fingido (...)*»; que as testemunhas desse documento eram os caseiros e compadres de sua cunhada; e que o testador já não estaria no seu perfeito juízo; no assento de casamento vem como filha natural de «*António [José] Alves [Álvares] Coelho [de Faria] e de Maria Joseph da Silva do lugar de Arroios*», sendo padrinho do matrimónio pela contraente o irmão «*Manoel Alves [Álvares] Coelho de Faria*» e testemunha «*Miguel de Freitas de Barros, filho do Doutor Manuel de Freitas de Barros desta freguesia (...)*»; passou a após a morte do marido a residir na Casa de Mateus em casa de seu parente, **D. Luís António de Souza Botelho Mourão** (1722-1798), fazendo-lhe doação de seus bens<sup>51</sup>; do seu consórcio houve uma única filha D. Mariana Isabel de Faria ou Mariana Isabel Vitória Albanês de Acuña do Amaral, que fugiu com António Luís de Pereira para Espanha, recolhida no Colégio de N. S.<sup>ra</sup> das Mercês em Orense, tiveram uma filha nascida a 4-8-1781, que morreu no mesmo dia depois de baptizada. D. Mariana Isabel, morreu em Orense a 6-8-1781 e fez nulo testamento como consta de certificado, Δ em S. João Baptista de Arroios, Vila Real a 6-7-1718, † aí em 28-11-1798

<sup>51</sup> cf. Arquivo da Casa de Mateus, [Declaração] de posse e requerimento de nulidade de testamento de seu irmão Manuel de 2-6-1797 de D. Maria Joaquina de Barros e Faria viúva, do lugar de Arroios ao Juiz de Fora por volta de 30-10-1797, ver: SICM / SSC: 06.01 / SR / GAVETA 7 / SSR / ARROIOS INSTITUIÇÕES / SSSR/ MÇ 9.

= na igreja de S. João Baptista de Arroios, Vila Real em 6-8-1756 com **António da Cunha Correia do Amaral**, \* Provesende, Sabrosa, Vila Real cerca de 1710, † em S. João Baptista de Arroios, Vila Real em 30-4-1767, filho de **Pantaleão da Cunha do Amaral** e de **Maria Botelho Correia**.<sup>52</sup>

5.3 (III) **Luís de Freitas e Barros**, que fez *inquirição de genere* na Mitra Arquiepiscopal de Braga a 25-2-1689, juntamente com seus irmãos **António José Álvares Coelho de Faria** ( -1740) e **Manuel Coelho de Faria** (1682- ); ao morrer apenas recebeu os sacramentos da extrema-unção e foi sepultado na igreja de S. João Baptista de Arroios.<sup>53</sup>

Δ em S. João Baptista de Arroios, Vila Real a 3-2-1681, † aí a 10-11-1715, sem geração.

5.4 (III) **Manuel Coelho de Faria**, que fez *inquirição de genere* na Mitra Arquiepiscopal de Braga a 25-2-1689, juntamente com seus irmãos **António José Álvares Coelho de Faria** ( -1740) e **Luís de Freitas e Barros** (1681-1715).<sup>54</sup>

Δ em S. João Baptista de Arroios, Vila Real a 15-6-1682, † 30-6-1740, solteiro, com geração.

---

<sup>52</sup> cf. Arquivo Distrital de Vila Real, Arroios, Casamentos 14 (1708-1767), TIF. 34 e 35, fls. 35 e v.º e Óbitos 22 (1712-1808), TIF. 60; Joaquim C. Barreira Gonçalves, op. cit., pp. 63 e 66; Manuel José da Costa Felgueiras Gayo, op. cit., vol. II, p. 573 (Barros); vol. IV, p. 179 (Cunhas), chama-lhe Mariana de Faria.

<sup>53</sup> cf. Arquivo Distrital de Vila Real, Arroios, Batismos 2 (1675-1705), TIF. 16, e Óbitos 22 (1712-1808), TIF. 10; Arquivo Distrital de Braga, Inquirição de genere de António José Álvares Coelho de Faria (-1740) e de seus irmãos Luís de Freitas e Barros (1681-1715) e Manuel Coelho de Faria (1682-), DIO/MAB Mitra Arquiepiscopal de Braga, Inquirições de Genere (1616-1911), 1689.

<sup>54</sup> cf. Arquivo Distrital de Vila Real, Arroios, Batismos 2 (1675-1705), TIF. 17, Arquivo Distrital de Vila Real, Arroios, Óbitos 3 (1712-1911), TIF. 36, fl. 34 v.º; Arquivo Distrital de Braga, Inquirição de genere de António José Álvares Coelho de Faria (-1740) e de seus irmãos Luís de Freitas e Barros (1681-1715) e Manuel Coelho de Faria (1682-), DIO/MAB Mitra Arquiepiscopal de Braga, Inquirições de Genere (1616-1911), 1689.

5.5 (III) **D. Brites de Barros**, sucede como 5<sup>a</sup> Administradora do morgado de Arroios e 2<sup>a</sup> da Capela de S.<sup>to</sup> António em S. João Baptista de Arroios, Vila Real, após a morte de seu irmão António José Alvares Coelho de Faria, ocorrida em 30-12-1740; fez testamento escrito por António Pinto do Canto e aprovado pelo tabelião José [Meneres] Sequeira em 18-3-1752; segundo a sua certidão de óbito de 15-4-1752 e testamento, refere que recebeu o sacramento da extrema-unção, sendo sepultada dentro da igreja de S. João Baptista de Arroios e deixou como herdeiros seus sobrinhos: **Manuel Álvares Coelho de Faria** (1715-1797), Padre **João Botelho Mourão** ( -1773), Arcediago de Labruge e **D. Mariana Joaquina de Barros de Faria** (1718-1798): *«fes testamento por escripto e deixou por seus erdeiros seus sobrinhos Manoel Álvares Coelho de Faria e a Joam Botelho Mouram, Arcediago e a Dona Mariana Joacina de Barros»*; no seu testamento pedia ainda que o seu corpo fosse envolto com o hábito de S. Francisco e escapulário de S. Domingos e que fosse sepultada na igreja de S. João Baptista de Arroios; deixava vários legados a seus sobrinhos, nomeadamente a D. Luís António de Sousa Botelho Mourão, a quantia de 500.000 réis; e requeria ainda licença a Sua Majestade para poder nomear na sua Capela sua sobrinha D. Mariana Joaquina de Barros e Faria; assim após a sua morte, acabou por tomar posse da administração do vínculo de Arroios, o sobrinho, **Manuel Álvares Coelho de Faria** (1715-1797), filho natural e perfilhado de **António Álvares Coelho de Faria** ( -1740) e de **Maria José [da Silva]** (1753- ) e deste modo, **D. Luís António de Souza Botelho Mourão** (1722-1798), 4<sup>o</sup> Morgado de Mateus,, apenas tomou posse de alguns bens de Arroios em sucessão a seu tio paterno, o Padre **João Botelho Mourão** (-1773), Arcediago de Labruge em 16-4-1752.

† em S. João Baptista de Arroios, Vila Real a 15-4-1752

## § 2

### 3 (II) **D. PAULA DE FIGUEIREDO**<sup>55</sup>

Δ em S. João Baptista de Arroios, Vila Real a 19-8-1621

= com **António Teixeira de Araújo de Magalhães**, o Cego, Senhor da Casa da Calçada em Vila Real (hoje representada pelos Condes de Vila Pouca), \* cerca de 1620, filho de **Mateus Teixeira de Magalhães** e de **Catarina de Araújo Teixeira**. Filha:

#### 3.1 (III) **D. Ana Maria de Magalhães Teixeira**, que segue.

#### 3.1 (III) **D. ANA MARIA DE MAGALHÃES TEIXEIRA**<sup>56</sup>

\* cerca de 1669

= com **Luís Pereira Pinto de Menezes**, M.F.C.R. por sucessão (alvará do Príncipe Regente D. Pedro, em nome de El-Rei D. Afonso VI de Portugal de 16 ou 19-5-1683), 3º Senhor do Morgado de Paredes em Resende, etc., \* cerca de 1650, filho de **Cristóvão Pereira Pinto**, M.F.C.R. (alvará de 11-8-1639), 2º Senhor do Morgado de Paredes em Resende e da Casa de S.<sup>to</sup> António em Vila Real, \* em Lamego, Viseu cerca de 1610 e de **D. Maria das Neves Cardoso de Menezes**. Filho:

#### 3.1.1 (IV) **Francisco José Cardoso Pereira Pinto de Menezes**, que segue.

3.1.1 (IV) **FRANCISCO JOSÉ CARDOSO PEREIRA PINTO DE MENEZES**, M.F.C.R. por sucessão (alvará de El-Rei D. Pedro II de Portugal de 8-7-1698), 5º Senhor do Morgado de Paredes em Resende, herdeiro de seus pais e de seu irmão Cristóvão, etc.<sup>57</sup>

<sup>55</sup> cf. Arquivo Distrital de Vila Real, Arroios, Batismos 1 (1574-1670), TIF. 47, fl. 28; J.A. Teixeira, op. cit., vol. I, 1946, Coelhos de Freitas - Morgado de Arroios - Senhores da Casa do Paço de Abambres, n.º 3, pp. 597.

<sup>56</sup> cf. J.A. Teixeira, op. cit., vol. III, 1951, Genealogia dos Cardosos Pintos de Menezes - Morgado de Paredes, n.º 3, p. 422.

<sup>57</sup> cf. J.A. Teixeira, op. cit., vol. III, 1951, Genealogia dos Cardosos Pintos de Menezes - Morgado

Δ em S. Pedro, Vila Real a 11-4-1689.

= com **D. Luísa Bernarda de Azevedo e Castro**, \* na vila de Amarante cerca de 1690, filha de **João Taveira de Gouveia**, Senhor da Quinta de Paredes e de s.m. **D. Maria [Josefa] Azevedo e Vasconcelos**. Filho:

3.1.1.1 (V) **Manuel Cardoso Pereira Pinto de Menezes**, que segue.

3.1.1.1 (V) **MANUEL CARDOSO PEREIRA PINTO DE MENEZES**, M.F.C.R. por sucessão, 6º Senhor do Morgado de Paredes em Resende, 9º Senhor do Morgado de Arroios e 6º Senhor da Capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em Vila Real (como herdeiro de sua filha, D. Josefa a 5-3-1799)<sup>58</sup>; vendeu os bens herdados da filha D. Josefa, nomeadamente a casa, capela e quinta S.<sup>to</sup> António de Arroios e outros bens em Gouvinhas em Vila Real, ao Dr. António Rebelo de Matos Rocha e a seus irmãos, conforme escritura de compra que o Tabelião Manuel Correia da Mesquita outorgou em Vila Real a 28-5-1806.<sup>59</sup>

\* na Quinta do Bairro em S. João de Fontoura, Resende, Viseu 1740, † em 1811

= com **D. Maria Agostinha de Azevedo Coutinho**, Senhora da Casa e do Morgado do Bairro em S. Martinho de Mouros, Lamego,

---

de Paredes, n.º 4, p. 423.

<sup>58</sup> cf. J.A. Teixeira, op. cit., vol. III, 1951, Genealogia dos Cardosos Pintos de Menezes - Morgado de Paredes, n.º 5, pp. 423-424.

<sup>59</sup> cf. António Rebelo de Matos Rocha, Bacharel em Cânones e promotor eclesiástico, † em Vila Real a 8-2-1810; José Rebelo de Matos Rocha, Bacharel em Leis, Cavaleiro Professo da Ordem de Cristo, \* em Vila Real a 14-11-1757, que casou em S. Pedro de Vila Real a 9-11-1817 com D. Antónia Casimira de Menezes Girão Cardoso, \* em Vouzela, Viseu a 17-2-1795, sem geração; João Rebelo de Matos e Rocha, Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo (decreto de 13-5-1814), 1º Administrador da Capela do Bom Jesus do Calvário em Vila Real (por provisão de El-Rei D. João VI de 18-6-1825), etc., \* em S. Pedro de Vila Real a 4-9-1767; Maria Eufrásia Rebelo de Matos Rocha, \* a 25-12-1750 e D. Ana Margarida Rebelo de Matos Rocha, \* em S. Pedro de Vila Real a 27-3-1761, in J.A. Teixeira, op. cit., vol. I, 1946, p.?, in J.A. Teixeira, op. cit., vol. I, 1946, Cardoso de Menezes, n.º 3, p. 37.

Viseu, \* em S. João de Fontoura, Resende, Viseu cerca de 1740, † na Casa do Bairro, S. João de Fontoura, Resende, Viseu a 2-12-1777, filha de **Domingos Azevedo Coutinho**, Senhor da Casa e Morgado do Bairro em S. Martinho de Mouros, Lamego, Viseu e de s.m. **D. Brígida de Sequeira**. Filhos:

3.1.1.1.1 (VI) **D. Josefa Felizarda Joaquina de Menezes e Silva**, 8ª Administradora do Morgado de Arroios e 5ª Senhora da Capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em S. João Baptista de Arroios (conforme estipulado no testamento de seu marido de 2-7-1797)<sup>60</sup>

Δ na Quinta do Bairro, S. João de Fontoura, Resende, Viseu a 7-7-1760, † em S. João Baptista de Arroios, Vila Real a 5-3-1799 (jaz sepultada na capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em Vila Real)

= com seu primo **Manuel Álvares Coelho de Faria**, 6º Administrador do Morgado de Arroios e 3º Senhor da Capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em S. João Baptista de Arroios, Vila Real, Senhor da Casa de Vale Nogueiras e da Casa do Paço de Abambres em Vila Real; fez testamento a 2-7-1797, deixando como herdeira universal sua mulher, \* em S. João Baptista de Arroios, Vila Real a 11-9-1715, † em S. João Baptista de Arroios, Vila Real a 4-7-1797 (jaz sepultado na capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em Vila Real, sem geração, citados acima em **5.2.1 (IV)**)

3.1.1.1.2 (VI) **Luís Cardoso Pereira Pinto de Menezes**, que segue.

3.1.1.1.2 (VI) **LUÍS CARDOSO PEREIRA PINTO DE MENEZES**, M.F.C.R. por sucessão (alvará de D. Maria I de Portugal de 14-7-1777), Capitão-mor de S. Martinho de Mouros, Lamego, Viseu, 7º Senhor do Morgado de Paredes em Resende e

---

<sup>60</sup> cf. Arquivo Distrital de Viseu, S. João de Fontoura, Resende, Baptismos 3 (1745-1761), TIF. 281 e 282, fl. 136 e v.º; J.A. Teixeira, op. cit., vol. III, 1951, Genealogia dos Cardosos Pintos de Menezes - Morgado de Paredes, n.º 6, p. 424.

4º do vínculo de Vila Flôr de Trás-os-Montes, Senhor da Casa do Bairro em Lamego, Viseu e da Casa da Praça em Vouzela, Viseu (pelo seu casamento), herdeiro universal e representante desta família por morte de seu irmão mais velho José e de seus primos António e José Cardoso Pereira Pinto de Menezes.<sup>61</sup>

\* na Casa do Bairro, S. João de Fontoura, Resende, Viseu a 6-3-1763, † aí em 1837.

= na igreja de S.<sup>ta</sup> Maria, Vouzela, Viseu a 23-5-1792 com **D. Maria Rita de Mello e Almeida Souza Barros Girão Cardoso**, Senhora da Casa da Praça em Vouzela, Viseu, \* na Quinta da Corujeira, Vouzela, Viseu a 25-12-1768, † em S. Martinho de Mouros, Lamego, Viseu cerca de 1828, filha herdeira de **José Bernardo de Almeida e Barros**, Fidalgo de Cota de Armas (a 29-4-1766), da Casa do Pendão da Trapa, Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo, Sargento-mor das Ordenanças dos Coutos de Ansemil da Ordem de Malta, \* em S.<sup>ta</sup> Cruz da Trapa, S. Pedro do Sul, Viseu e de **D. Rosa Josefa de Melo Girão Cardoso**, \* Ventosa, Vouzela, Viseu a 6-11-1728. Filhos:

3.1.1.1.2.1 (VII) **José Cardoso Pereira Pinto de Menezes**, M.F.C.R. por sucessão, herdeiro do vínculo de Vila Flor, etc.

\* em Vouzela, Viseu a 9-8-1793, † na Casa de Vila Flor, Trás-os-Montes a 24-12-1875 (sendo enterrado em jazigo de família na igreja de S. Bartolomeu de Vila Flor), sem geração

3.1.1.1.2.2 (VII) **D. Antónia Casimira de Menezes Girão Cardoso**

\* em Vouzela, Viseu a 17-2-1795

= em S. Pedro de Vila Real a 9-11-1817 com **João Rebelo de Matos Rocha**, Bacharel em Leis, Cavaleiro Professo da Ordem de

---

<sup>61</sup> cf. J.A. Teixeira, op. cit., vol. III, 1951, Genealogia dos Cardosos Pintos de Menezes - Morgado de Paredes, n.º 6, pp. 424-425.



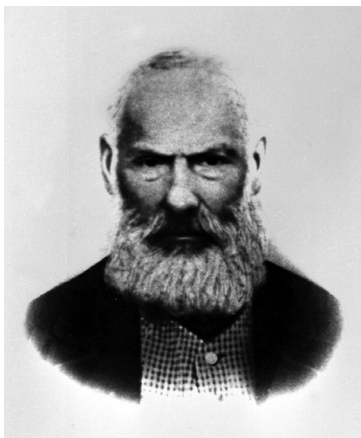
Cristo, \* em Vila Real a 4-09-1767, etc., filho de **João Rebelo da Rocha** e de s.m. **D. Maria de Matos de Carvalho**; neto paterno de **Manuel Rebelo** e de s.m. **D. Ana Gonçalves da Rocha**; neto materno de **Domingos de Mattos de Carvalho** e de s.m. **D. Luísa de Carvalho**, sem geração

3.1.1.1.2.3 (VII) **Francisco Cardoso Pereira Pinto de Menezes**, Capitão-mor de S. Martinho de Mouros, Lamego, Viseu, Senhor do Morgado de Paredes em Resende, etc.

† em Lamego, Viseu a 25-3-1889.

= em Lamego, Viseu a 10-2-1838 com sua prima co-irmã **D. Maria Antónia de Souza Pereira de Menezes**, filha de **Luís de Souza Pereira Pinto de Menezes**, da Casa de Val de Ladrões e do Correio-mor de Lamego, Viseu e de s.m. **D. Maria Tomásia Pereira de Menezes**, sem geração

3.1.1.1.2.4 (VII) **D. Matilde Carolina Cardoso de Menezes Girão**, que segue.



D. Matilde Carolina Cardoso de Menezes Girão (1803-1880), herdeira da casa e morgadios de seus pais e irmãos e Bernardino Felizardo Rebelo de Carvalho (1800-1870), 8º Senhor da Capela de S.to António em Arroios, Vila Real, Alferes de Cavalaria Reformado (Dragões de Chaves), Vereador da Câmara Municipal de Vila Real (1841)

3.1.1.1.2.4 (VII) **D. MATILDE CAROLINA CARDOSO DE MENEZES GIRÃO**, herdeira da casa e morgadios de seus pais e irmãos.<sup>62</sup>

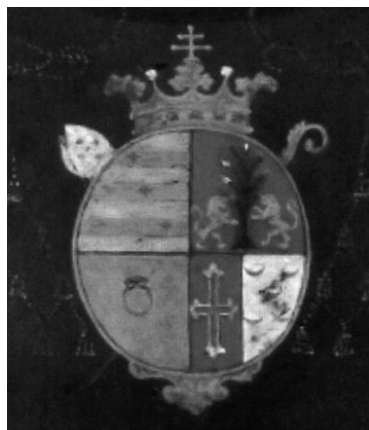
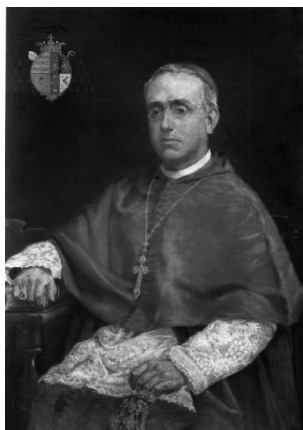
\* na Casa da Praça, Vouzela, Viseu a 10-2-1803, † em Braga a 21-1-1880 (jaz sepultada na capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em Vila Real)

= na igreja de S. Pedro, Vila Real a 16-10-1831 com **Bernardino Felizardo Rebelo de Carvalho**, Alferes de Cavalaria Reformado (Dragões de Chaves), Vereador da Câmara Municipal de Vila Real (a 9-5-1841), legitimado por alvará régio de 5-11-1831, 8º Senhor da Capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em S. João Baptista de Arroios, Vila Real; em 1842-1843, fez parte da Comissão Administrativa da Santa Casa da Misericórdia de Vila Real com outros indivíduos, visto que a anterior Mesa da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia desta vila, fora dissolvida por José Cabral Teixeira de Moraes (1792-1860), Governador Civil de Vila Real (1840-1845) por despacho de 9-11-1842, dado dever avultadas quantias à Santa Casa. A nova comissão era composta ainda dos seguintes cidadãos: Brás Gonçalves Pereira (presidente), o bacharel João António Baptista e Sousa, António José Gonçalves Basto, Manuel José da Rocha Guimarães, padre Francisco da Veiga, Francisco José Claro, António de Bessa Monteiro, José Correia Mourão<sup>63</sup>, \* em 1800, † em Vila Real, Rua Direita a 2-8-1870 (jaz sepultado na capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em Vila Real), filho de **João Rebelo de Matos e Rocha**, Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo (decreto de 13-5-1814), 7º Senhor da Capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em Vila Real (em co-propriedade juntamente com seus irmãos a 28-5-1806), 1º Administrador da Capela do Bom Jesus do Calvário em

<sup>62</sup> cf. Arquivo Distrital de Viseu, Vouzela, Baptismos 2 (1796-1822), TIF. 47, fl. 43 v.º; J.A. Teixeira, op. cit., vol. III, 1951, Genealogia dos Cardosos Pintos de Menezes - Morgado de Paredes, n.º 7, p. 425.

<sup>63</sup> cf. Fernando de Sousa, coord. e Natália Marinho Ferreira Alves - A Santa Casa da Misericórdia de Vila Real: História e Património, Vila Real: Cepese, 2011, p. 45.

Vila Real (por provisão de El-Rei D. João VI de 18-6-1825), Alferes de Cavalaria n.º 2 e Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Vila Real (1833-1834), \* em S. Pedro de Vila Real a 4-9-1767 e de **D. Francisca Leocádia de Meireles**. Filhos:



D. João Rebelo Cardoso de Menezes (1832-1890), Bispo-Coadjutor de Lamego (1887-1890), Arcebispo titular de Mitilene (1884) e Arcebispo titular de Larissa (1887)  
e Armas episcopais de D. João Rebelo Cardoso de Menezes, Bispo-Coadjutor de Lamego:  
escudo esquartelado: no 1º quartel Rebelo; no 2º Cardoso; no 3º Menezes;  
no 4º partido no 1º Pereira e no 2º Pinto; escudo encimado com a Coroa de Arcebispo

**3.1.1.1.2.4.1 (VIII) D. João Rebelo Cardoso de Menezes,** Bispo-Coadjutor de Lamego (de 14-3-1887 a 5-6-1890), Arcebispo titular de Mitilene (de 7-12-1884 a 14-3-1887) e Arcebispo titular de Larissa (de 14-3-1887 a 5-6-1890), Monsenhor Capelão Honorário “*extra urbem*” do Papa Leão XIII (a -8-1879)<sup>64</sup>, Protonotário Apostólico e Prelado Doméstico de Sua Santidade (a -2-1881), Doutor em Teologia (por diploma do Papa Leão XIII a 16-12-1884), Provisor e Vigário Geral do Patriarcado (a 10-9-1884),

<sup>64</sup> S.S. o Papa Leão XIII, nasceu em Carpineto Romano, Itália a 2-3-1810, e morreu em Roma, Vaticano a 20-7-1903, eleito Papa a 20-2-1878, sendo coroado em 3 de Março do mesmo ano; foi ainda ordenado sacerdote a 31-12-1837, núncio apostólico para a Bélgica em 18-1-1843, bispo titular de Tamiathis em 19-2-1843, Arcebispo de Perugia, Itália em 27-7-1846, Cardeal-presbítero de S. Crisógono em 19-12-1853, Doutor em Teologia em 1832. Em 1924, os seus restos mortais foram transferidos para a basílica de S. João de Latrão em Roma.

Desembargador Honorário da Relação Geral do Patriarcado (a 10-4-1884), Desembargador Honorário da Relação Eclesiástica de Braga (a 14-10-1880), Examinador Prosinodal e Director do Jornal Semana Religiosa Bracarense (1875-1884), etc.

Renunciou aos morgadios e vínculos que lhe pertenciam como filho primogénito e herdeiro legal, dedicando-se ao estado eclesiástico, acedendo assim aos desejos de sua mãe e por ser essa a sua vocação desde tenra idade.

Fez com distinção os estudos preparatórios no Liceu de Vila Real, passando depois a estudar Teologia no Seminário Arquiepiscopal de Braga, onde pelo seu talento e aplicação, foi considerado o aluno mais notável do seu curso.

Concluídos os estudos, recebeu a 1-6-1855, ordens menores em Barcelos, ministradas por D. Joaquim Pereira Ferraz (1788-1873), Bispo de Leiria (1852-1873). A 22-12 do mesmo ano, teve ordens de subdiácono, conferidas pelo prelado lamecense (1843-1861), D. José de Moura Coutinho (1779-1861), na capela particular do Paço de Lamego, com “reverendas” trazidas de Braga; a 20-12-1856, recebeu as ordens de diácono, das mãos de D. José Joaquim de Azevedo e Moura (1794-1876), Arcebispo-Primaz de Braga (1856-1876); e em 19-9-1857, recebeu a sagrada dignidade de presbítero em Braga.

Logo ao encetar a carreira eclesiástica, foi escolhido para capelão das freiras de S.<sup>ta</sup> Clara de Vila Real e em seguida fundou na capital de Trás-os-Montes, a instituição das Servas de Maria. Vila Real, presenciava o seu zelo pela causa da religião e admirava a sua abnegação em favor dos desditosos, pois via-o a penetrar na “*pocilga*” do mendigo e a visitar o albergue do enfermo.

Desde logo se deu o jovem sacerdote a grande actividade religiosa, que não desdizia dos piedosos sentimentos que cultivara na infância. Durante 12 anos com outros sacerdotes de grande zelo apostólico (Prosperi, Rademaker e Guerreiro), percorreu o país e

ilhas dos Açores pregando o Evangelho e no exercício de missões religiosas e missionário apostólico, prestando bons serviços ao País. Quando terminou os seus trabalhos apostólicos em Ponta Delgada, Açores, teve a despedida de mais de 2000 pessoas e fiéis, na estação de caminho-de-ferro.

Quando da organização do movimento associativo dos católicos, foi diretor espiritual da Associação Católica de Braga em Janeiro de 1873.

Os relevantes serviços prestados à Igreja como missionário, professor e dignitário, e as altas distinções e cargos com que a Santa Sé o agraciou e investiu, foram a prova mais evidente dos elevados merecimentos deste prelado. S. S. o Papa Leão XIII, nomeou-o seu capelão honorário *extra urbem*, conferiu-lhe o título de *Monsenhor* ( -8-1879) e nomeou-o ainda protonotário apostólico e seu prelado doméstico ( -2-1881). Foi ainda nomeado desembargador honorário da Relação Eclesiástica de Braga em 14-10-1880 e sagrado Arcebispo de Mitilene no Seminário Patriarcal de Santarém e nomeado Provisor e Vigário-Geral do Patriarcado em 10-4-1884. Nesse ano (1884), foi-lhe conferido pelo Sumo Pontífice, o grau de Doutor em Teologia (por diploma do Papa Leão XIII a 16-12-1884), graça única em Portugal até então, fundamentada nas obras publicadas e na sua acção na imprensa religiosa. Por último em 1887, foi nomeado arcebispo de Larissa, coadjutor e futuro sucessor do Bispo de Lamego, D. António da Trindade de Vasconcelos Pereira de Melo (1812-1895).

No âmbito da sua actividade sacerdotal e pastoral, introduziu enormes benefícios nas dioceses por onde passou, como sejam: na fundação da instituição das Servas de Maria em Vila Real; na reforma e direcção do Seminário Arquiepiscopal de S. Pedro e S. Paulo em Braga (entre 1874-1884); na inauguração dum colégio de educação religiosa para meninos pobres na rua das Praças em Lisboa (1885); na criação e publicação da “Revista Eclesiástica

de Lamego”, de publicação quinzenal (em 1889); benfeitorias no Seminário Episcopal de Jesus, Maria e Ana em Lamego (1889), etc., etc.

Destaca-se ainda, como director e principal redactor do jornal *Semana Religiosa Bracarense*, entre 28-5-1875 a 1884, periódico este, que no seu género era a primeira publicação no nosso País.

Distinguiu-se muito como orador sagrado, pronunciando na igreja de S. Vicente de Fora em Lisboa, na Quaresma dos anos de 1884, 1885 e 1886, conferências religioso-filosóficas que foram muito apreciadas não só pelos fiéis, como também pelos mais ilustres homens de letras do seu tempo, que foram ouvi-lo atraídos pela fama da sua erudita e vernácula eloquência.



D. João Rebelo Cardoso de Menezes (1832-1890), Bispo-Coadjutor de Lamego (1887-1890), Arcebispo titular de Mitilene (1884) e de Larissa (1887) e Capela de S.to António em S. João Baptista de Arroios, Vila Real (imóvel de interesse público a 27-11-1993)

A 16-4-1888, partiu de Portugal uma 2ª Peregrinação de fiéis portugueses a Roma presidida por D. João Rebelo Cardoso de Menezes, Arcebispo titular de Larissa e Bispo Coadjutor de Lamego. Os peregrinos, iam felicitar o Papa Leão XIII pelo seu Júbilo Sacerdotal. A partida deu-se no Porto às 8h15m do dia 16

de Abril, estimando-se em cerca de 300 peregrinos, que iam com o objectivo de tomar parte nas festas do Jubileu Sacerdotal de Leão XIII e pessoalmente depor aos pés de Sua Santidade, sentimentos de obediência, amor e congratulação filial. A comitiva portuguesa foi recebida pelo Soberano Pontífice no Palácio Ducal em Roma a 26-4-1888, dia de N. S.<sup>ra</sup> do Bom Conselho, lendo o Arcebispo de Larissa uma felicitação em português, respondendo-lhe o Papa Leão XIII em italiano.

A sua vida foi sempre modelo de virtudes e simplicidade cristãs, dedicando todos os seus bens e afãs ao socorro dos necessitados e amparo dos humildes.

Escreveu três obras úteis e importantes: “O Código Penal da Igreja”, Braga: Typ. Lusitana, 1878, que são um comentário à constituição *Apostolicae Sedis*; um “Ceremonial segundo o rito romano que deve observar se na tercia e missa conventual”, Braga: Typ. Lusitana, 1879, de utilidade para os ministros do altar; e ainda “Os Seminários”, que se destinava ao clero e principalmente aos jovens que decidiam ir para o sacerdócio.<sup>65</sup> Publicou também diversos artigos no *Commercio do Minho*, *A Palavra*, *A Ordem* e outras publicações periódicas. Com o resultado pecuniário destes artigos e obras, aplicou-os para os estudantes pobres do Seminário de Braga.

Na manhã de 5-6-1890, foi encontrado morto no paço episcopal, apenas com 58 anos de idade, devido ou a problemas cardíacos, ou a desgostos que sofrera em 1887, ou a acto criminoso. Eram então conhecidas as profundas divergências públicas, entre este

---

<sup>65</sup> cf. Fortunato de Almeida - História da Igreja em Portugal, Tomo IV - 1750-1910, Parte III, Coimbra: Proprietário e editor Fortunato de Almeida, 1922, p. 201 e Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues - Portugal: dicionário histórico, chorographico, heraldico, biographico, bibliographico, numismatico e artistico: abrangendo a minuciosa descripção... de todos os factos notáveis da história portugueza, etc., etc. / obra il. com centenares de photogravuras e redigida segundo os trabalhos dos mais notáveis escriptores por Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues, 4º vol: L-M, 1909. Lisboa: João Romano Torres, 1904-1915, p. 1051.



prelado e o cônego açoriano, Francisco de Arruda, ex-vigário-geral, mantendo-se esta séria suspeita criminosa por muitos anos.<sup>66</sup>

\* na rua Direita em Vila Real, Trás-os-Montes a 29-10-1832 e foi baptizado na freguesia de S. Pedro a 4-11-1832, † em Lamego, Viseu a 5-6-1890 (sendo o seu corpo trasladado de Lamego para a capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em Vila Real)<sup>67</sup>

### 3.1.1.1.2.4.2 (VIII) **D. Antónia Casimira Rebelo Cardoso de Menezes.**

\* em Vila Real a 22-5-1834.

= em S. Pedro de Vila Real a 1-9-1858 com seu primo **José Sebastião Cardoso de Menezes**, filho de **António Luís Cardoso de Menezes** e de s.m. **D. Joaquina Rita de Afonseca**, sem geração

### 3.1.1.1.2.4.3 (VIII) **D. Ana Júlia Rebelo Cardoso de Menezes**, que segue.

### 3.1.1.1.2.4.4 (VIII) **Bernardino Rebelo Cardoso de Menezes**

\* em Vila Real a 22-4-1843.

= com **D. Emília de Noronha Pinto Coelho Guedes de Simões**, filha de **José Pinto Coelho Guedes de Simões**, Fidalgo da Casa Real, Senhor da Casa de Simões em Moure, Lamego,

<sup>66</sup> cf. Joaquim Correia Duarte - História da Igreja de Lamego, Lamego, 2013, p. 374.

<sup>67</sup> J.A. Teixeira, op. cit, vol. I, 1946, Cardoso de Menezes, n.º 5, pp. 38-39 e vol. III, 1951, Genealogia dos Cardosos Pintos de Menezes - Morgado de Paredes, n.º 8, pp. 425-426; Luís Miguel Pulido Garcia Cardoso de Menezes - «D. João Rebelo Cardoso de Menezes (1832-1890), Bispo-Coadjutor de Lamego (1887-1890), Arcebispo titular de Mitilene (1884) e de Larissa (1887)», in Cadernos Barão de Arêde - Revista do Centro de Estudos de Genealogia e Heráldica Barão de Arêde Coelho, N.º 4 (Abril-Junho 2015), [Albufeira]: Arandis Editora, 2015, pp. 4-30; Fortunato de Almeida, op. cit., pp. 347-350 e Barroso da Fonte, coord. - Dicionário dos mais ilustres Transmontanos e Alto Durienses, vol. I. Guimarães: Editora Cidade Berço, 1998, pp. 367-368.



Viseu e de s.m. **D. Leonarda Rosa Branca Pereira de Miranda**, sem geração

3.1.1.1.1.4.5 (VIII) **José Rebelo Cardoso de Menezes**

\* em Vila Real a 3-9-1844

= na igreja de Mouços em 4-8-1892 com **D. Maria Teresa Teixeira**, filha de **António Teixeira Martinho** e de s.m. **D. Joaquina da Silva**, com geração.



D. Ana Júlia Rebelo Cardoso de Menezes (1838-1911), 9ª Senhora da Capela de S.º António em S. João Baptista de Arroios, Vila Real, óleo sobre tela (colecção de D. Maria Luísa da Conceição Cardoso de Macedo e Menezes) e Luís Cardoso Martins da Costa Macedo (1836-1919), 1º Conde de Margaride, óleo sobre tela (colecção do Eng. Luís José de Magalhães Cardoso de Macedo e Menezes - Casa de Riba D'Ave)

3.1.1.1.2.4.3 (VIII) **D. ANA JÚLIA REBELO CARDOSO DE MENEZES**, 9ª Senhora da Capela de S.º António em S. João Baptista de Arroios, Vila Real (por renúncia de seu irmão D. João e partilhas legais).<sup>68</sup>

<sup>68</sup> cf. J.A. Teixeira, op. cit., vol. I, 1946, Cardoso de Menezes, n.º 5, p. 38 e vol. III, 1951, Genealogia dos Cardosos Pintos de Menezes - Morgado de Paredes, n.º 8, p. 425 e Cardosos Pintos de Menezes - Senhores da Quinta das Hortas em Vila Real - Condes de Margaride, p. 430.

\* em S. Pedro de Vila Real a 3-8-1838, † na Casa do Carmo, S.<sup>ta</sup> Maria de Oliveira do Castelo, Guimarães a 31-12-1911.

= na capela da Casa da Portela, S. Jorge de Selho, Guimarães a 5-7-1866 com **LUÍS CARDOSO MARTINS DA COSTA MACEDO**, 1º Conde e 1º Visconde de Margaride (decreto de 1-8-1872 e de 3-3-1877), Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, por sucessão (alvará 15-3-1862), do Conselho de S.M.F. (decreto de 1-10-1874), Comendador da Ordem de N. Sr.<sup>a</sup> da Conceição de Vila Viçosa (decreto de 14-9-1876), Grã-Cruz da Ordem de Cristo (alvará de 8-1-1907), Par do Reino (por carta régia de 29-12-1881, de que tomou assento e prestou juramento na sessão da Câmara dos Pares de 18-3-1882)<sup>69</sup>, Governador Civil de Braga (de 12-10-1871 a 15-3-1877) e do Porto (de 6-2-1878 a 3-6-1879), Vice-Presidente do Partido Regenerador no Porto (a 6-9-1879), Procurador de Guimarães na Junta Geral do Distrito de Braga (de 4-9-1883 a 28-11-1885), Presidente da Câmara Municipal de Guimarães (1870, 1878, 1887-1892), Bacharel formado em Filosofia pela Universidade de Coimbra (a 15-7-1857), 9º Senhor da Casa de Margaride em S. Romão de Mesão-Frio, da Casa da Veiga em S. Pedro de Azurém, do Carmo em S.<sup>ta</sup> Maria de Oliveira do Castelo, da Ribeira em S. João da Ponte (que comprou a seu primo Eduardo Martins de Queirós Montenegro) e do Chantre, todas no termo de Guimarães, Provedor da S.<sup>ta</sup> Casa da Misericórdia de Guimarães (1880-1881), Provedor da Real Irmandade de N. Sr.<sup>a</sup> da Consolação e Santos Passos (1888-1889), Presidente do Asilo de S.<sup>ta</sup> Estefânia em Guimarães (1897) e herdeiro de toda a casa de seus pais (por doação de 27-6-1866). Foi um dos mais notáveis vimaranenses do seu tempo e um exemplo total de dedicação à sua Pátria, \* na Casa da Veiga, S. Pedro de Azurém, Guimarães a 8-1-1836, † em Guimarães, Casa do Carmo,

---

<sup>69</sup> cf. Sobre a nomeação de Par do Reino, consulte-se AHP / Arquivo Histórico Parlamentar, Câmara dos Pares do Reino (1842-1910), Acta n.º 5 de 30-1-1882, sessão legislativa n.º 24, sessão n.º 1, pp. 57-58.

S.<sup>ta</sup> Maria de Oliveira do Castelo a 30-7-1919, filho de **Henrique Cardoso de Macedo**, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real (1849), 8º Senhor do prazo da Casa e Quinta de Margaride, etc. e de **D. Luísa Ludovina Araújo Martins da Costa**, Senhora da Casa da Veiga em S. Pedro de Azurém, etc. Filhos:



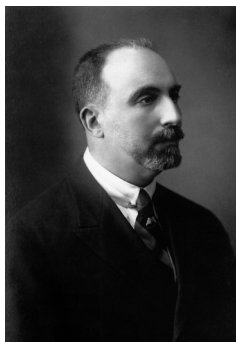
D. Luísa da Conceição Cardoso de Macedo Martins de Menezes (1867-1936), Senhora da Casa da Ribeira em S. João da Ponte, phot. da Casa Real União Pinho Henriques (Porto) em -12-1905 e Casa da Ribeira em S. João da Ponte, Guimarães (coleção de Filipe Folque de Mendôça, 4º Conde de Rio Grande)

**3.1.1.1.2.4.3.1 (IX) D. Luísa da Conceição Cardoso de Macedo Martins de Menezes**, Senhora da Casa da Ribeira em S. João da Ponte, Guimarães, onde consagrou uma capela à Sagrada Família<sup>70</sup>; dedicou-se a muitas obras de caridade: asilos, irmandades, nomeadamente da Conferência de S. Vicente de Paula, etc.

\* na Casa do Carmo, S.<sup>ta</sup> Maria de Oliveira do Castelo em Guimarães a 4-4-1867, † solteira na Casa da Ribeira, S. João da Ponte a 9-8-1936, sem geração.<sup>71</sup>

<sup>70</sup> cf. A Casa da Ribeira em S. João da Ponte era privilegiada de N. Sr.a da Oliveira (Tábuas Vermelhas). Esta casa foi comprada pelo 1º Conde de Margaride a seu primo co-irmão Eduardo Martins de Queirós Montenegro, então Delegado do Procurador Régio em Baião em 1900.

<sup>71</sup> cf. Maria Adelaide Pereira de Moraes - «Casal da Ribeira de Cima», in Boletim de Trabalhos



Henrique Cardoso de Macedo Martins de Menezes (1868-1933),  
2º Conde de Margaride e Casa de Margaride em S. Romão de Mesão Frio, Guimarães  
(coleção de D. Isabel Maria Nazareth Cardoso de Menezes de Moraes)

**3.1.1.1.2.4.3.2 (IX) Henrique Cardoso de Macedo Martins de Menezes**, 2º Conde de Margaride (autorização de El-Rei D. Manuel II de -8-1920), Fidalgo Cavaleiro da Casa Real por sucessão (alvará de 23-2-1897), Governador Civil de Santarém (de 6-6-1906 a 15-2-1908), Vereador da Câmara Municipal de Guimarães, Juiz Substituto da comarca de Guimarães, 10º Senhor da Casa de Margaride (1896)<sup>72</sup>, Senhor da Casa do Carmo em

---

Históricos, vol. XXIV, n.º 1-4, Guimarães: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, 1964, p. 8; J.A. Teixeira, op. cit., vol. III, 1951, Cardosos Pintos de Menezes - Senhores da Quinta das Hortas em Vila Real - Condes de Margaride, p. 430; Luís Miguel Pulido Garcia Cardoso de Menezes - Os Condes de Margaride e a sua descendência, 1ª edição, Lisboa: Instituto D. João VI, 2007, p. 45.

<sup>72</sup> cf. Casa de Margaride em S. Romão de Mesão Frio, Guimarães: A primeira senhora de que há notícia da quinta de Margaride é a Condessa Mumadona Dias, fundadora do Mosteiro de S.<sup>ta</sup> Maria de Guimarães, que a legou a Sesita e a sua filha Bronili, religiosas professoras. A 15-5-1021, esta última vende a sua Villa Margariti a Idila e a sua mulher Astileova; a 9-2-1044, Idila, conjuntamente com suas filhas Bronili e Felícia, vende-a a D. Elsinda, também religiosa professora. Em 1059, D. Fernando Magno, Rei de Castela e de Leão, no seu inventário de propriedades e igrejas em Guimarães, ao tratar desta freguesia menciona apenas a igreja de S. Romão de Mesão Frio e a quinta de Margaride. Passam-se os tempos e por doação de 18-5-1314, transita esta quinta para a posse do Cabido da Colegiada de Guimarães. Este facto determinará que a partir de 7-11-1423, passasse a quinta de Margaride a beneficiar do “Privilégio das Tábuas Vermelhas”, concedido nesta data à dita colegiada. Sucedem-se os empenhamentos até que no último quartel do séc. XVII (1678), fica o domínio da quinta de Margaride na família dos Condes de Margaride e ainda hoje se mantém na sua descendência. A primeira descrição da casa data de 1507 e dizia o seguinte «*casa torre, telhada, com três*

S.<sup>ta</sup> Maria de Oliveira do Castelo, Guimarães, 10<sup>o</sup> Senhor da Capela de S.<sup>to</sup> António em S. João Baptista de Arroios, Vila Real (em co-propriedade com seus irmãos de 31-12-1911 a 30-4-1912 e único proprietário por escritura de compra a seus irmãos a 1-5-1912 até à sua morte a 17-4-1933), Senhor das quintas do Casal de Bairro de Cima e de Baixo, Cans de Cima, Loureiro Velho e Novo em S.<sup>ta</sup> Eulália de Fermentões, Guimarães, Bacharel formado em Direito pela U. de Coimbra (5-7-1894)<sup>73</sup>, Chefe do partido Regenerador franquista (a 12-7-1901) e do Regenerador-Liberal no concelho de Guimarães (em 1903), Presidente do partido Católico nesta cidade (a 5-5-1918), Provedor da Real Irmandade de N. Sr.<sup>a</sup> da Consolação e Santos Passos (1908-1914), Presidente da Comissão Administrativa das Oficinas de S. José (1917-1926), etc., etc.

Em Coimbra, quando da viagem de D. Carlos I para o Norte em -11-1891, houve um incidente: o grupo de estudantes que veio saudar o Rei, chocou com outro grupo que pretendia dar vivas à

---

*portas d'arco onde mora João Gonçalves*». Actualmente a casa é composta por três corpos distintos: uma marcadamente medieval e apoiado numa torre de planta quadrangular (o último andar da torre foi demolida nos finais do séc. XIX); um outro corpo existia já em 1507 - sendo a varanda construída nos finais do séc. XVII; por fim, o último e mais alto corpo é fruto das obras de ampliação, ocorridas no final do século XIX.

<sup>73</sup> cf. Para a biografia do 2<sup>o</sup> Conde de Margaride consulte-se: F. Gilberto Pereira - Homenagem à Memória do Conde de Margaride Dr. Henrique Cardoso de Macedo Martins de Menezes, Guimarães, 1934; Acácio Casimiro - À memória do 2<sup>o</sup> Conde de Margaride Dr. Henrique Cardoso de Macedo Martins de Menezes: Lenitivo à saudade, Guimarães: Separata do Mensageiro do Coração de Jesus, 1933; Alfredo Pimenta - Páginas Minhotas «O 2<sup>o</sup> Conde de Margaride», Lisboa: Organizações Bloco, 1950, pp. 89-91, e Luís Miguel Pulido Garcia Cardoso de Menezes, op. cit., pp. 49-51; Maria Adelaide Pereira de Moraes e José Couceiro da Costa, co-autor - Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos: história de uma real irmandade, Guimarães: Real Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, 2004, pp. 115-121, 130-132, 156, 247; Helena Cardoso de Macedo e Menezes e Maria Adelaide Pereira de Moraes - Genealogias Vimaraneses, Braga: Tipografia Liv. Cruz, 1967, pp. 114-116; Armando Carneiro da Silva - As récitas do V.<sup>o</sup> Ano, Coimbra: Coimbra Editora, 1955, pp. 64-67; Maria Adelaide Pereira de Moraes - Ao Redor de Nossa Senhora da Oliveira, Braga: Barbosa & Xavier, 1998, p. 475; J.A. Teixeira, op. cit., 8 e vol. III, 1951, Cardosos Pintos de Menezes - Senhores da Quinta das Hortas em Vila Real - Condes de Margaride, p. 430; em relação à formatura em Direito pela Universidade de Coimbra, consulte-se Faculdade de Direito, Actos, ano 1894, vol. 39, fl. 144v (Cota AUC-1<sup>o</sup> D-3-4-53).

República. De regresso à capital, o Rei insistiu em parar em Coimbra, dando recepção na gare e discursando brevemente. O 2º Conde de Margaride como estudante, pediu então licença para pegar no Príncipe Real, D. Luiz Filipe e mostrou-o à multidão com grande efeito. Os reis regressaram a Lisboa ao fim da tarde de 1-12-1891.<sup>74</sup>

Após obter o grau de bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra (1894), passou a residir na Casa do Carmo, onde por diversas vezes desempenhou cargo de juiz substituto da comarca de Guimarães e de Vereador da Câmara Municipal desta cidade.<sup>75</sup>

Ingressou na corrente política em que se encontrava João Franco. E este reconhecendo as nobres qualidades do seu amigo, dedicava-lhe particular estima e simpatia. A 12-7-1901, tomava posse da direcção do partido Regenerador (franquista), juntamente com o Visconde de Sendelo, Joaquim José de Meira e o Cónego Vasconcelos.<sup>76</sup>

No dia 11-10-1901, visita a cidade de Guimarães, o Príncipe Real, D. Luís Filipe, então com 15 anos, acompanhado do seu aio, Mouzinho de Albuquerque. Chegou pelas 15h30m da tarde, sendo esperado nas Taipas, pela câmara e autoridades civis, políticas e militares, estando nela englobado Henrique Margaride, juiz de Direito, administrador do concelho e secretário, acipreste de Guimarães, Associação Comercial de Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, etc.<sup>77</sup>

Mais tarde, criado o partido Regenerador-Liberal em Maio de 1903, pela cisão estabelecida no partido Regenerador, foi nomeado seu chefe no concelho de Guimarães. Neste posto, foi

---

<sup>74</sup> cf. Sobre a ida do Rei a Coimbra consulte-se: Rui Ramos - D. Carlos I, Lisboa: Círculo de Leitores, 2006, p. 92.

<sup>75</sup> cf. Abel Rodrigues - A Casa do Carmo (Guimarães), in revista Fórum n.º 41 (Jan. - Jun. 2007), Braga: Universidade do Minho, 2008, p. 205.

<sup>76</sup> cf. Sociedade Martins Sarmento, Commercio de Guimarães de 12-7-1901, XVIII Anno, n.º 1593, p. 2.

<sup>77</sup> cf. Sociedade Martins Sarmento, Commercio de Guimarães de 11-10-1901, XVIII Anno, n.º 1619, p. 2 e O Commercio de Guimarães de 20-3-1906, XXII Anno, n.º 2048, p. 2.

sempre muito estimado por todos os correligionários que eram em avultado número, por ser o partido de João Franco o maior e o mais representativo no referido concelho, não lhe faltando até o respeito dos próprios adversários políticos. Caracterizou a sua chefia pela delicadeza, prudência, atenção para com todos e interesse pelo progresso de Guimarães, sendo acompanhado na sua acção política pela comissão executiva concelhia, constituída por individualidades de alto valor, prontas a render-lhe sempre as homenagens da sua consideração.

Durante o governo de João Franco, exerceu o alto cargo de Governador Civil de Santarém. Segundo o jornal Independente de 10-6-1906, fora “*instado*” anteriormente por João Franco, presidente do Conselho, para ir governar o distrito de Braga, mas receando ferir “*quaisquer susceptibilidades*”, recusou-se formalmente a aceitar o honroso encargo, tendo então aceite o governo civil de Santarém.<sup>78</sup>

Desempenhou este cargo com a maior competência e com a maior rectidão, a ponto de conquistar o agrado de todas as correntes políticas locais e as mais vivas simpatias naquele meio. E tanto que ao retirar-se daquela cidade, teve a satisfação de receber de toda a população de Santarém, a última e bem significativa prova de estima e consideração que todos lhe tributavam, na despedida que lhe fizeram.

Apos o Regicídio (1908), regressou a Guimarães e desempenhou o cargo de provedor da Real Irmandade de N. Sr.<sup>a</sup> da Consolação e Santos Passos (1908-1914).<sup>79</sup>

A 23-5-1910, realizou-se uma manifestação do partido Regenerador-Liberal, na casa do visconde de Sendello, sendo esta presidida pelo seu chefe local, Henrique Margaride. Segundo o jornal Comércio de Guimarães de 24-5-1910, esta teria sido uma das maiores realizadas neste concelho «*Sem com isto querer-mos por*

<sup>78</sup> cf. Sociedade Martins Sarmento, Independente de 10-6-1907, Anno 5, n.º 237, p. 2.

<sup>79</sup> cf. Abel Rodrigues, ob. cit., p. 205.



*qualquer forma melindrar os outros partido locais, pois não está nos nossos propositos a reunião do partido regenerador-liberal de Guimarães que se realizou no passado domingo foi sem duvida a mais imponente e numerosa de quantas da mesma especie se tem realizado nos ultimos 30 anos».*<sup>80</sup>

A 27-6-1910, fazia entrega pessoal em Lisboa, ao Conselheiro de Estado, António Carlos Coelho de Vasconcelos Porto (1855-1924), da mensagem de adesão de mais de 500 correligionários e simpatizantes vimaranenses, que o elegiam como chefe do partido Regenerador-Liberal.<sup>81</sup>

Após a queda da Monarquia, conservando sempre o seu ideal político, tomou o retraimento a que as circunstâncias obrigaram, reactivando a sua acção em todos os movimentos eleitorais conservadores, que depois se seguiram. E mais tarde, quando reconheceu que a mais perfeita orientação de católico fervoroso seria acompanhar o centro, não deixou de tomar essa atitude, para assim dar tranquilidade e consolo à sua apurada consciência.

Na tormenta de 1910, esteve ligado ao salvamento dos bens monásticos do Mosteiro de Singeverga e a muitos conventos de Guimarães.<sup>82</sup>

Em 1911, foi preso devido aos seus ideais monárquicos e defesa na salvaguarda dos bens confiscados à Igreja. Ao correr a notícia, o povo vimaranense revoltou-se no Largo de S. Francisco, sendo dispersos por uma carga de Cavalaria. Conduzido para Braga, foi solto com grande alegria dos populares de Guimarães, que muito o estimavam e respeitavam, homenageando-o com uma manifestação.

A 5-5-1918, presidia ao directório e presidência do partido Católico no concelho de Guimarães, composto ainda por Fernando

---

<sup>80</sup> cf. Sociedade Martins Sarmento, Commercio de Guimarães de 24-5-1910, XXVII Anno, n.º 2458, p. 1.

<sup>81</sup> cf. Sociedade Martins Sarmento, Independente de 2-7-1910, 9º Anno, n.º 447, p. 2.

<sup>82</sup> cf. D. Gabriel de Sousa - Mosteiro de Singeverga: Cem anos de vida beneditina (1892-1992), Santo Tirso: Ora & Labora, 1992, p. 99.



Gilberto Pereira, vice-presidente do mesmo partido; João Martins de Freitas, 1º secretário; Rufino Esteves Pereira e padre João António Ribeiro, como tesoureiro.<sup>83</sup>

Como chefe incontestado dos monárquicos e católicos de Guimarães, apoiou a candidatura de Alfredo Pimenta para deputado nas eleições legislativas de 28-4-1918, aclamando-o vigorosamente na sala nobre da câmara municipal.<sup>84</sup>

Nas eleições legislativas de 10-7-1921, o novo Centro Católico dirigido por Lino Neto, entra na Câmara de Deputados com José Maria Braga da Cruz (por Braga) e António de Oliveira Salazar (por Guimarães) e no Senado com Fonseca Garcia e o cônego Dias de Andrade. Salazar, fora eleito graças ao facto do maior cacique monárquico local, o 2º Conde de Margaride, ter retirado a candidatura de Alfredo Pimenta, em proveito da candidatura do Centro e por indicação expressa de El Rei D. Manuel II, então exilado em Londres.<sup>85</sup>

Recebeu na sua Casa de Margaride em S. Romão de Mesão Frio, Guimarães, entre outros: D. Manuel Vieira de Matos (1861-1932), Arcebispo de Braga e Primaz das Espanhas (1-10-1914) e Bispo da Guarda (1903), por ocasião da sua entrada solene em Guimarães a 8-5-1915, tendo-se hospedado naquela casa durante alguns dias; e ainda nesse ano de 1915, por ocasião da sagração episcopal de D. João Lopes Leite de Faria (1874-1927), Bispo de Bragança e de Miranda (a 5-10-1915), a recepção deste e dos prelados sagrantes, Arcebispo Primaz, Bispo Conde de Coimbra e Bispo de Lamego, para um almoço distinto, após a solenidade religiosa.

A sua acção esmoler, foi uma das suas mais acentuadas características: contam-se relevantes serviços no Círculo Católico,

---

<sup>83</sup> cf. Sociedade Martins Sarmento, *Echos de Guimarães* de 5-5-1918, 5º Anno, n.º 210, p.1.

<sup>84</sup> cf. Abel Rodrigues, *ob. cit.*, p. 205 e Alfredo Pimenta, *ob. cit.*, p. 91.

<sup>85</sup> cf. Sobre o episódio de Salazar como deputado por Guimarães consulte-se Manuel Braga da Cruz - *As origens da democracia cristã e o salazarismo*, Lisboa: Presença, 1980, pp. 281-282.

no Asilo de S.<sup>ta</sup> Estefânia, na Real Irmandade de N. Sr.<sup>a</sup> da Consolação dos Santos Passos, na V.O.T. de S. Francisco e na Oficina de S. José, deixando bem assinaladas as suas gerências, durante as quais multiplicou a sua acção esmoler em prol dessas corporações.

Foi por sua iniciativa, que se deu o restauro da capela do Convento das Religiosas Capuchinhas, por esta ter sido saqueada, contribuindo com 100\$00 e obteve para o mesmo fim dos seus amigos vários e valiosos donativos.

A 19-3-1920, as Oficinas de S. José de Guimarães, prestaram-lhe homenagem em testemunho da gratidão que lhe era devida pelos altos serviços prestados e pelos diversos actos de benemerência a ela concedidos e colocou-se o seu retrato na galeria dos benfeitores.<sup>86</sup>

A 31-1-1923, sofre dum ataque cerebral, deixando-lhe como consequência, uma hemiplegia direita e a suspensão, para sempre, da linguagem articulada, sem contudo lhe atingir a lucidez das faculdades cognitivas.

Morre em 17-4-1933 e no dia 19 desse mês, baixa a uma campa rasa do modesto cemitério da sua freguesia, revestido do hábito de N. Sr.<sup>a</sup> do Carmo, da qual fora toda a vida especial devoto, envolvido em simples lençol de linho, com bainhas lisas e encerrado em modesto caixão forrado de pano preto, segundo expressamente deixara determinado.<sup>87</sup>

<sup>86</sup> cf. Abreu Araújo e Álvaro Fonseca - História breve das oficinas de S. José de Guimarães, Guimarães: Associação dos Antigos Alunos das Oficinas de S. José, 1989, pp. 36 e 42.

<sup>87</sup> cf. Para a biografia do 2º Conde de Margaride consulte-se: F. Gilberto Pereira - Homenagem à Memória do Conde de Margaride Dr. Henrique Cardoso de Macedo Martins de Menezes, Guimarães, 1934; Acácio Casimiro - À memória do 2º Conde de Margaride Dr. Henrique Cardoso de Macedo Martins de Menezes: Lenitivo à saudade, Guimarães: Separata do Mensageiro do Coração de Jesus, 1933; Alfredo Pimenta - Páginas Minhotas «O 2º Conde de Margaride», Lisboa: Organizações Bloco, 1950, pp. 89-91, e Luís Miguel Pulido Garcia Cardoso de Menezes, op. cit., pp. 49-51; Maria Adelaide Pereira de Moraes e José Couceiro da Costa, co-autor - Nossa Senhora da Consolação e e Santos Passos: história de uma real irmandade, Guimarães: Real Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, 2004, pp. 115-121, 130-132, 156, 247; Helena Cardoso de Macedo e Menezes e Maria Adelaide Pereira de Moraes - Genealogias Vimaranenses, Braga: Tipografia Liv. Cruz, 1967, pp. 114-116; Armando Carneiro da Silva - As récitas do V.º Ano, Coimbra: Coimbra Editora,

Alfredo Pimenta nas suas Páginas Minhotas faz o seu retrato *«A sua vida - viveu-a a dar-se: à cidade que muito amou, e aos pobres a quem muito quis (...) Adorava-o o Povo, que sabia que tinha nele um Pai carinhoso e não um cortezão interesseiro. A cidade inteira o adorava, porque o sabia sentinela eternamente vigilante dos seus interesses legítimos e das suas liberdades sagradas. Toda a gente, desde o pé descalço miserável até o bem fadado da Fortuna, toda a gente sabia que o Conde de Margaride vivia para servir, e tinha para si tudo quanto Deus lhe dera, desde o prestígio do nome até a abundância dos bens, era mais dos outros do que dele próprio (...) Caracterizou-o a bondade, a gentileza simples, de braços abertos, que desarma os mais desconfiados, e conquista os mais irascíveis, e doma os mais recalcitrantes (...)»*.<sup>88</sup>

Homem profundamente católico, fez voto secreto de jamais *«aprovar a maçonaria ou qualquer outra seita oculta que esteja, como esta, interiramente proibida pela Igreja Católica»* e consagrou-se ao Sagrado Coração de Jesus.<sup>89</sup>

\* na Casa do Carmo, S.<sup>ta</sup> Maria de Oliveira do Castelo, Guimarães a 24-2-1868, † na Casa de Margaride, S. Romão de Mesão-Frio, Guimarães a 17-4-1933 (no dia 19-4, realizou-se o enterro na igreja do Carmo em Guimarães; foi numerosíssima a assistência de todas as classes sociais, fazendo-se representar muitas que não puderam vir, como Suas Majestades as Rainhas D. Amélia de Orleães e D. Augusta Vitória de Hohenzollern e o Senhor Arcebispo Primaz, prelado da diocese).

---

1955, pp. 64-67; Maria Adelaide Pereira de Moraes - Ao Redor de Nossa Senhora da Oliveira, Braga: Barbosa & Xavier, 1998, p. 475.

<sup>88</sup> cf. Alfredo Pimenta, ob. cit., p. 90.

<sup>89</sup> cf. Este voto foi realizado no Palácio da Nunciatura em Lisboa a 2-7-1886, na presença do Núncio Apostólico Monsenhor Vicente Vannutelli e do Arcebispo Vigário-Geral, D. João Rebelo Cardoso de Menezes, Arcebispo de Mitilene, seu tio materno; in Acácio Casimiro, ob. cit., p. 9.



D. Ana Francisca Braamcamp da Cruz Sobral de Almeida Castelo Branco de Narbonne-Lara de Mello Breyner (1865-1955), 2ª Condessa de Margaride (coleção de Filipe Folque de Mendôça, 4º Conde de Rio Grande)

= em S. João Baptista, Almeirim, Santarém a 26-11-1892 com **D. Ana Francisca de Paula Assis de Borja Xavier de Sales Maria José Gabriela Joana Gonzaga Braamcamp da Cruz Sobral de Almeida Castelo Branco de Narbonne-Lara de Mello Breyner**, \* em Benfica, Lisboa a 30-7-1865, † na Casa de Margaride, S. Romão de Mesão-Frio a 18-12-1955, filha de **Hermano José Amalric Braamcamp Sobral de Mello Breyner**, 3º Conde de Sobral, representante do título ducal de Narbonne-Lara em França, com direito a Grandeza de Espanha de 1ª classe, M.F.C.R., etc., e de sua mulher **D. Francisca Maria das Dores de Almeida e Vasconcelos** (Lapa), Dama Camarista Honorária das Rainhas D. Maria Pia e D. Amélia.



João Cardoso Martins de Menezes (1869-1941), Senhor da Casa da Veiga em S. Pedro de Azurém (coleção da Dr.<sup>a</sup> Helena Maria Corrêa de Barros Cardoso de Macedo e Menezes) e Casa da Veiga em S. Pedro de Azurém, Guimarães em 1912 (coleção do Dr. José Cardoso de Menezes Couceiro da Costa - Casa de Margaride)

**3.1.1.1.2.4.3.3 (IX) João Cardoso Martins de Menezes,** representante por morte de seu irmão primogénito Henrique, do título de Conde de Margaride<sup>90</sup>, 11<sup>o</sup> Senhor da Casa de Margaride em S. Romão de Mesão-Frio, Guimarães Senhor da Casa da Veiga e da Veiga de Cima e da Eira em S. Pedro de Azurém<sup>91</sup>, das quintas de Pombal em S. Torcato, Taipa de Cima em S. Lourenço de Selho, etc.

A 21-4-1922, recebia breve apostólico de Sua Santidade o Papa Pio XI (1857-1939), concedendo-lhe a si e extensivo a sua mulher e filhos, faculdade e autorização de celebração de missa no oratório particular da sua Casa da Veiga em Guimarães.<sup>92</sup>

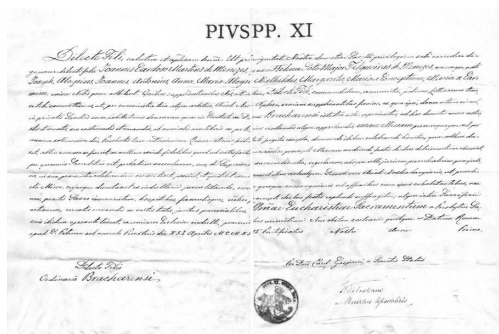
<sup>90</sup> cf. Sobre João Cardoso Martins de Menezes consulte-se: Alfredo Pimenta, ob. cit., pp. 143-146; J.A. Teixeira, op. cit., 8 e vol. III, 1951, Cardosos Pintos de Menezes - Senhores da Quinta das Hortas em Vila Real - Condes de Margaride, p. 435; e Luís Miguel Pulido Garcia Cardoso de Menezes, op. cit., p. 57.

<sup>91</sup> cf. O 1<sup>o</sup> prazo da Casa da Veiga em S. Pedro de Azurém, Guimarães (prazo reguengo), foi feito em Madrid a 10-11-1626, em nome de D. Diogo da Sylva, Marquês de Francavila, Vedor de S.M. e donatário dos reguengos a António Vaz, e s.m. Catarina Gonçalves, que foram 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> vida no prazo. Consulte-se ainda Maria Adelaide Pereira de Moraes - «A Casa da Veiga», in Boletim de Trabalhos Históricos de Guimarães, vol. XXIX, Guimarães, Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, 1978, pp. 87-89.

<sup>92</sup> cf. Arquivo Particular Casa de Margaride em S. Romão de Mesão Frio do Dr. José Cardoso de

Para Alfredo Pimenta, era ele um homem «*muito simples e desprezioso, nas suas maneiras, muito bem educado e afável, no seu trato (...) João Cardoso era desses lavradores ricos capazes de empobrecer por amor do bem dos outros (...) Quantas vezes não verifiquei o à vontade com que os mendigos lhe entravam os jardins, como se estivessem em casa sua - quero dizer, em casa que bem sabiam que lhes não fechava a porta, e que os não mandava embora, com as mãos a abanar (...)*».<sup>93</sup>

\* na Casa do Carmo, S.<sup>ta</sup> Maria de Oliveira do Castelo, Guimarães a 14-8-1869, † na Casa da Veiga, S. Pedro de Azurém, Guimarães a 16-1-1941.



Breve Apostólico de S.S. o Papa Pio XI (1857-1939) a 21-4-1922  
e D. Helena Madalena de Soutomaior Felgueiras (1871-1963)  
(coleção da Dr.<sup>a</sup> Helena Maria Corrêa de Barros Cardoso de Macedo e Menezes)

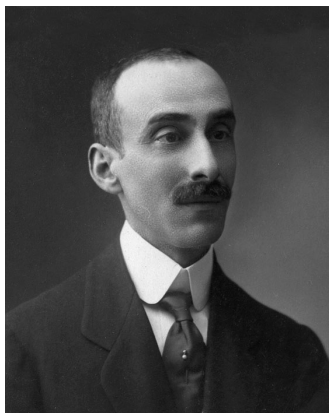
= na capela de S.<sup>ta</sup> Margarida, S. Paio, Guimarães a 7-2-1891  
com **D. Helena Madalena de Soutomaior Felgueiras**, \* em  
Guimarães a 19-11-1871, † na Casa da Veiga, S. Pedro de Azurém,  
Guimarães a 5-5-1963, filha de **José Baptista Felgueiras**, Moço  
Fidalgo da Casa Real, com exercício no Paço (alvará de 8-7-1868),  
e de sua mulher **D. Maria Francisca de Sousa Basto**.

---

Menezes Couceiro da Costa, Breve Apostólico de S.S. o Papa Pio XI (1857-1939), concedido a João Cardoso Martins de Menezes e extensivo a sua mulher e filhos, dando-lhe autorização de celebração de missa no oratório particular da Casa da Veiga em Guimarães a 21-4-1922.

<sup>93</sup> cf. Alfredo Pimenta, ob. cit., p. 144.





Luís Cardoso de Macedo Martins de Menezes (1871-1945),  
 Senhor da Casa do Carmo em S.ª Maria de Oliveira do Castelo, fotógrafo J. Monteiro no Porto  
 (coleção de D. Maria Amália Ana Júlia Cardoso de Macedo e Menezes)  
 e Casa do Carmo em S.ª Maria de Oliveira do Castelo, Guimarães

**3.1.1.1.2.4.3.4 (IX) Luís Cardoso de Macedo Martins de Menezes**, Diplomado com o Curso Superior de Letras, Senhor da Casa do Carmo em S.ª Maria de Oliveira do Castelo, Guimarães<sup>94</sup>, Senhor das quintas do Carvalho, Outeiro do Meio, Fundo de Vila de Cima em S. Jorge de Selho (Paraíso), dos Patos de Cima e de Baixo, Cabanelas, Pontes de Cima e de Baixo e Carvalheiras em Brito, do Monte de Baixo, Meirinho e Pontido na Polvoreira, Senhor da Casa

<sup>94</sup> cf. A Casa do Carmo dos Condes de Margaride em Guimarães, situa-se no Largo Martins Sarmiento. Pelos meados do século XVIII, pertenciam os terrenos onde ela se situava a Francisco Machado das Neves, abastado comerciante desta vila, cuja filha D. Maria Rosa de Figueiredo das Neves (1761-1826), veio a casar com Domingos José Cardoso de Macedo (1733-1796), Fidalgo de Cota de Armas (carta de brasão de armas de El Rei D. José I de Portugal (a 16-11-1770). Desconhece-se a data exacta da sua construção e bem assim a autoria da mesma, sabendo-se apenas que nela vivia em 1788, Domingos José Cardoso de Macedo. Sucedeu-lhe seu filho, Domingos Cardoso de Macedo (1780-1849), último Capitão-mor de Guimarães (1813), casado com D. Luísa Rosa Araújo Martins da Costa (1775-1854). Deste casal, é a autoria da construção do piso superior, acima da cornija do andar nobre. Por morte do capitão-mor, fica esta casa para sua mulher, que em testamento a lega a sua sobrinha e cunhada, D. Luísa Ludovina Araújo Martins da Costa. Esta última, ainda em sua vida a doa a seu filho (em 1866), Luís Cardoso Martins da Costa Macedo (1836-1919), 1º Conde de Margaride, que aqui recebe por diversas vezes a Família Real Portuguesa. Por sua morte, sucede-lhe nesta casa seu terceiro filho varão, Luís Cardoso de Macedo Martins de Menezes (1871-1945), casado com D. Júlia Leonor Pinheiro Lobo Machado.

e Quinta de Riba d'Ave e de Cabo de Vila em Ronfe, Guimarães, das Bouças em Ruivães e da Cova em S.<sup>ta</sup> Maria de Oliveira, no termo de Vila Nova de Famalicão, etc.; dedicou grande parte da sua vida a obras de caridade na cidade de Guimarães, tendo sido Mesário da O. Terceira de S. Francisco, fundador e colaborador da casa dos Pobres e do Asilo de S.<sup>ta</sup> Estefânia, etc.

A 22-9-1920, recebia breve apostólico de Sua Santidade o Papa Benedicto XV (1854-1922), concedendo-lhe a faculdade e autorização de celebração de missas nos oratórios particulares das suas casas que fossem de sua habitação, dentro dos limites da cidade de Guimarães, sendo este diploma extensivo a seus irmãos, Luísa e Henrique e a sua cunhada Francisca Braamcamp de Mello Breyner.<sup>95</sup>

A 17-4-1937, recebia novo breve apostólico de Sua Santidade o Papa Pio XI (1857-1939), estendendo a graça de missas no oratório particular da Casa do Carmo, a sua mulher e filhos.<sup>96</sup>

Diplomado com o Curso Superior de Letras, centrou a sua vida e administração do seu património na Casa do Carmo, dedicando-se a diversas obras de caridade no concelho de Guimarães.

Foram recebidas na Casa do Carmo, diversas personalidades ilustres e membros das Famílias Reais que se deslocavam a Guimarães: De 8 a 12-6-1927, o Núncio Apostólico e Delegado de Sua Santidade o Papa Pio XI para Portugal, Monsenhor Sebastiano Nicotra (1855-1929), Arcebispo de Heraclea (1917-1928) e

---

<sup>95</sup> cf. Arquivo Margaride, Casa do Carmo, Breve Apostólico de Sua Santidade o Papa Benedicto XV, concedendo autorização de celebração de missas nos oratórios particulares das suas casas que fossem de sua habitação dentro dos limites da cidade de Guimarães, a Luís Cardoso de Macedo Martins de Menezes, a seus irmãos Luísa e Henrique e sua cunhada Francisca Braamcamp de Mello Breyner a 22-9-1920; J.A. Teixeira, op. cit., 8 e vol. III, 1951, Cardosos Pintos de Menezes - Senhores da Quinta das Hortas em Vila Real - Condes de Margaride, p. 431; e Luís Miguel Pulido Garcia Cardoso de Menezes, op. cit., pp. 107-108.

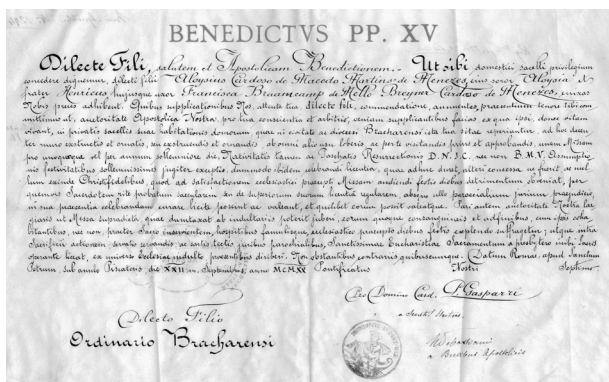
<sup>96</sup> cf. Arquivo Margaride, Casa do Carmo, Breve Apostólico de Sua Santidade o Papa Pio XI, estendendo a graça de missas no oratório particular da Casa do Carmo, à esposa e filhos de Luís Cardoso de Macedo Martins de Menezes a 17-4-1937.



D. Manuel Vieira de Matos (1861-1932), Arcebispo de Braga (1914), que lá permaneceram enquanto durou o 2º Congresso Eucarístico Nacional de Guimarães (1927); a 20-2-1945, S.A.I.R. o Príncipe do Brasil, D. Pedro de Alcântara Gastão de Orleães e Bragança (1913), e sua mulher S.A.R. a Princesa D. Maria Esperança de Bourbon, das Duas Sicílias (1914); a 16-7-1949, S.A.R. o Senhor D. Duarte Nuno (1907-1976), Duque de Bragança, Herdeiro do Trono de Portugal, quando da sua primeira visita a Guimarães; a -11-1950, S.A.I.R. o Arquiduque de Áustria e Príncipe Real da Hungria e da Boémia, Joseph Arpád (1932), que aliás repetiu a 2-2-1952; a 22-10-1951, S.A.R. a Infanta D. Filipa de Bragança (1905-1991), que já visitara esta casa antes da revogação da lei n.º 2040 do Banimento de 27-5-1950 e depois em 1953, para agradecer a recusa de nela se albergar o Presidente da República, General Francisco Craveiro Lopes; a 4-6-1952, D. António Bento Martins Júnior (1881-1963), Arcebispo de Braga (1932-1963), D. António Valente da Fonseca (1884-1972), Bispo de Vila Real (1933) e D. Abílio Augusto Vaz das Neves (1894-1980), 15º Bispo de Bragança e de Miranda (1939); a 6-6-1952, D. Domingos da Silva Gonçalves (1891-1960), Bispo da Guarda (1952-1960); a 15-8-1953, D. Manuel Gonçalves Cerejeira (1883-1977), Cardeal Patriarca de Lisboa (desde -12-1929), Arcebispo de Mitilene (1928), durante as Festas Milenárias de Guimarães (entre 22-6-1953 a 15-8-1953); a 6-1-1973, D. Francisco Maria da Silva (1910-1977), Arcebispo de Braga (1963-1977); a 30-1-1976, S.A.R. o Senhor D. Duarte Pio (1945- ), Duque de Bragança, Herdeiro do Trono de Portugal; a 24-6-1980, S.A.R. o Senhor D. Miguel (1946- ), Duque de Viseu; a 27-9-1980, D. Eurico Dias Nogueira (1923- ), Arcebispo de Braga (1977-1999); a 1-12-1980, S.A.R. o Senhor D. Duarte Pio (1945- ), Duque de Bragança, Herdeiro do Trono de Portugal, recebeu nesta casa por ocasião do aniversário da Restauração, as saudações dos monárquicos nortenhos; a 1-7-1990, S.A.I.R. o Príncipe do Brasil, D. Bertrand de Orleães e Bragança

(1941); a 24-8-1990, D. António Castro Xavier Monteiro (1919-2000), Bispo de Lamego (1972) e Arcebispo de Mitilene (1966-1972), nas celebrações do centenário de D. Júlia Leonor.<sup>97</sup>

\* na Casa do Carmo, S.<sup>ta</sup> Maria de Oliveira do Castelo, Guimarães a 10-8-1871, † aí a 27-2-1945.



Breve Apostólico de Sua Santidade o Papa Benedicto XV a 22-9-1920  
e D. Júlia Leonor Pinheiro Lobo Machado (1890-1996)  
(coleccção de D. Maria Amália Ana Júlia Cardoso de Macedo e Menezes)

= na capela da Casa de Pindela, Santiago da Cruz, Famalicão a 27-11-1922 com **D. Júlia Leonor Pinheiro Lobo Machado**, que por ocasião da visita do General Francisco Higínio Craveiro Lopes a Guimarães nas Festas Milenárias em 22, 23 e 24-6-1953, as autoridades abordaram-na, solicitando-lhe a disponibilidade da Casa do Carmo para acolher o Chefe de Estado e a sua comitiva. A resposta foi negativa, pois uma casa que tivera a honra de receber os Reis de Portugal, não daria, boa guarida aos altos dignatários da República; tiveram então as autoridades, que procurar poiso alternativo, instalando-se na Casa de Carvalho de Arca em

<sup>97</sup> cf. Os dados relativos a Luís Cardoso de Macedo Martins de Menezes, foram retirados essencialmente de Gonçalo Monjardino Nemésio - Histórias de Inácios: A Descendência de Francisco de Almeida Jordão e de sua mulher D. Helena Inácia de Faria, 2 vols., Lisboa: Dislivro Histórica, 2005, pp. 378-383; e Luís Miguel Pulido Garcia Cardoso de Menezes, op. cit., pp. 107-108.

Polvoreira, Guimarães; teve esta senhora, a particularidade de viver até aos 106 anos, passando pelos séculos XIX e XX, \* em Haia, Holanda a 24-8-1890, † na Casa do Carmo, S.<sup>ta</sup> Maria de Oliveira do Castelo, Guimarães a 30-8-1996, sendo filha de **Vicente Pinheiro Lobo Machado de Mello e Almada**, 2º Visconde de Pindela, Embaixador de Portugal em Haia e Berlim, etc., e de sua mulher **D. Maria Amália de Souza Botelho Mourão e Vasconcelos**.



José Cardoso de Menezes Martins (1873-1954), Senhor da Quinta da Rana em S. Domingos de Rana, Carcavelos (coleção de Luís Miguel Pulido Garcia Cardoso de Menezes) e Quinta da Rana em S. Domingos de Rana, Carcavelos (coleção de Filipe Folque de Mendôça, 4º Conde do Rio Grande)

3.1.1.1.2.4.3.5 (IX) **José Cardoso de Menezes Martins**, Vereador (de 1906 a 29-11-1908 e de 30-11-1908 a 4-1-1910), Vice-Presidente (de 5-1-1910 a 16-8-1910) e Presidente da Câmara Municipal de Cascais (de 17-8-1910 a 5-10-1910 e de 13-6-1918 a 13-2-1919), Secretário da Assembleia Geral da Companhia das Lezírias do Tejo e Sado, Bacharel formado em Filosofia e Matemática pela Universidade de Coimbra (a 16-7-1897 e a 27-6-1898)<sup>98</sup>,

<sup>98</sup> cf. Em relação à formatura em Filosofia pela U. de Coimbra: consulte-se Faculdade de Filosofia, Actos, ano 1897, vol. 34, fl. 1v. (Cota AUC IV-1º D-3-3-79) e Faculdade de Matemática, Processos para obtenção de carta de curso Matemática, ano 1898 (Cota AUC IV-2º D-13-3).

Senhor da Casa e Quinta da Rana em S. Domingos de Rana, Carcavelos<sup>99</sup>, Senhor das quintas da Devesa Alta e Almoinha em S. Salvador do Souto, Fundevila, Melião, Vamoça e Freitas em S. Paio de Figueiredo e S. Martinho de Leitões, Bairro de Cima e de Baixo em S.<sup>ta</sup> Eulália de Fermentões e de casas da Misericórdia em Guimarães, Vila do Conde, etc.<sup>100</sup>

Em 1897 e 1898, obteve o grau de bacharel em Filosofia e Matemática pela Universidade de Coimbra.

Entre 1906-1910, exerce as funções de vereador, vice-presidente e presidente da Câmara Municipal de Cascais, nos executivos de Jaime Artur da Costa Pinto (de 2-1-1890 a 12-9-1909) e de Domingos Serapião de Freitas (de 5-1-1910 a 10-8-1910). Neste período, destacam-se como medidas mais emblemáticas para o concelho as seguintes: a 24-1-1906, os edis apreciam o projecto e orçamento para a construção do novo mercado de peixe na praça Serpa Pinto e em 21 de Fevereiro, o projecto de alteração do mercado das frutas; em 30-5-1906, o município manda proceder à colocação de contadores em todas as repartições em que a água é fornecida gratuitamente, como meio de regularizar os consumos; em 16-8-1906, é apresentada à vereação o projecto de escada para serventia entre a praia e a avenida D. Carlos I, decidindo-se em 5-9-1906, pôr em praça o projecto de construção do novo mercado

---

<sup>99</sup> cf. A Quinta da Rana está situada na freguesia de S. Domingos de Rana, no concelho de Cascais. O seu núcleo primitivo remonta ao século XVII, mas é em meados do século XVIII com a acção do Marquês de Pombal na região, que as quintas produtoras do vinho de Carcavelos tiveram a sua época áurea. É desta altura o andar nobre da casa da Quinta da Rana, com a sua escada de pedra e salão com tecto de maceira, bem ao estilo da casa fidalga. A quinta entra então em decadência, passando por diversas mãos no século XIX, até ser adquirida por José Cardoso de Menezes Martins em 1905, sendo recuperada e restaurada pelo mesmo em 1907.

<sup>100</sup> cf. Os dados relativos a José Cardoso de Menezes Martins, foram retirados essencialmente de Gonçalo Monjardino Nemésio - Histórias de Inácios: A Descendência de Francisco de Almeida Jordão e de sua mulher D. Helena Inácia de Faria, 2 vols., Lisboa: Dislivro Histórica, 2005, pp. 171-183; J.A. Teixeira, op. cit., 8 e vol. III, 1951, Cardosos Pintos de Menezes - Senhores da Quinta das Hortas em Vila Real - Condes de Margaride, p. 431; e Luís Miguel Pulido Garcia Cardoso de Menezes, op. cit., pp. 133-135.

de peixe; a 14-11-1906, a Câmara Municipal, toma conhecimento de um ofício da Sociedade de Propaganda de Portugal, acerca dos melhoramentos que deviam ser introduzidos no concelho; nesse mesmo dia, a câmara municipal resolve solicitar da administração da Companhia Real dos Caminhos-de-Ferro Portugueses, a remoção do grande depósito de carvão existente na estação da vila, em consequência das repetidas queixas dos proprietários de trens e dos moradores; em 2-1-1907, os edis analisam um ofício do delegado marítimo da vila pedindo o fornecimento de água para o novo quartel dos Marinheiros no sítio do Castelo; em 13-3-1907, tendo diminuído consideravelmente a água das nascentes da serra da Malveira que abasteciam a vila, a Câmara Municipal, resolve mandar colocar torneiras na canalização para que com facilidade se pudesse medir a água em diferentes pontos e bem assim nos chafarizes públicos; em 17-4-1907, a vereação determinava alargar a rua Visconde da Luz e em 8-5-1907, a de proceder ao alargamento da rua Afonso Sanches até à rua Avelar; em 29-5-1907, discute-se em torno de um ofício do Governador Civil de Lisboa, remetendo dois projectos de obras relativos à Estrada Municipal do Largo do Gama à avenida Valbom e da estrada municipal da Malveira à Peninha, lanço da Malveira ao Chafriz da Serra; em 4-9-1907, atendendo à escassez de água, manda-se construir dois depósitos, um junto aos que existiam no sítio do Lombo e outro próximo do lugar da Abuxarda; a 26-12-1907, resolve-se anunciar praça para a arrematação da construção do novo mercado de peixe, decidindo-se a 15-1-1908, enviar uma representação ao Governo, para se obter um desvio de verbas do fundo de viação municipal, para ser substituída a canalização que abastecia de água as povoações do Monte Estoril e S. João do Estoril por outra de maior diâmetro, num percurso de 2220 metros; a 8-7-1908, aprecia-se o pedido do Delegado Marítimo da vila, para o estabelecimento de uma linha telefónica ligando a Secretaria da Delegação com o Quartel

dos Praças de Marinhagem; em 12-8-1908, decide-se enviar um telegrama à Câmara dos Deputados, requerendo que fosse votada uma lei regulamentando a indústria do jogo, a exemplo do que se praticava em Espanha, França e Bélgica; em 18-11-1908, analisa-se um requerimento de moradores da vila pedindo a recolocação total ou parcial dos bicos de incandescência que estiveram acesos durante a época banhear, etc.

Quando da queda da Monarquia a 5-10-1910, exercia o cargo de presidente do município de Cascais. Contam os jornais «O Século» de 7 de Outubro e a «Voz do Povo» de 17 desse mês, que, desde o começo do tiroteio em Lisboa, na vila de Cascais, havia grande ansiedade por falta de notícias dos acontecimentos. Na noite de segunda para terça-feira, concentraram-se os populares revoltosos em Carcavelos, esperando a hora de entrarem em serviço revolucionário. À uma hora da madrugada tomaram o cabo submarino e cortaram as comunicações terrestres. Na quarta-feira de manhã (dia 5), a notícia da vitória foi ali recebida e em todas as povoações das nove às dez horas da manhã. Houve muitas manifestações em todas as localidades e foram içadas bandeiras republicanas no Campo Entrincheirado, S. Julião da Barra e Forte Duque de Bragança. Aquando das novas da revolução, o Infante D. Afonso encontra-se na região, instalando-se na Cidadela, pois havia guarda e a população de Cascais era na sua maioria afeiçãoada ao regime. Entretanto o iate «Amélia» segue até à baía, recebendo em breve, o Infante que no automóvel do visconde de Linhó percorre a vila, acompanhado pelo seu ajudante, passando pelos grupos armados que não o hostilizam. A estação telegráfica, transforma-se num posto de permanência, onde rodeado pelas autoridades locais, recebe as últimas notícias da capital. Rocha Martins, refere-se mesmo de uma linha de defesa de centenas de homens armados em volta da Cidadela de Cascais, que aguardavam ordens. Face à possibilidade de um bombardeamento da Cidadela,

D. Afonso, recolhe à residência do 1º Conde de Arnoso, até ser obrigado a abandonar a vila. O então administrador do concelho, D. Fernando de Castelo Branco e o presidente da autarquia José Cardoso de Menezes Martins pedem a demissão, sendo substituídos respectivamente por João José Dinis (nesse dia) e Abeilard Raul Fragoso de Vasconcelos (a 13 desse mês).

Destemido defensor da Igreja, nos piores tempos da perseguição religiosa (1910-1911), pôs a sua casa à disposição da autoridade eclesiástica, para nela se exercer o culto, enquanto não foi possível reabrir a igreja paroquial. A 12-12-1934, recebia autorização de Sua Santidade o Papa Pio XI (1857-1939), para celebrar missa no oratório da sua quinta de Rana em S. Domingos de Rana, Carcavelos.<sup>101</sup>

Durante a presidência de Sidónio Bernardino Cardoso da Silva Pais (1872-1918), exerce novamente o cargo de presidente da câmara de Cascais, então constituída em comissão administrativa de 13-6-1918 a 13-2-1919.<sup>102</sup>

\* na Casa do Carmo, S.<sup>ta</sup> Maria de Oliveira do Castelo, Guimarães a 10-10-1873, † em Belém, Lisboa a 18-6-1954.

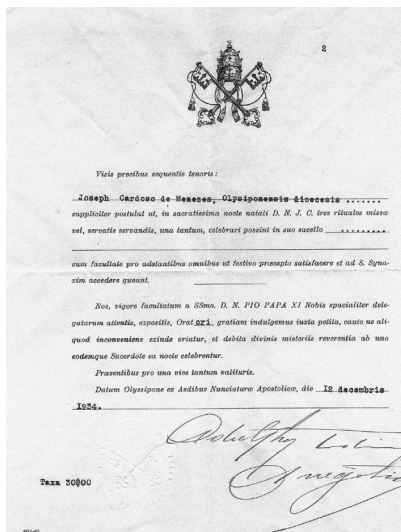
= em S. João Baptista, Almeirim, Santarém a 11-2-1901 com **D. Margarida Maria José Braamcamp de Mello Breyner**, \* no Coração-de-Jesus, Lisboa a 23-3-1873, † na Lapa, Lisboa a 5-1-1950, irmã da 2ª Condessa de Margaride e filha dos 3ºs Condes de Sobral, onde vem a sua ascendência, com geração.

---

<sup>101</sup> cf. Documento da Nunciatura Apostólica em Lisboa, Portugal datado de 12-12-1934.

<sup>102</sup> cf. Como autarca consulte-se: José Encarnação - Cascais, vila da Corte: oito séculos de história, Cascais: Câmara Municipal, 1975, pp. 412-414 e 455-456, João Miguel Henriques - História da freguesia de Cascais, Lisboa: Collibri, 2004, pp. 200-206 e Cascais: do final da monarquia ao alvorecer da República (1908-1914), Lisboa: Collibri, 2001, pp. 144-148, 157-158.





D. Margarida Maria José Braamcamp de Mello Breyner (1873-1950) (coleção de Luís Miguel Pulido Garcia Cardoso de Menezes) e Autorização de Sua Santidade o Papa Pio XI (1857-1939), para celebrar missa no oratório da quinta de Rana em S. Domingos de Rana a 12-12-1934



Alberto Cardoso Martins de Menezes Macedo (1878-1947), Senhor da Casa de Caneiros em Fermentões, Guimarães, Major de Cavalaria (coleção de Luís Miguel Pulido Garcia Cardoso de Menezes)





Casa de Caneiros em Fermentões, Guimarães  
(colecção de Luís Miguel Pulido Garcia Cardoso de Menezes)

**3.1.1.1.2.4.3.6 (IX) Alberto Cardoso Martins de Menezes Macedo**, Major de Cavalaria, Governador Civil do Porto (de 3-8-1918 a 3-1-1919), Senador (de 19-7-1918 a 21-2-1919), Promotor da Justiça no Tribunal Militar, Comandante duma coluna contra os revoltosos de Vila Real (a 5-1-1919), Senhor da Casa de Caneiros em S.<sup>ta</sup> Eulália de Fermentões, Guimarães, combatente na 1.<sup>a</sup> Guerra Mundial, onde comandou em Angola o 3.<sup>o</sup> Esquadrão do Regimento de Cavalaria n.º 9 (a 22-8-1914), habilitado com o Curso de Cavalaria da Escola do Exército (a 18-10-1901), Director das Escolas Regimentais (de 16-1-1916 a 1-8-1916), Director de Instrução dos Oficiais Médicos Milicianos (a 29-8-1916), Medalha de Prata de Classe de Comportamento Exemplar (a 15-11-1913), Medalha de Prata Comemorativa das operações militares realizadas no Sul de Angola em 1914-1915 (a 18-1-1917), Vogal da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, Director da Companhia do Porto Colonial (com diversos trabalhos topográficos e agrícolas em Angola, Moçambique e Cabinda), etc.<sup>103</sup>

<sup>103</sup> cf. J.A. Teixeira, op. cit., 8 e vol. III, 1951, Cardosos Pintos de Menezes - Senhores da Quinta das Hortas em Vila Real - Condes de Margaride, p. 435; Luís Miguel Pulido Garcia Cardoso de Menezes, op. cit., pp. 209-211; Alfredo Pimenta - Páginas Minhotas «Elegia sobre a morte dum amigo», Lisboa: Organizações Bloco, 1950, pp. 209-216; como Senador consulte-se: AHP, Arquivo Histórico Parlamentar, Senado da República: Sessão de 6-8-1918, p. 1; sobre os acontecimentos de 1919, consulte-se José Luciano Sollari Allegro - História da Monarquia do

Assentou praça como voluntário no Regimento de Cavalaria n.º 2 em 13-8-1897. A 15-11-1902, foi promovido a Alferes por decreto desta data, sendo Aspirante a Oficial do Regimento de Cavalaria n.º 9. Passou ao serviço das Guardas Municipais em 31-12-1904, sendo colocado na Guarda Municipal do Porto a 1-1-1905. Promovido a Tenente a 1-12-1906, passou ao regimento de Cavalaria n.º 6 a 20-7-1907. A 14-11-1907, passou à situação de Adido por ir servir na Guarda-Fiscal. Foi colocado na circunscrição do Norte, na situação de Adido, por lhe ter sido concedida licença ilimitada por decreto de 8-6-1911. Promovido a Capitão por decreto de 12-8-1912, foi colocado no 2º Esquadrão do Regimento de Cavalaria n.º 9 de 12 de Outubro desse ano. Passou ao Estado-Maior de Cavalaria, sendo nomeado adjunto do serviço de Recenseamento de Animais e Veículos da 6ª Divisão do Exército a 9-11-1912. A 19-12-1913, foi nomeado Capitão do 3º Esquadrão do Regimento de Cavalaria n.º 9.

Em 11-9-1914, no início da 1ª Guerra Mundial, embarcou com destino à província de Angola, desembarcando em Mossâmedes em 1 de Outubro desse ano, onde comandou o 3º Esquadrão de Cavalaria n.º 9. De lá regressou à Metrópole em 2-7-1915, desembarcando em Lisboa em 1 de Agosto deste ano. Ascendeu ao posto de Major para o regimento de Cavalaria n.º 11, por decreto de 12-11-1917. Passou ao regimento de Cavalaria n.º 9 a 30-3-1918.

Monárquico convicto, havia três figuras que admirava profundamente: El-Rei D. Carlos I, João Franco e Sidónio Pais.<sup>104</sup>

---

Norte, Amadora, 1988, pp. 73-77, 94-99 e Damião Peres - História de Portugal, Suplemento, Porto, 1954, p. 206; como Oficial do Exército consulte-se AHU / Arquivo Histórico Militar, processo individual, caixa 2778; jornal "O Tripeiro" de 1-8-1990. A Casa de Caneiros foi comprada por este em 24-5-1917, in Maria Adelaide Pereira de Moraes - «A Casa de Caneiros», in Boletim de Trabalhos Históricos de Guimarães, vol. XXV, Guimarães, Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, 1965, p. 28.

<sup>104</sup> cf. Alfredo Pimenta - Páginas Minhotas «Elegia sobre a morte dum amigo», Lisboa: Organizações Bloco, 1950, pp. 209-216.

A 22-5-1918, foi incutido por João Tamagnini de Sousa Barbosa (1883-1948), Ministro do Interior (de 15-5-1918 a 8-10-1918), para se filiar no Partido Nacionalista Republicano, mas salientou não ter qualquer orientação partidária: *«Como resposta ao seu pedido para me filiar no Partido Nacional Republicano devo dizer qual a minha orientação, embora me custe fazer declarações por escripto que possam ser apreciadas pelo publico, porque no nosso paiz analysam-se as palavras com o fim de arranjar pretextos para intrigar e mal-dizer. Principiarei por lhe declarar que nunca até hoje estive filiado em qualquer partido politico e, como não gosto da carreira e julgo pouco conveniente para militares, muito desejava assim continuar»*.<sup>105</sup>

Colaborou com a República Nova, sendo eleito Senador pela província do Minho nas listas monárquicas a 28-4-1918. Desempenhou esse cargo de 19-7-1918 a 20-2-1919, participando essencialmente na sessão legislativa de 19-7-1918 a 7-11-1918. Na sessão parlamentar de 6-8-1918, foi nomeado para fazer parte da Comissão da Guerra, juntamente com os senadores José Tavares de Araújo e Castro, José Marques Pereira Barata, Fernando de Almeida Cardoso de Albuquerque (Mangualde) e D. José Freire de Serpa Leitão Pimentel, para a revisão dos decretos ditatoriais publicados até à abertura do Parlamento.<sup>106</sup>

A 3-8-1918, seguiu para o Porto, para desempenhar o alto cargo de Governador Civil do Porto, que aceitou apenas porque entendia *«que ninguém se devia escusar a prestar auxílio a quem como Sidónio Pais, representou naquele momento a ordem e a disciplina indispensáveis para qualquer País prosperar»*. Durante o seu mandato, teve de fazer frente a uma série de epidemias, problemas de subsistência, greves e manifestações de desordem pública.

---

<sup>105</sup> cf. Sociedade Martins Sarmento, Echos de Guimarães de 23-6-1918, 5º ano, n.º 271, p. 1

<sup>106</sup> cf. Como Senador consulte-se: AHP, Arquivo Histórico Parlamentar, Senado da República: Sessão de 6-8-1918, p.1

A 14-12-1918, Sidónio Pais, Presidente da República era assassinado, seguindo-se então um breve período de agitação política e militar. A Junta Militar do Porto, decide-se pela “independência” e torna pública a sua mutação em Junta Governativa, a quem competia de futuro, a gestão dos assuntos do Norte do País. De entre os nomes, que nesta proclamação se dão como integrantes da junta, figura o Major Margaride.

Contudo o Governador Civil do Porto, como mediano entre o poder central e os descontentes do Norte, providencia para que a referida proclamação não chegasse a ser distribuída na capital. Para aqui se dirigiu, portador dos recados da oficialidade ao Almirante João do Canto e Castro Silva Antunes (1862-1934), Presidente da República (1918-1919). No regresso, veio acompanhado de novas, que tranquilizaram os militares, pois não se voltou a ouvir falar da Junta Governativa.

Mas a 3-1-1919, a nomeação do Coronel António Germano Guedes Ribeiro de Carvalho (1889-1967), oficial de prestígio e com ligações ao partido Democrático, para exercer o comando da 6<sup>a</sup> Divisão Militar de Trás-os-Montes, com sede em Vila Real, ateou as desconfianças dos oficiais sidonistas, contra a decisão do ministério de Tamagnini Barbosa. Precisamente nesse dia, o Major Margaride, cessava funções como Governador Civil do Porto.

Organizou então a Junta Militar do Norte contra o Coronel Ribeiro de Carvalho, uma coluna mista comandada pelo Major Alberto Margaride. A 6-1-1919, a coluna chegava à Régua, delirantemente ovacionada pela população local. A 8-1-1919, dá-se um reencontro entre essas forças e uma parte da guarnição de Vila Real nas cercanias desta cidade, com mortes e feridos de parte a parte, logo seguido de armistício, pois entretanto João Tamagnini de Sousa Barbosa (1883-1948), Primeiro-Ministro (de 23-12-1918 a 27-1-1919), resolvera aceder às reclamações políticas da Junta Militar, remodelando a 7 de Janeiro o Ministério. Logo no dia 9

de Janeiro, o Coronel Ribeiro de Carvalho era demitido das suas funções e o Major Margaride evacuado para o Porto, atacado de problemática bronco-pneumonia.

Os acontecimentos ulteriores, não os pode presenciar, visto estar retido no leito, debatendo-se com a enfermidade. Foi através dos familiares, que soube da restauração da Monarquia no Porto a 19-1-1919 e em toda a região do Minho, Trás-os-Montes (à excepção de Chaves) e as Beiras até à linha do Vouga.

A 15-2-1919, após ver a sua casa saqueada e roubada e sofrendo muitas perseguições e ameaças de morte, pediu ao Ministro da Guerra, que se dignasse imediatamente demiti-lo de Oficial do Exército, garantido pela sua honra nunca ter participado ou tido influência em qualquer movimento político. No entanto, foi demitido do serviço do Exército por decreto de 24-2-1919 «*por haver tomado parte ostensiva nos últimos movimentos monárquicos*». <sup>107</sup> Teve então, que se exilar primeiro em Espanha e depois em África. Apenas regressou a Portugal, já na vigência do Estado Novo, sendo reintegrado na situação de reforma e no posto de Major por decreto de 11-11-1931. <sup>108</sup>

Fundador e criador da Casa dos Pobres em Guimarães, dedicou-se à indústria: fundou a Fábrica de Cortumes de Roldes em Fermentões e a Lacticínio no Porto. Distinto cavaleiro, venceu algumas provas de saltos e alta escola. Além de muitos artigos em jornais e revistas publicou: “O combate de Vila Real e outros esclarecimentos” em 1926, “A Hora da Justiça”, Famalicão, 1934, “A Indústria de Curtumes”, Porto, 1938, “Viagem de Estudo a Angola” em 1939, “Costumes e Aptidões dos Indígenas Africanos” em 1943, “Organizações Sociais” em 1944, um inédito sobre “O Estado Novo”

---

<sup>107</sup> cf. Sobre os acontecimentos de 1919, consulte-se José Luciano Sollari Allegro - História da Monarquia do Norte, Amadora, 1988, pp. 73-77, 94-99 e Damião Peres, História de Portugal, Suplemento, Porto, 1954, p. 206.

<sup>108</sup> cf. Como Oficial do Exército consulte-se AHU / Arquivo Histórico Militar, processo individual, caixa 2778.

em 1946, e colaborou na “Revista de Guimarães”, onde inseriu um interessante trabalho a que deu o título de “Subsídios para o Estudo de um plano de Fomento Colonial”, Guimarães, 1941.<sup>109</sup>

Foram recebidos na Casa de Caneiros em Fermentões, Guimarães, vários membros de Famílias Reais: De 15 a 19-2-1945, S.A.I.R. o Príncipe do Brasil, D. Pedro de Alcântara Gastão de Orleães e Bragança (1913) e sua mulher S.A.R. a Princesa D. Maria Esperança de Bourbon, das Duas Sicílias (1914), após o seu casamento passaram aqui alguns dias; a 1-12-1980, S.A.R. o Senhor D. Duarte Pio, Duque de Bragança, Herdeiro do Trono de Portugal, aqui jantou e dormiu; a 24-6-1980, S.A.R. o Senhor D. Miguel, Duque de Viseu, aqui jantou; e a 1-7-1990, S.A.I.R. o Príncipe do Brasil, D. Bertrand de Orleães e Bragança (1941).

\* na Casa do Carmo, S.<sup>ta</sup> Maria de Oliveira do Castelo, Guimarães a 8-8-1878, † em Vila do Conde a 24-8-1947.



D. Arminda Adelaide Baptista Sampaio (1878-1961)  
(coleção de D. Maria Adelaide Pereira de Moraes - Casa de Caneiros)

<sup>109</sup> cf. Sobre Alberto Cardoso Martins de Menezes Macedo, consulte-se “O Tripeiro” de 1-8-1990. A Casa de Caneiros foi comprada por este em 24-5-1917, in Maria Adelaide Pereira de Moraes - «A Casa de Caneiros», in Boletim de Trabalhos Históricos de Guimarães, vol. XXV, Guimarães, Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, 1965, p. 28; e Luís Miguel Pulido Garcia Cardoso de Menezes, op. cit., pp. 209-211.



= na igreja de S.<sup>to</sup> Estevão de Urgeses, Guimarães a 5-1-1901 com **D. Arminda Adelaide Baptista de Sampaio**, \* em S. Sebastião, Guimarães a 20-8-1878, † na Casa de Caneiros em Fermentões, Guimarães a 16-6-1961, filha de **João Gonçalves Baptista de Sampaio** e de sua mulher **D. Virgínia da Madre de Deus da Silva Ribeiro**, com geração.



Da esquerda para a direita: Luís Cardoso de Macedo Martins de Menezes (1871-1945);  
D. Luísa da Conceição Cardoso de Macedo Martins de Menezes (1867-1936);  
Alberto Cardoso Martins de Menezes de Macedo (1871-1947), ao colo;  
D. Ana Júlia Rebelo Cardoso de Menezes, 1<sup>a</sup> Condessa de Margaride (1838-1911);  
José Cardoso de Menezes Martins (1873-1954);  
Henrique Cardoso de Macedo Martins de Menezes, 2<sup>o</sup> Conde de Margaride (1868-1933);  
e João Cardoso Martins de Menezes (1869-1941)  
(colecção de D. Filipe Folque de Mendôça, 4<sup>o</sup> Conde de Rio Grande)



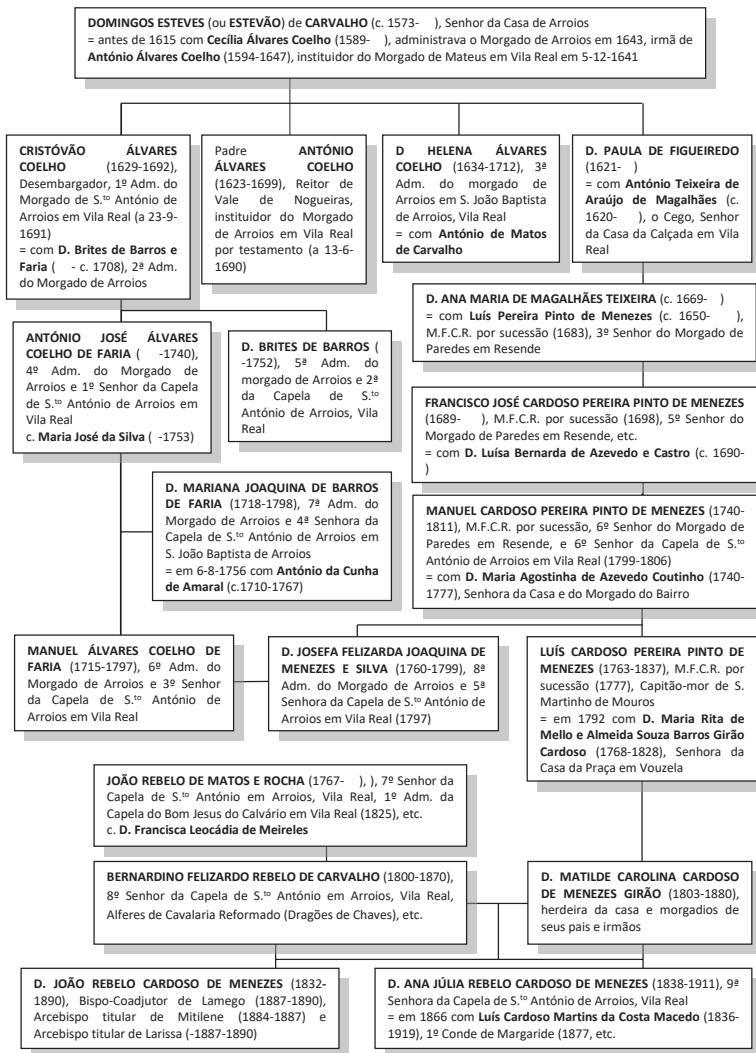
Família dos 1<sup>os</sup> Condes de Margaride em Vila do Conde a 28-9-1909: 1- João Felgueiras Cardoso de Macedo de Martins e Menezes (1899-1973), 12<sup>o</sup> Senhor da Casa de Margaride, S. Romão de Mesão-Frio, Guimarães, 2- José Cardoso Martins de Menezes (1895-1950), representante do título de Conde de Margaride, 3 - D. Matilde Carolina Felgueiras Cardoso de Menezes (1894-1976), 4 - Alberto Cardoso Martins de Menezes Macedo (1878-1947), Senhor da Casa de Caneiros em Fermentões, Guimarães, 5 - Henrique Cardoso de Macedo Martins de Menezes (1868-1933), 2<sup>o</sup> Conde de Margaride, 6 - João Cardoso Martins de Menezes (1869-1941), Senhor da Casa da Veiga em S. Pedro de Azurém, 7 - D. Luísa da Conceição Cardoso de Macedo Martins de Menezes (1867-1936), Senhora da Casa da Ribeira em S. João da Ponte, Guimarães, 8 - D. Maria Luísa Felgueiras Cardoso de Menezes (1893-1972), 9 - José Cardoso de Menezes Martins (1873-1954), Senhor da Quinta da Rana em S. Domingos de Rana, Carcavelos, 10 - Luís Cardoso de Macedo Martins de Menezes (1871-1945), Senhor da Casa do Carmo em Carmo em S.<sup>ta</sup> Maria de Oliveira do Castelo, Guimarães, 11 - D. Ana Júlia Felgueiras Martins Cardoso de Menezes (1892-1965), 12 - D. Arminda Adelaide Baptista de Sampaio (1878-1961), 13 - D. Helena Madalena de Soutomaior Felgueiras (1871-1963), 14 - D. Ana Júlia Rebelo Cardoso de Menezes (1838-1911), 1<sup>a</sup> Condessa de Margaride, 15 - Luís Cardoso Martins da Costa Macedo (1836-1919), 1<sup>o</sup> Conde de Margaride, 16 - D. Ana-Francisca-de-Paula Braamcamp da Cruz Sobral de Almeida Castelo Branco de Narbonne-Lara de Mello Breyner (1865-1955), 17 - D. Margarida Maria José Braamcamp de Mello Breyner (1873-1950), 18 - Luís Henrique Cardoso Martins de Menezes (1897-1983), 19 - António Maria Cardoso Martins de Menezes (1908-1967), 20 - D. Maria da Conceição Cardoso de Macedo e Menezes (1903-1989), 21 - João Maria Cardoso de Macedo e Menezes (1904-1963), Senhor da Casa da Ribeira em S. João da Ponte, Guimarães, 22 - João de Jesus Cardoso de Menezes de Mello Breyner (1907-1976), 23 - Francisco de Borja de Mello Breyner Cardoso de Menezes (1904-1954), 24 - D. Luísa Adelaide Cardoso de Macedo e Menezes (1902-1992), 25 - D. Margarida Helena Cardoso de Macedo e Menezes (1902-1981), 26 - Henrique José de Mello Breyner Cardoso de Menezes (1905-1984), 27 - Hermano José de Mello Breyner Cardoso de Menezes (1904-1986), 28 - Domingos José Cardoso de Macedo e Menezes (1903-1932), 29 - Luís José Braamcamp Cardoso de Menezes (1902-1978)

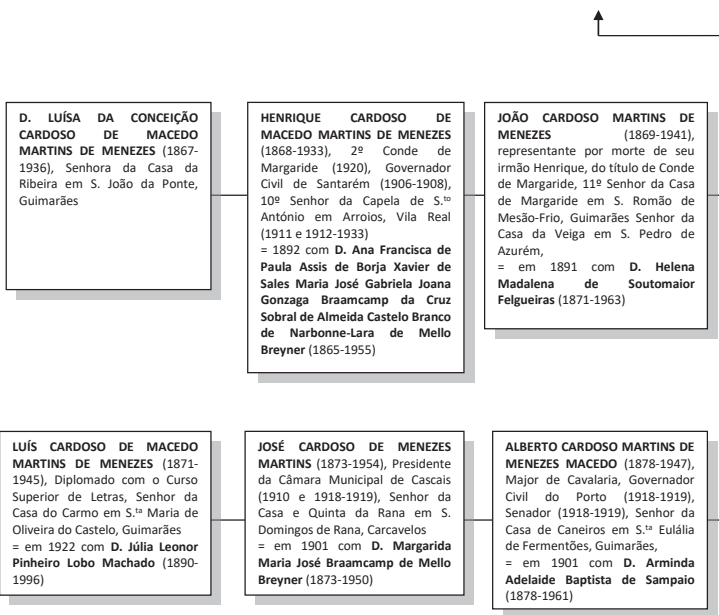




Croquis da fotografia da Família dos 1<sup>os</sup> Condes de Margaride em Vila do Conde a 28-9-1909

# Esquema genealógico dos titulares da Capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em Vila Real





## **Cronologia da Capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em Vila Real**

- 1690-6-13 - Testamento cerrado de vínculo do Morgado de Arroios do Reitor de Vale de Nogueiras, Padre António Álvares Coelho (1623- ).

- 1691-9-23 - Testamento cerrado de vínculo e morgadio do Dr. Cristóvão Álvares Coelho (1629- ), com a obrigação de construção duma capela.

- 1731-7-19 - Registo de papéis para a fábrica da Capela, que quer erigir António Álvares Coelho de Faria ( -1740), morador na sua quinta em Arroios, freguesia de S. João Baptista de Arroios, Vila Real.

- 1750-5-25 - Registo de provisão de licença Manuel Álvares Coelho de Faria (1715-1797), 3<sup>o</sup> Senhor do Morgado e Capela de S.<sup>to</sup> António em S. João Baptista de Arroios, Vila Real, para continuar na feitura da Capela, que tinha principiado seu pai.

- 1767-2-5 - Registo de provisão a Manuel Álvares Coelho de Faria (1715-1797), para benzer a Capela de S.<sup>to</sup> António em S. João Baptista de Arroios, Vila Real.

- 1770-8-9 - Registo de provisão a favor de Manuel Álvares Coelho de Faria (1715-1797), 3<sup>o</sup> Senhor do Morgado de Arroios, para colocar um confessionário na Capela de S.<sup>to</sup> António em S. João Baptista de Arroios, Vila Real.

- 1776-6-1 - Registo de provisão de licença a Manuel Álvares Coelho de Faria (1715-1797), para se usar o altar da Capela de S.<sup>to</sup> António em S. João Baptista de Arroios, Vila Real.

- 1784-1-15 - Casamento de Manuel Álvares Coelho de Faria (1715-1797), 3º Senhor do Morgado de Arroios com D. Josefa Felizarda Joaquina de Meneses e Silva (1760-1799).

- 1797-7-2 - Testamento de Manuel Álvares Coelho de Faria (1715-1797), 3º Senhor do Morgado de Arroios, a favor de sua mulher D. Josefa Felizarda Joaquina de Meneses e Silva (1760-1799).

- 1797-7-4 - Morte de Manuel Álvares Coelho de Faria (1715-1797), 3º Senhor do Morgado de Arroios, que foi sepultado na Capela de S.<sup>to</sup> António em S. João Baptista de Arroios, Vila Real, junto a sua casa

- 1799-3-5 - Óbito de mulher D. Josefa Felizarda Joaquina de Meneses e Silva (1760-1799), viúva 3º Senhor do Morgado de Arroios, que foi sepultada na Capela de S.<sup>to</sup> António em S. João Baptista de Arroios, Vila Real

- 1806-5-28 - Escritura de compra que fazem o Dr. António Rebelo de Matos Rocha ( -1810) e a seus irmãos a Manuel Cardoso Pereira Pinto de Menezes (1740-1837), da quinta, capela, casa e mais bens de raiz que este tinha em Arroios, bem como a quinta, casa e capela e mais bens de raiz que tinha no lugar de Gouvinhas em Vila Real.

- 1831-10-16 - Casamento de Bernardino Felizardo Rebelo de Carvalho (1800-1870), filho dum dos compradores dos bens em Arroios e Gouvinhas, que pertenceram a Manuel Cardoso Pereira

Pinto de Menezes, com D. Matilde Carolina Cardoso de Menezes Girão (1803-1880), descendente de D. Paula de Figueiredo, irmã dos 1<sup>os</sup> instituidores do morgado de Arroios em Vila Real.

- 1866-7-5 - Casamento de D. Ana Júlia Rebelo Cardoso de Meneses (1838-1911) com o Luís Cardoso Martins da Costa Macedo (1836-1919), 1<sup>o</sup> Conde de Margaride.

- 1870-8-2 - Morte de Bernardino Felizardo Rebelo de Carvalho (1800-1870), que foi sepultado na Capela de S.<sup>to</sup> António em S. João Baptista de Arroios, Vila Real.

- 1880-1-21 - Morte de D. Matilde Carolina Cardoso de Menezes Girão (1803-1880), que foi sepultada na Capela de S.<sup>to</sup> António em S. João Baptista de Arroios, Vila Real.

- 1890-6-5 - Morte de D. João Rebelo Cardoso de Menezes (1832-1890), Bispo-Coadjutor de Lamego (1887-1890), Arcebispo titular de Mitilene (1884) e Arcebispo titular de Larissa (1887), sendo sepultado na Capela de S.<sup>to</sup> António em S. João Baptista de Arroios, Vila Real.

- 1912-5-1 - Escritura de venda de bens em Arroios que fizeram os irmãos (Luísa, João, Luís, José e Alberto) a Henrique Cardoso de Macedo Martins de Menezes (1868-1933), 2<sup>o</sup> Conde de Margaride.

- 1993-11-27 - Classificação da Capela de S.<sup>to</sup> António em S. João Baptista de Arroios, Vila Real como IIP - Imóvel de Interesse Público, por decreto n.º 45/93, do Diário da República, I<sup>a</sup> Série-B, n.º 280 de 30-11-1993.

- 1998-3-9 - Doação da capela de Arroios por diversos membros da família Margaride à Junta de Freguesia de Arroios.

- 2013-8-25 - Após recuperação da Capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios, deu-se a sua abertura, bênção e missa celebrada por D. Amândio José Tomás (1943- ), Bispo de Vila Real (2011- ) e presidida pelo Eng. Rui Jorge Cordeiro Gonçalves dos Santos, presidente da Câmara Municipal de Vila Real a 25-8-2016.

## Administradores e proprietários do vínculo, morgadio e Capela de S.<sup>to</sup> António de Arroios em Vila Real

N.º	NOME	DE	A
1	Cristóvão Álvares Coelho (1629-1692)	13-6-1690	1692
2	Brites de Barros de Faria ( - c. 1708)	1692	c. 1708
3	Helena Álvares Coelho (1634-1712)	c. 1708	1712
4	António Álvares Coelho ( -1740)	1712	30-12-1740
5	Brites de Barros ( -1752)	1740	1752
6	Manuel Álvares Coelho de Faria (1715-1797)	c. 1750	4-7-1797
7	D. Mariana Joaquina de Barros e Faria (1718-1798)	1797	1798
8	D. Josefa Joaquina de Menezes e Silva (1760-1799)	1797	5-3-1799
9	Manuel Cardoso Pereira Pinto de Menezes (1740-1811)	5-3-1799	28-5-1806
10	João Rebelo de Matos e Rocha (1767- ) e seus irmãos	28-5-1806	
11	Bernardino Felizardo Rebelo de Carvalho (1800-1870)		2-8-1870
12	D. Ana Júlia Rebelo Cardoso de Menezes (1838-1911)	2-8-1870	31-12-1911
13	Henrique Cardoso de Macedo Martins de Menezes (1868-1933), 2º Conde de Margaride com seus 5 irmãos	31-12-1911	1-5-1912
14	Henrique Cardoso de Macedo Martins de Menezes (1868-1933), 2º Conde de Margaride	1-5-1912	17-4-1933
15	Diversos membros da Família Margaride	17-4-1933	9-3-1998
16	Junta de freguesia de Arroios em Vila Real	9-3-1998	



# Bibliografia

## 1 - MANUSCRITAS E NÃO PUBLICADAS

### 1.1 - Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT):

- Registo Geral de Mercês, Chancelaria de D. Afonso VI, Livro 28, fl. 45

### 1.2 - Arquivo Distrital de Braga:

- Inquirição de genere de António José Alvares Coelho de Faria ( -1740) e de seus irmãos Luís de Freitas e Barros (1681-1715) e Manuel Coelho de Faria (1682- ), DIO/MAB, Mitra Arquiepiscopal de Braga, Inquirições de Genere (1616-1911), 1689

### 1.3 - Arquivo Distrital de Vila Real:

- Arroios, Batismos 1 (1574-1670), TIF. 43, fl. 33 v.º, TIF. 47, fl. 28, TIF. 50, fl. 60 v.º; TIF. 59, fl. 68 v.º, TIF. 72, fl. 72; Batismos 2 (1675-1705), TIF. 2, 16, 17; Batismos 3 (1707-1727), TIF. 21 e 23, 26; Arroios, Casamentos 15 (1767-1801), TIF. 21, 23; Arroios, Óbitos 3 (1712-1911), TIF. 36, fl. 34 v.º; Óbitos 22 (1712-1808), TIF. 5, 10, 32-33, 36, 46, 49, 60, 72-74

### 1.4 - Arquivo Distrital de Viseu:

- S. João de Fontoura, Resende Baptismos 3 (1745-1761), TIF. 281 e 282  
- Vouzela, Baptismos 2 (1796-1822), TIF. 47, fl. 43 v.º

### 1.5 - Arquivo Histórico Militar (AHU):

- processo individual de Alberto Cardoso Martins de Menezes Macedo, caixa 2778

### **1.6 - Arquivo Histórico Parlamentar (AHP):**

- Senado da República: Sessão de 6-8-1918, p. 1

### **1.7 - Universidade de Coimbra:**

- Faculdade de Direito, Actos, ano 1894, vol. 39, fl. 144v (Cota AUC-1º D-3-4-53)
- Faculdade de Filosofia, Actos, ano 1897, vol. 34, fl. 1v. (Cota AUC IV-1º D-3-3-79)
- Faculdade de Matemática, Processos para obtenção de carta de curso Matemática, ano 1898 (Cota AUC IV-2º D-13-3)

### **1.8 - Arquivo da Casa de Mateus:**

- [Declaração] de venda de Cecília Álvares Coelho, 1643/11/22, SICM / SSC: 06.01 / SR / GAVETA 7 / SSR / ARROIOS / SSSR / MÇ 2
- [Certificado] de Testamento de Cristóvão Álvares Coelho, 1708/06/14, SICM / SSC: 06.01 / SR / GAVETA / SSR / ARROIOS INSTITUIÇÃO / SSSR/ MÇ 2
- Arquivo da Casa de Mateus, Sorte de partilhas de António Álvares Coelho. S.d., SICM / SSC: 06.01 / SR / GAVETA / SSR / ARROIOS INSTITUIÇÕES / SSSR/ MÇ 6
- [Apontamento] Genealógico de D. Luís António de Sousa Botelho Mourão, S.d, SICM / SSC: 06.01 / SR / APONTAMENTO / SSR APONTAMENTO GENEAL
- [Requerimento] e certificado de D. José Luís de Sousa Botelho Mourão e Vasconcelos 1770/06/29, SICM / SSC: 06.01 / SR / GAVETA 7 / SSR / ARROIOS INSTITUIÇÕES / SSSR/ MÇ 1
- [Requerimento] e [certificado] de D. Luís António de Sousa Botelho Mourão. 1770/07/04. Ver: SICM / SSC: 06.01 / SR / GAVETA / SSR / ARROIOS INSTITUIÇÕES / SSSR/ MÇ 3
- [Declaração] de posse de D. Maria Joaquina de Barros e Faria. S/d., SICM / SSC: 06.01 / SR / GAVETA 7 / SSR / ARROIOS INSTITUIÇÕES / SSSR/ MÇ 9

### **1.9 - Arquivo Margaride, Casa do Carmo:**

- Breve Apostólico de Sua Santidade o Papa Benedito XV, permitindo a concessão de missas nos oratórios particulares das suas casas que fossem de sua habitação dentro dos limites da cidade de Guimarães, a Luís Cardoso de Macedo Martins de Menezes, a seus irmãos Luísa e Henrique e sua cunhada Francisca Braamcamp de Mello Breyner a 22-9-1920

- Breve Apostólico de Sua Santidade o Papa Pio XI, estendendo a graça de missas no oratório particular da Casa do Carmo, à esposa e filhos de Luís Cardoso de Macedo Martins de Menezes a 17-4-1937

### **1.10 - Arquivo Casa de Margaride em S. Romão de Mesão-Frio, Guimarães, Dr. José Couceiro da Costa:**

- Breve Apostólico de S.S. o Papa Pio XI (1857-1939), concedido a João Cardoso Martins de Menezes e extensivo a sua mulher e filhos, dando-lhe autorização de celebração de missa no oratório particular da Casa da Veiga em Guimarães a 21-4-1922

## **2 - MONOGRAFIAS**

- ALLEGRO, José Luciano Sollari - História da Monarquia do Norte, Amadora, 1988

- ALMEIDA, Fortunato de - História da Igreja em Portugal, Tomo IV - 1750-1910, Parte III, Coimbra: Proprietário e editor Fortunato de Almeida, 1922

- CAPELA, José Viriato, coord.; Rogério Borralheiro, Henrique Matos - As freguesias do Distrito de Vila Real nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património, Braga: Barbosa & Xavier, Lda. - Artes Gráficas, 2006

- CARVALHO, Rosário - Capela de Arroios, in Património Cultural - Direção Geral do Património Cultural

- CASCAIS: do final da monarquia ao alvorecer da República (1908-1914), Lisboa: Colibri, 2001
- CASIMIRO, Acácio - À memória do 2º Conde de Margaride Dr. Henrique Cardoso de Macedo Martins de Menezes: Lenitivo à saudade, Guimarães: Separata do Mensageiro do Coração de Jesus, 1933
- CRUZ, Manuel Braga da - As origens da democracia cristã e o salazarismo, Lisboa: Presença, 1980
- CUNHA, José Tavares Afonso e - Notas Marinhoas: Notícias Históricas do concelho da Murtosa e das duas freguesias marinhoas do concelho de Estarreja, vol. 1, Murtosa: Livraria Ramos, 1965
- DUARTE, Joaquim Correia - História da Igreja de Lamego, Lamego, 2013
- ENCARNAÇÃO, José - Cascais, vila da Corte: oito séculos de história, Cascais: Câmara Municipal, 1975
- FONTE, Barroso da, coord. - Dicionário dos mais ilustres Transmontanos e Alto Durienses, vol. I. Guimarães: Editora Cidade Berço, 1998
- FREIRE, Anselmo Braamcamp - Brasões da Sala de Sintra, 2ª edição, vol. I, Sousas, Coimbra: Impr. da Universidade, 1921-1930
- GAYO, Manuel José da Costa Felgueiras - Nobiliário de Famílias de Portugal, 3ª edição, II, IV e VII Volume, Braga: Edições de Carvalhos de Basto, 1992
- GONÇALVES, Joaquim C. Barreira - O vínculo de morgado de Arroios e a sua capela de S.<sup>to</sup> António: subsídios para o seu estudo, in revista Tellus: Revista de cultura trasmontana e duriense, n.º 48, Vila Real: Grémio Literário Vila-Realense / Câmara Municipal de Vila Real, 2008
- GUERRA, Luiz de Bívar - O Brasão dos Morgados de Mateus-sua interpretação, in Armas e Troféus: Revista de História, Heráldica, Genealogia e de Arte, IIª Série, Tomo IV, 1963

- HENRIQUES, João Miguel - Cascais: do final da monarquia ao alvorecer da República (1908-1914), Lisboa: Colibri, 2001.
- HENRIQUES, João Miguel - História da freguesia de Cascais, Lisboa: Colibri, 2004
- MENEZES, Helena Cardoso de Macedo e Maria Adelaide Pereira de Moraes - Genealogias Vimaranenses, Braga: Tipografia Liv. Cruz, 1967
- MENEZES, Luís Miguel Pulido Garcia Cardoso de - «D. João Rebelo Cardoso de Menezes (1832-1890), Bispo-Coadjutor de Lamego (1887-1890), Arcebispo titular de Mitilene (1884) e de Larissa (1887)», in Cadernos Barão de Arêde - Revista do Centro de Estudos de Genealogia e Heráldica Barão de Arêde Coelho, N.º 4 (Abril-Junho 2015), [Albufeira]: Arandis Editora, 2015
- MENEZES, Luís Miguel Pulido Garcia Cardoso de - Os Condes de Margaride e a sua descendência, 1ª edição, Lisboa: Instituto D. João VI, 2007
- MORAES, Maria Adelaide Pereira de - «A Casa de Caneiros», in Boletim de Trabalhos Históricos de Guimarães, vol. XXV, Guimarães, Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, 1965
- MORAES, Maria Adelaide Pereira de - «A Casa da Veiga», in Boletim de Trabalhos Históricos de Guimarães, vol. XXIX, Guimarães, Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, 1978
- MORAES, Maria Adelaide Pereira de - «Casal da Ribeira de Cima», in Boletim de Trabalhos Históricos, vol. XXIV, n.º 1-4, Guimarães: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, 1964
- MORAES, Maria Adelaide Pereira de e José Couceiro da Costa, co-autor - Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos: história de uma real irmandade, Guimarães: Real Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, 2004
- MORAES, Maria Adelaide Pereira de - Ao Redor de Nossa Senhora da Oliveira, Braga: Barbosa & Xavier, 1998
- NEMÉSIO, Gonçalo Monjardino - Histórias de Inácios:

A Descendência de Francisco de Almeida Jordão e de sua mulher D. Helena Inácia de Faria, 2 vols., Lisboa: Dislivro Histórica, 2005

- PEREIRA, Esteves e Guilherme Rodrigues - Portugal: dicionário histórico, chorográfico, heraldico, biográfico, bibliográfico, numismático e artístico: abrangendo a minuciosa descrição... de todos os factos notáveis da história portuguesa, etc., etc. / obra il. com centenaes de photogravuras e redigida segundo os trabalhos dos mais notáveis escriptores por Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues, 4º vol: L-M, 1909. Lisboa: João Romano Torres, 1904-1915

- PEREIRA, F. Gilberto - Homenagem à Memória do Conde de Margaride Dr. Henrique Cardoso de Macedo Martins de Menezes, Guimarães, 1934

- PERES, Damião - História de Portugal, Suplemento, Porto, 1954

- PIMENTA, Alfredo - Páginas Minhotas «Elegia sobre a morte dum amigo», Lisboa: Organizações Bloco, 1950

- PIMENTA, Alfredo - Páginas Minhotas «O 2º Conde de Margaride», Lisboa: Organizações Bloco, 1950

- SILVA, Armando Carneiro da - As récitas do V.º Ano, Coimbra: Coimbra Editora, 1955

- SOUSA, D. Gabriel de - Mosteiro de Singeverga: Cem anos de vida beneditina (1892-1992), Santo Tirso: Ora & Labora, 1992.

- SOUSA, Fernando de, coord. e Natália Marinho Ferreira Alves - A Santa Casa da Misericórdia de Vila Real: História e Património, Vila Real: Cepese, 2011, p. 45

- TEIXEIRA, J.A. - Fidalgos e Morgados de Vila Real e Seu Termo, vol. I, II e III, Vila Real: Imprensa Artística, 1946, 1949 e 1951

- ZUQUETE, Afonso E.M. - Armorial Lusitano, Lisboa: Editorial Enciclopédia, Lda. 1961

## **Anexos**

### **- CARTAS DE/PARA HENRIQUE CARDOSO DE MACEDO MARTINS DE MENEZES (1868-1933)**

- Telegrama de Firmino João Lopes (1825-1906), presidente do partido Regenerador-Liberal de Lisboa para Henrique Cardoso de Macedo Martins de Menezes (1868-1933), presidente do partido Regenerador-Liberal em Guimarães a 25-1-1904

Lisboa, 25 ás 4,0 t.

Dr. Henrique Margaride

Guimarães

Cumprindo voto unanime assemblea geral d'este Centro venho manifestar V. Ex.<sup>a</sup> profundo reconhecimento, viva satisfação todos nos pelo brilhante acolhimento feito nosso querido chefe e seus companheiros pedindo transmita estes sentimentos nossos amigos e habitantes d'essa cidade.

Presidente Centro Regenerador-Liberal

Firmino João Lopes

(in Sociedade Martins Sarmento, O Commercio de Guimarães de 29-1-1904, XX Anno, n.º 1842, p. 1)



- Telegrama de Henrique Cardoso de Macedo Martins de Menezes (1868-1933), presidente do partido Regenerador-Liberal em Guimarães para o Conselheiro João Franco Ferreira Pinto de Castelo Branco (1855-1929) a 22-5-1910

Ex.<sup>mo</sup> Conselheiro João Franco

LISBOA

Partido Regenerador-Liberal Guimarães reunido com numerosa representação de todo o concelho, sauda V. Ex.<sup>a</sup> assegurando-lhe que mesmo retirado como está da vida politica gozará sempre aqui da mesma alta consideração e affectuosa estima, porque nunca serão esquecidos os beneficios feitos por V. Ex.<sup>a</sup> a Guimarães.

Henrique Cardoso de Menezes

(in Sociedade Martins Sarmento, O Commercio de Guimarães de 31-5-1910, XXVII Anno, n.º 2459, p. 2)

- Telegrama do Conselheiro João Franco Ferreira Pinto de Castelo Branco (1855-1929) para Henrique Cardoso de Macedo Martins de Menezes (1868-1933), presidente do partido Regenerador-Liberal em Guimarães a 22-5-1910

Henrique Margaride - Guimarães

Agradeço commovido affectuoso telegramma e posso tambem assegurar-lhes que quando morrer me encontrarão o nome de Guimarães gravado no coração.

João Franco

(in Sociedade Martins Sarmiento, O Commercio de Guimarães de 31-5-1910, XXVII Anno, n.º 2459, p. 2)

- Telegrama de Henrique Cardoso de Macedo Martins de Menezes (1868-1933), presidente do partido Regenerador-Liberal em Guimarães para o Conselheiro de Estado António Carlos Coelho de Vasconcelos Porto (1855-1924), ex-Ministro da Guerra (1906-1908) e presidente do partido Regenerador-Liberal a 22-5-1910

Ex.<sup>mo</sup> Conselheiro Vasconcellos Porto

LISBOA

Partido Regenerador-Liberal de Guimarães reunido em grande assembleia com representantes de todo o concelho sauda entusiasticamente V. Ex.<sup>a</sup> como seu chefe, assegurando-lhe seu apoio e leal dedicação.

Henrique Cardoso de Menezes

(in Sociedade Martins Sarmento, O Commercio de Guimarães de 31-5-1910, XXVII Anno, n.º 2459, p. 2)

- Telegrama do Conselheiro de Estado António Carlos Coelho de Vasconcelos Porto (1855-1924), ex-Ministro da Guerra (1906-1908) e presidente do partido Regenerador-Liberal para Henrique Cardoso de Macedo Martins de Menezes (1868-1933), presidente do partido Regenerador-Liberal em Guimarães a 22-5-1910

Henrique Cardoso de Menezes

## GUIMARÃES

A V. Ex.<sup>a</sup> e todos nossos amigos politicos agradeço penhorado as manifestações de lealdade partidaria que muito sinceramente apreciei.

Vasconcellos Porto

(in Sociedade Martins Sarmiento, O Commercio de Guimarães de 31-5-1910, XXVII Anno, n.º 2459, p. 2)

- Telegrama de Henrique Cardoso de Macedo Martins de Menezes (1868-1933), presidente do partido Regenerador-Liberal em Guimarães para o Correio da Manhã a 23-5-1910

Guimarães 23 t. - Reuniu hontem a assembleia geral do partido regenerador-liberal, do concelho de Guimarães, com muitissima e distincta concorrência e representação de todas as assembleias eleitoraes do concelho; decorreu com o maior entusiasmo sendo muito acclamado o ilustre chefe snr. Conselheiro Vasconcellos Porto.

Nunca em Guimarães houve assembleia politica tão concorrida.

Henrique Cardoso de Menezes

(in Sociedade Martins Sarmiento, O Commercio de Guimarães de 31-5-1910, XXVII Anno, n.º 2459, p. 2)

- Telegrama do Conselheiro de Estado António Carlos Coelho de Vasconcelos Porto (1855-1924), ex-Ministro da Guerra (1906-1908) e presidente do partido Regenerador-Liberal para Henrique Cardoso de Macedo Martins de Menezes (1868-1933), presidente do partido Regenerador-Liberal em Guimarães a 23-5-1910

Dr. Henrique Margaride

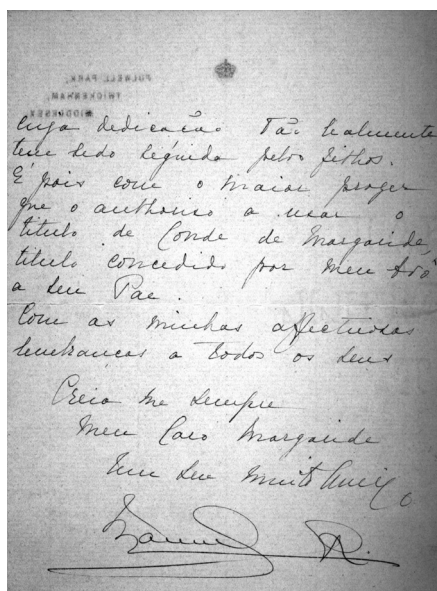
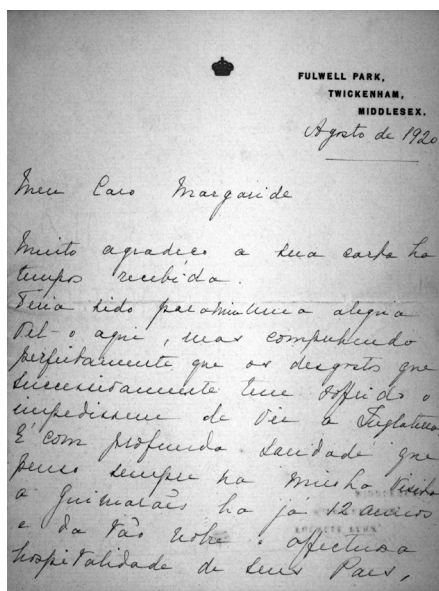
## GUIMARÃES

Envio cordeaux saudações a V. Ex.<sup>a</sup> e dedicados correligionarios d'esse concelho tendo no maior apreço sua demonstração de lealdade partidaria.

Vasconcellos Porto

(in Sociedade Martins Sarmiento, O Commercio de Guimarães de 31-5-1910, XXVII Anno, n.º 2459, p. 2)

- Autorização do uso do título de 2º Conde de Margaride, a Henrique Cardoso de Macedo Martins de Menezes (1868-1933) por carta do Rei D. Manuel II (1889-1932) de -8-1920



Carta do Rei D. Manuel II (1889-1932) a Henrique Cardoso de Macedo Martins de Menezes (1868-1933) de Fulwell Park, Twickenham, Inglaterra a -8-1920



Fulwell Park,  
Twickenham,  
Middlesex.  
Agosto de 1920

Meu Caro Margaride

Muito agradeço a sua carta ha tempos recebida.

Teria sido para mim uma alegria te-lo aqui, mas compreendo perfeitamente que os desgostos que successivamente tem soffrido o impediram de vir a Inglaterra.

É com profunda saudade que penso sempre na minha visita a Guimarães ha já 12 annos e da tão nobre e affectuosa hospitalidade de seus Paes, cuja dedicação tão lealmente tem sido seguida pelos filhos.

É pois com o maior prazer que o authorizo a usar o titulo de Conde de Margaride, titulo concedido por meu Avô a seu Pae.

Com as minhas affectuosas lembranças a todos os seus

Creia me sempre  
Meu Caro Margaride  
Um seu muito amigo

Manuel R.

(in Lourenço Correia de Matos - D. Manuel II e a Nobreza: Títulos autorizados no exílio (1910-1932), Lisboa: Dislivro Histórica, 2004 e Arquivo pessoal de João Manuel Corrêa de Barros Cardoso de Macedo e Menezes, 3º Conde de Margaride)

## **ARTIGOS DE/SOBRE HENRIQUE CARDOSO DE MACEDO MARTINS DE MENEZES (1868-1933)**

- Artigo de Henrique Cardoso de Macedo Martins de Menezes (1868-1933), futuro 2º Conde de Margaride sobre Francisco Agra a 26-6-1902

Francisco Agra passou os seus dias trabalhando desinteressadamente pelo bem da sua terra: n'isto está o seu elogio que me parece ser o mais elevado que lhe possa ser tributado. Não é pequeno o merecimento de homem que gasta a sua actividade e dispõe de todos os seus esforços em benefício da sua patria, mas se os seus serviços são desprendidos de todo o interesse e ambição, o merecimento redobra e o seu nome immortalisa-se n'essa terra.

Francisco Agra com o seu genio notavelmente trabalhador e luctador apprehendeu o engrandecimento de Guimarães e sem se amedrontar com as difficuldades que por vezes o poderiam fazer desanimar, conseguiu para esta cidade melhoramentos e vantagens taes, que o hão de proclamar sempre distincto e benemerito entre os mais distinctos e benemeritos filhos d'esta terra.

Foi apaixonadamente politico mas, coisa notavel, esta sua paixão revestia uma feição tão original e rara que merece ser registada como contraria ás ideas da epocha: refiro-me primeiramente á sua palavra e aos seus compromissos, que eram como factos sagrados, selados com o seu nome honradissimo; em segundo lugar á sua abnegação e de desinteresse não se aproveitando, como hoje é uso e praxe, das suas relações e serviços politicos em bem proprio para honras ou proveitos.

Nasceu rico e usou bem dos seus talentos como nos ensinou os Evangelhos, sustentando com o seu pão muitos desgraçados sem protecção nem abrigo, e distribuindo a outros abundantes salarios em remuneração do seu trabalho. Viveu modestamente, livre de

toda a ostentação, rejeitando sempre as honras e glorias que os serviços e posição lhe poderiam dar. Baixou ao mundo sem querer acceitar, apesar de repetidas instancias que para isso lhe foram feitas, um unico diploma com que a manificencia regia o poderia lisongear! Teve inimigos como os tem todo o homem firme nos seus principios, constante nas suas ideas e recto nas suas intenções e taes foram elles que ainda hoje depois do tragico fim da sua existencia, temem a sua memoria.

Henrique Cardoso M. de Menezes

(in Sociedade Martins Sarmiento, O Commercio de Guimarães de 26-6-1902, XIX Anno, n.º 1686, p. 2)

- Artigo de Henrique Cardoso de Macedo Martins de Menezes (1868-1933), futuro 2º Conde de Margaride sobre João Franco a 16-1-1904

Dies Irae

Proclamavam os governamentaes depois da scisão do seu partido que João Franco era homem morto. Afastando-se da igreja regeneradora onde reinava a pureza da fé e a unidade de crença premuna um shisma que lhe traria como consequencia o seu aniquilamento; mas ao mesmo tempo que isto diziam, muito os preocupava e amedrontava esse espectro terrivel que avivando-lhe sempre os remorsos de perseguidores, povoava-lhes a imaginação de negros sonhos e repellentes phantasmas. E digam-me então que os mortos não fazem mal a ninguém e que não voltam cá a este mundo!! Até agora, todas as manifestações feitas em honra de João Franco eram tomadas pelos governamentaes como homenagens funebres, considerando-as como flores d'uma grande coroa para colorir a sua pedra sepulcral. Mas hoje? Hoje são forçados a confessar a ressurreição do supposto morto e tantas provas de vitalidade, de força e de energia elle está dando que o paiz inteiro festivamente o acclama e recebendo-o entre palmas e os louros da victoria, chama-lhe o salvador da patria. Vejamos agora o reverso da medalha. Olhemos para o governo que com os seus anathemas quis condemnar João Franco: abatido e desalentado lá vae caminhando para a sepultura que elle proprio cavou e pode ainda ouvir com o sopro da vida que lhe resta o plangente e terrivel «Dies irae» que a nação inteira vae entoando já, em volta do seu leito d'agonia.

Henrique Cardoso M. de Menezes

(in Sociedade Martins Sarmento, Independente de 16-1-1904, 3º Anno, n.º 112, p. 2)

- Artigo de Henrique Cardoso de Macedo Martins de Menezes (1868-1933), futuro 2º Conde de Margaride sobre João Franco a 17-1-1904

O povo vimaranense, associando-se á manifestação que as provincias do Norte prestam a João Franco, paga, não direi, um tributo mas uma divida sagrada.

Essa divida impõe-se-nos e saldando-a espontanea e gostosamente, attestamos a violencia de que fomos victimas privando-nos na representação parlamentar do nosso antigo deputado e attestando isto, lavramos o nosso protesto contra a fraqueza d'um governo que só pôde conseguir os seus intentos recorrendo á arbitrariedade e á illegalidade. Bem vindo seja o nosso hospede insigne e illustre que mais uma vez nos honra com a sua visita e bem hajam os vimaranenses que acolhendo-o entusiasticamente como devem, regeitam a vil munificencia governativa e sem hesitações nem receio exprimem-lhe a sua adhesão, a sua absoluta confiança e o seu preito de reconhecimento. O povo vimaranense sempre destemido e corajoso na luta e na paz tomou ha annos por divisa - antes quebrar que torcer - hoje porem que mais que nunca a firmeza e o animo audaz são indispensaveis dirá antes: - nem quebrar nem torcer.

Henrique Cardoso M. de Menezes

(in Sociedade Martins Sarmiento, O Commercio de Guimarães de 17-1-1904, XX Anno, n.º 1839, p. 3)

- Artigo de Henrique Cardoso de Macedo Martins de Menezes (1868-1933), futuro 2º Conde de Margaride, sobre a visita pastoral de D. Manuel Vieira de Matos (1861-1932), Arcebispo de Braga (1914), Primaz das Hespanhas a Guimarães a 8-5-1915

## A visita pastoral

Pela quarta vez assisto á entrada solemne do nobre Primaz das Hespanhas na cidade de Guimarães e digo em boa verdade que nunca notei tanto entusiasmo e tanta satisfação como hoje noto. Nos tempos em que se apregoa o amortecimento da Fé Catholica, quando os Prelados portugueses se veem privados das suas rendas e antiquissimos privilegios e quando se acham extinctas as honras principescas a que tinham direito na sua primeira visita ás terras diocesanas, parece um caso inexplicavel e até paradoxal a anciedade e o interesse extraordinario que está despertando no animo de todos os vimaranenses a visita do virtuoso antistite. Facil se me afigura a explicação do caso e justifico-o com duas razões em vez d'uma só, afirmando que o rejuvenescimento da fé em Portugal depois da perseguição religiosa e o nome venerando e por todos os titulos respeitabilissimo do Senhor Dom Manuel Vieira de Mattos são as causas do entusiasmo geral, da sympathia popular e do esplendor da festa que hoje se realisa nesta cidade.

Que Deus conserve por largos annos nesta Archidiocese este illustre Prelado!!

Guimarães, 8 de Maio de 1915

Henrique Cardoso M. de Menezes

(in Sociedade Martins Sarmento, Echos de Guimarães de 9-5-1915, 2º Anno, n.º 61, p. 2)

- Artigo sobre Henrique Cardoso de Macedo Martins de Menezes (1868-1933), 2º Conde de Margaride a 19-2-1922

## CONDE DE MARGARIDE

Faz annos no proximo dia 24 o nosso venerando e querido chefe sr. Conde de Margaride.

Grande homem de bem, espirito esclarecido e culto, figura de superior relêvo moral, o sr. Conde de Margaride é o legitimo orgulho da nossa Terra, que o estima muitissimo pelo muitissimo que vale. Crente fervoroso como poucos, catolico pratico e politico inteligente, o illustre fidalgo é o chefe prestimoso do nosso Partido em Guimarães, chefe que ouvimos com respeito e que consideramos com estima, pela linha de impecavel cavalheirismo com que vem presidindo á Comissão Política local, e honrando uma Causa, que se orgulha de contar no número dos seus adeptos, a grande figura moral do Conde de Margaride.

O «Ecos de Guimarães» publicando o retrato de Sua Ex.<sup>a</sup>, vem prestar-lhe a sua homenagem e tem o prazer de reconhecer que o sr. Conde de Margaride, sem dúvida o Vimaranense mais venerado e querido, é um dos grandes benemeritos da nossa Terra, não havendo instituição de piedade e caridade que o não conte no número dos seus melhores e mais prestimosos benfeitores.

Incluimos nestes cumprimentos Sua Veneranda Esposa, a quem respeitosa e saudamos, bem como a illustre Familia Margaride, com o nosso melhor apreço e simpatia.

(in Sociedade Martins Sarmento, Ecos de Guimarães de 19-2-1922, 6º ano, n.º 6, p. 1)



**- CARTAS DE ALBERTO CARDOSO DE MARTINS DE MENEZES (1878-1947)**

- Carta de Alberto Cardoso Martins de Menezes Macedo (1878-1947), Major de Cavalaria para o redactor do jornal Primeiro de Janeiro de 22-5-1918

Snr. - Não sendo exacta a noticia publicada no seu conceituado jornal acêrca da minha filiação no Partido Nacional Republicano, venho contar a v. o que se passou e muito grato ficaria se no mesmo fôsem publicadas estas minhas declarações. Não foi s. ex.<sup>a</sup> o senhor Presidente da republica que me fallou em filiação politica, mas sim o snr. ministro do Interior, que realmente, quando esteve ultimamente no Porto, me pediu, momentos antes de se retirar, para me filiar no Partido Nacional Republicano. Fiquei de lhe dizer por escripto qual a minha orientação politica, e, cumprindo a minha promessa, no dia immediato lhe escrevi a carta que abaixo transcrevo.

Nada mais se passou.

De v. ex.<sup>a</sup>

Alberto Cardoso M. de Menezes Margaride  
major de cavalaria 9

(in Sociedade Martins Sarmento, Echos de Guimarães de 5-5-1918, 5º ano, n.º 210, p. 1)

- Carta de Alberto Cardoso Martins de Menezes Macedo (1878-1947), Major de Cavalaria para João Tamagnini de Sousa Barbosa (1883-1948), ministro do Interior (de 15-5-1918 a 8-10-1918) a 22-5-1918

22/5/1918

Ex.<sup>mo</sup> senhor ministro do Interior e meu presado cam.<sup>a</sup> - Como resposta ao seu pedido para me filiar no Partido Nacional Republicano devo dizer qual a minha orientação, embora me custe fazer declarações por escripto que possam ser apreciadas pelo publico, porque no nosso paiz analysam-se as palavras com o fim de arranjar pretextos para intrigar e mal-dizer. Principiarei por lhe declarar que nunca até hoje estive filiado em qualquer partido politico e, como não gosto da carreira e julgo pouco conveniente para militares, muito desejava assim continuar.

É opinião minha que, terminada a guerra, nós teremos de seguir a corrente que predominar na Europa e, sendo assim, necessario se tornam agora a união de todos os que alguma coisa valem para ser restabelecida a ordem, acabando com essas constantes luctas internas que não nos deixam socegar nem progredir.

O senhor presidente, libertando o povo da demagogia que o aterrava, chamando e dando a liberdade ás classes conservadoras ha tanto tempo escorraçadas, dispondo-se a reprimir energicamente os futuros attentados contra o socego do Paiz, protegendo as classes pobres com valiosos auxilios e fazendo-se cercar de novos, sem culpas nos erros passados e dispostos a iniciar uma educação differente, imprimindo nas gerações novas o character e qualidades que ha muito se não encontravam, conseguiu ter os applausos e o apoio da maioria da Nação.

Oxalá a intriga politica, lançada em todos os meios, não consiga trazer a desharmonia e promover novas luctas entre os que deviam estar unidos, porque isso seria a liquidação do Paiz.

Em tudo deve haver firmeza e, portanto, justo é que nos felizes ainda dotados de principios e convicções não mudem facilmente; mas neste momento tão grave para Portugal, quando todos os esforços são necesarios para se vencerem as enormes difficuldades da occasião, não se pode admittir a separação entre homens dignos e nem o governo os deve repellir nem tão pouco elles devem crear difficuldades.

Por assim pensar me colloquei ao lado de s. ex.<sup>a</sup> o senhor Presidente da republica, disposto a ajudal-o com a maior dedicação e lealdade por querer acima de tudo o bem do meu Paiz.

E creia que as pessoas como eu são tão firmes nos principios como incapazes d'uma deslealdade.

Parece-me que estas declarações valem bem mais do que filiações politicas feitas sem pensar por pessoas cujo temperamento amavel as leva a concordar com tudo para não cahirem no desagrado de ninguem. Não peço segredo do que digo e, julgando v. ex.<sup>a</sup> com orientação semelhante á minha e que, como portuguez, acima de tudo, trabalha desinteressadamente para salvar o paiz, estou certo de que, se um dia perder a esperanza e me retirar, já o encontrarei na rua, com toda a sua bagagem, egualmente desanimado.

- De V. Ex.<sup>a</sup> att.<sup>o</sup> ven. obg.<sup>mo</sup>-

Alberto Cardoso Martins de Menezes Margaride

(in Sociedade Martins Sarmento, Echos de Guimarães de 23-6-1918, 5<sup>o</sup> ano, n.<sup>o</sup> 271, p. 1)

- Família Margaride em Guimarães segundo Alfredo Pimenta em 1950

*Segundo Alfredo Pimenta «esta família tem, em Guimarães, acima de tudo, uma larga e fundada tradição de bondade (...) Fazer bem, deixar atrás de si um rasto carinhoso de simpatia e reconhecimento, foi sempre preocupação desta família vimaranense (...) É o destino dos Margarides de Guimarães - deixar atrás de si um coro intermínio de saudade e um rosário infinito de lágrimas (...) Todos eles eram diferentes, nas suas psicologias, nas suas preocupações, nas suas reacções morais ou da inteligência; mas havia entre eles um traço comum, uma qualidade que singularmente os afectava a todos: a boa educação. Nunca vi irmãos de feitios tão diversos que fossem ao mesmo tempo iguais. Em maneiras, em boa educação, em delicadeza de palavras e actos, na ciência de saber captar a simpatia, parecia que todos tinham sido moldados na mesma forma (...) Todos eles suficientemente abastados de fortuna, gozando na sua terra, legitimamente, o prestígio social que herdaram do pai, pertenciam ao número daquelas pessoas de quem se diz que não precisam nada de ninguém...Eram encantadores no trato, distribuindo-o igualmente, por pobres e ricos, por grandes e pequenos, por humildes e heróis, por obscuros e notáveis (...)*».

(in Alfredo Pimenta - Páginas Minhotas, Lisboa: Organizações Bloco, 1950, pp. 144-145, 209-216)



# Índice

Introdução . . . . .	5
Descrição arquitectónica: apontamentos artísticos da Capela de S. <sup>to</sup> António de Arroios em Vila Real . . . . .	7
A evolução histórico-familiar da Capela de S. <sup>to</sup> António de Arroios em Vila Real . . . . .	14
Genealogia da família Álvares Coelho e esquema genealógico dos titulares da Capela de S. <sup>to</sup> António de Arroios em Vila Real . .	34
Cronologia da Capela de S. <sup>to</sup> António de Arroios em Vila Real . . .	94
Administradores e proprietários do vínculo, morgadio e Capela de S. <sup>to</sup> António de Arroios em Vila Real . . . . .	98
Bibliografia . . . . .	99
Anexos . . . . .	105







